

PEDRO Freitas

90
ANOS

A VITÓRIA DO TRABALHO

Ana Karla Dubiela



Ana Karla Dubiela

PEDRO
Freitas
A VITÓRIA DO TRABALHO



FORTALEZA: 2016

PREFÁCIO

ANA KARLA DUBIELA

Desde os tempos mais remotos, nos reinos de outrora, havia sempre um escrevinhador contratado pelo rei para perpetuar seus feitos nos anais da História. Embora ainda não se falasse em “escrita do eu”, já havia a preocupação histórica de documentar, para as gerações futuras, o comportamento, o contexto, a cultura, a trajetória peculiar de um povo. É o registro através da escrita que permite a sobrevivência parcial da memória, unindo fatos passados com aquilo que nossa imaginação filtrou e moldou feito barro, em algum lugar entre a ficção e a realidade. Esse espaço que abriga generosamente fato e ficção, a biografia, torna-se um instrumento literário sedutor e polêmico, à medida que pode ser escrito com ou sem a autorização do biografado.

Ao receber o convite de Fernanda Freitas, através de sua amiga Vera Ponte, para escrever a história de vida do empresário e lojista Pedro Nolasco Teixeira de Freitas, fundador da Casa Freitas, não aceitei de imediato. O prazo era exíguo. As principais fontes de informação, com exceção do próprio Pedro Freitas, já haviam falecido (seus pais, tios, primos, amigos e irmãos). Restavam as novas gerações, que pouco sabem sobre a infância de Pedro, a não ser um ou outro “causo” contado por ele.

A ideia era fazer algo simples, de linguagem fácil e leitura ligeira, que marcasse o aniversário de 90 anos do lojista. A dúvida ainda me afligia quando fui conhecer Pedro Freitas e ele me desestimulou ainda mais: “Não tenho nada para contar, minha filha. Isso é invenção da

Fernanda, um livro sobre minha vida seria uma chatice”. Sem graça, comecei a puxar conversa com ele e mudei de opinião ali mesmo. Pedro Freitas, aquele senhor de 89 anos, era um poço sem fundo de histórias – e, às vezes, quanto mais antigas, mais cheias de detalhes. Boas histórias do passado, do presente e – quem diria – de um futuro embrionário que planeja disciplinadamente, todos os dias.

Depois de dezenas de entrevistas, comecei a contar, em curtos capítulos, sua infância em Itapipoca, seu trabalho na roça, com o jogo do bicho, como enfermeiro, camelô e, finalmente, como comerciante. O cenário muda com certa frequência: aos 16, sai de Itapipoca e vai estudar em Fortaleza. Poucos anos depois, após a morte do pai, Antônio, segue de pau de arara para o Rio de Janeiro em busca do seu sonho (e de sua mãe Tonha): ser médico. Deu tudo errado. Decepcionado com a capital carioca, arruma as malas e, de impulso, vai para São Paulo, onde não conhece ninguém. Ali, desiste de estudar e encara a difícil e instável profissão de camelô. Passou mais de uma década por lá, lutando contra toda a sorte de imprevistos e dificuldades. Mas a saudade apertou e ele decide, finalmente, voltar para Fortaleza.

O casamento com Onivalda, aos 38 anos, o nascimento dos filhos (Fernanda, Pedro e Marcelo) e a divisão dos bens ainda em vida são pontos importantes da vida do empresário. O crescimento do Grupo Freitas – a Casa Freitas, sob o comando de Fernanda e Marcelo; a Freitas Varejo,

de propriedade de Pedrinho – é vertiginoso. Em 2015, são 32 lojas: 17 Casas Freitas (Fortaleza e Maracanaú, no Ceará; São Luís/Maranhão e Teresina/Piauí) e 15 lojas Freitas Varejo (Fortaleza, Maracanaú, Juazeiro do Norte e Sobral, no Ceará; Salvador, na Bahia; e Mossoró, no Rio Grande do Norte). Pelo menos mais duas Casas Freitas deverão ser inauguradas em 2016, em Itapipoca e Caucaia.

Naquele jovem rapaz do sertão cearense, que passou 12 longos dias sacolejando dentro de um pau de arara, e nesse simpático e bem-sucedido senhor, sempre houve a capacidade incomum de enxergar boas oportunidades de negócio onde ninguém mais as vê, a perseverança própria dos que têm fé e a inabalável vontade de desafiar os próprios limites. Essa história de superação, escrita sobretudo para seus descendentes, há de interessar também a quem, de uma maneira ou de outra, se identifica com o jeito simples de viver e de fazer amigos do senhor Pedro Freitas.

Agradeço de coração a todos aqueles que gentilmente concordaram em ser entrevistados, a Pedro Freitas, seus filhos, sobrinhos, netos, amigos e, especialmente, a Fernanda e à irmã Célia, cujo apoio foi essencial para a conclusão desta narrativa. Que esta homenagem aos 90 anos de Pedro Freitas (25/03/2016), ao contrário do que ele supunha, seja leve e gostosa como uma lufada de vento fresco no rosto, em meio ao calor escaldante de nossa terra.

CASA FRIEDMAN


ESTABLECIMIENTO DE
MUEBLES DE
MADERA
Y
MATERIA PLASTICA

ECOS DE FABRICA

CASA FRIEDMAN
Muebles de Madera
y
Materia Plastica
Cuentos
Meios
Antiguos Platicos
Tus Muebles favoritos
en tu casa
PRAGA 10

ESPECIALIZADO EN
RENTAS DE
MUEBLES
ESTRANJEROS





“Reze como
se tudo
dependesse
de Deus
e trabalhe
como
se tudo
dependesse
de você”

*Reze como se tudo dependesse de Deus e trabalhe
como se tudo dependesse de você.*

APRESENTAÇÃO

Meu tio Pedro

MARIO TEIXEIRA*

Morei em Fortaleza entre os anos de 1980 e 1981. Meu tio Pedro era um homem jovem, ainda na força da idade, mas para mim já era um senhor. Como meu pai, que tinha morrido nessa época. A mudança de São Paulo para o Ceará foi traumática. Minha mãe, aos 40 anos, teve que arcar com as consequências de uma família desarticulada. Uma mulher na flor da idade, com cinco filhos. Fortaleza me parecia o que dizia o nome: uma fortaleza fechada ao mundo, quente, abafada, distante. Meu tio não pôde acolher a família toda. Ficamos em casa de parentes. Cinco irmãos separados, numa cidade estranha, num lugar árido e remoto, longe dos amigos. Os parentes eram muito diferentes. Entre São Paulo e Fortaleza há algo mais que centenas de quilômetros de separação. Foi como cair num abismo, emocional e físico.

Meu tio acolheu-me em sua casa. Era bem diferente do meu pai, um homem frio e distante, que educava a família com mão forte, receoso de que os filhos se desviassem do caminho reto. Tio Pedro tampouco jamais foi expansivo. Talvez seja uma característica nordestina. Como disse Graciliano Ramos, ao descrever a mãe num dos contos de *Infância*, que cito de memória: “uma mulher de pontas e arestas, pouco afeita a sorrisos”. Minhas tias eram assim. Duronas, severas, sempre prontas a castigar. Minha tia Zara, irmã mais velha de meu tio e de meu pai, tinha calos nos joelhos de tanto rezar por nós, como fazia questão de dizer.

Minha mãe me comprava livros às escondidas. O pai, como chamávamos o irmão do meu tio, achava que romances e novelas desviavam a atenção dos estudos. Tio Pedro dava dinheiro, a mim e ao Pedro, meu primo, seu filho, para comprar gibis. Sabia que leitura é hábito. O pai era um gigante, tão distante da minha infância; o tio era um homem comum. Um homem está sempre mais perto, porque é humano. O pai pouco falava; Tio Pedro me ensinava a lição de casa. Com meu pai fui me entender já adulto, com o meu tio sempre me entendi.

Tio Pedro faz 90 anos. Não é o pai que perdi, é o tio que eu quis ter. Cada qual tem o seu lugar. Eram dois irmãos que se amavam e se admiravam. Eram diferentes. Tio Pedro tem um pouco do meu pai, no nariz negroide, na nossa herança mestiça. O mesmo vigor físico, que o tempo, essa serpente, tenta envenenar. A última vez que estivemos juntos, dei a ele um romance, *Os miseráveis*, que ele não parou de ler até a minha partida. O vigor intelectual continua lá, intacto. Mesmo longe, estamos sempre perto. Mesmo tão diferentes, somos semelhantes, meu tio e eu.

MARIO TEIXEIRA. Roteirista de teledramaturgia da TV Globo e escritor. Entre os seus trabalhos estão as novelas *I Love Paraisópolis* e *Ciranda de Pedra* (com Alcides Nogueira), *O Cravo e a Rosa* (com Walcyr Carrasco), o *Sítio do Picapau Amarelo* e *Castelo Rá-Tim-Bum*. Seu último livro, *A Linha Negra* (Editora Scipione), ganhou o Prêmio Jabuti/2015 e o Prêmio Fundação Biblioteca Nacional/2015, na categoria Melhor Romance Juvenil.

W
O
H
D
N
H

PARTE 1

UM JOVEM IMPETUOSO

Capítulo 1 – *A família Freitas*
P. 19

Capítulo 2 – *A pedra lascada*
P. 23

Capítulo 3 – *Fortaleza:
mudança de vida*
P. 27

Capítulo 4 – *Um par de sapatos*
P. 29

Capítulo 5 – *No pau de arara*
P. 31

Capítulo 6 – *Rio, a cidade madrasta*
P. 33

Capítulo 7 – *São Paulo,
que terra boa!*
P. 35

Capítulo 8 – *De "agá" a camelô*
P. 37

Capítulo 9 – *O rapa*
P. 41

Capítulo 10 – *O paneleiro*
P. 43

Capítulo 11 – *A caneta Premier*
P. 49

Capítulo 12 – *São Paulo:
a primeira Casa Freitas*
P. 51

PARTE 2

LIÇÕES DE VIDA

Capítulo 13 – De volta ao seu céu
P. 57

Capítulo 14 – Amor de vida inteira
P. 59

Capítulo 15 – A chegada
de Fernanda
P. 63

Capítulo 16 – Histórias
de Pedrinho e Marcelo
P. 67

Capítulo 17 – Prosperando
e fazendo prosperar
P. 71

Capítulo 18 – Uma médica
muito especial
P. 73

Capítulo 19 – Dois Pedros,
duas medidas
P. 79

Capítulo 20 – A independência
de Pedrinho
P. 85

Capítulo 21 – Onivalda
P. 91

Capítulo 22 – Os anjos
P. 97

Capítulo 23 – O filho postiço (I)
P. 101

Capítulo 24 – O filho postiço (II)
P. 105

PARTE 3

PEDRA 90

Capítulo 25 – O patrão
P. 113

Capítulo 26 – O amigo
P. 121

Capítulo 27 – O tio
P. 125

Capítulo 28 – O sogro
P. 137

Capítulo 29 – O avô
P. 141

EPÍLOGO

O RETORNO AO LAR
P. 155

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**
P. 162





PARTE 1

UM JOVEM IMPETUOSO

“Itapipoca, terra
dos meus sonhos,
dos meus amores,
minhas ilusões;
dos meus castelos lindos,
tão risonhos,
sublimes climas e recordações...”

(Poema de autor desconhecido,
recitado por Pedro Freitas)

CAPÍTULO 1

A família Freitas

Entre a serra, o mar e o sertão, a vida seguia tranquila em Itapipoca, interior do Ceará. Corria o ano de 1926. Antônio de Freitas, seu Antônio, agricultor e comerciante, e Antônia Teixeira de Freitas, dona de casa, moravam no Bairro Coqueiro e trabalhavam para garantir o sustento dos 11 filhos. E mais um estava a caminho. Dona Antônia andava mais pesada e cansada naqueles dias, dando conta do serviço de casa, cuidando daquele time de futebol completo e esperando ansiosa a chegada do seu décimo segundo filho. Engravidara do caçula aos 50 anos, desafiando a ciência e os costumes da época.

Dona Antônia estava sempre pronta a acudir as vizinhas na hora do parto. Quando começou a sentir as dores do parto, porém, trocou de lugar: em vez de ajudar alguma mulher a trazer seu filho ao mundo, como costumava fazer, mandou chamar a parteira Chiquinha do Arame, muito conhecida em Itapipoca. Talvez a experiência da maternidade em si mesma tenha ajudado a dar à luz o seu décimo segundo filho numa idade pouco convencional, até para os dias de hoje.

No dia 25 de março, a casa dos Freitas ganhou mais um morador, e o os meninos, que já eram seis (José Leônidas, Antônio, Manuel Pequeno, Raimundo Gerardo, Francisco Plácido e Gerardo), alargaram o placar diante das cinco meninas (Zara, Antônia, Maria Augusta – a irmã Stela –, Lígia e Marina).

25 DE MARÇO

Nessa data, o Ceará comemora a declaração oficial da abolição da escravatura, realizada em 1884, quatro anos antes da assinatura da Lei Áurea, tornando o estado a primeira província a decretar, oficialmente, o fim da escravidão no Brasil. Alguns historiadores discordam da história oficial, considerando que a abolição teria ocorrido no dia 01/01/1883, em frente à igreja Matriz de Redenção, em ato marcado pela entrega das cartas de alforria às 116 pessoas escravizadas ali existentes, na presença de José do Patrocínio e de outros abolicionistas.

QUEM FOI SÃO PEDRO NOLASCO

Pedro Nolasco era um nobre francês que teve uma visão da Virgem Maria. A virgem teria lhe recomendado que fundasse uma comunidade religiosa dedicada a libertar os cristãos. Em 10/08/1218, em Barcelona, Espanha, Pedro Nolasco funda a Ordem Nossa Senhora das Mercês, com o propósito de libertar os escravos da tirania dos infiéis. Membros da Ordem trocavam sua vida pela vida de presos e escravos. São Pedro Nolasco nasceu em 1189, faleceu em 1256, foi beatificado em 1628 e canonizado em 1672.

O nome do caçula foi uma escolha de sua irmã Stela, após uma conversa com o jornalista Magno Rola, seu conterrâneo. Magno sugeriu que dessem ao recém-nascido o nome Pedro Nolasco, santo que lutara pela libertação dos escravos, em outros tempos, já que a criança nascera em data abolicionista. Graças a este nome, Dona Antonia sempre chamou o pequenino de “meu chaveiro”, numa referência a São Pedro, o chaveiro do céu, que abre todas as portas do paraíso.

O registro do menino, também providenciado por Stela, tem uma peculiaridade: consta na certidão de nascimento que Pedro Nolasco teria nascido em 1927, quando na verdade nascera um ano antes. O nome Nolasco, pouco comum, trouxe alguns inconvenientes para o pequeno Pedro. Na infância, os colegas do *Grupo Escolar Anastácio Braga*, onde ele estudou até o terceiro ano primário, gostavam de chamá-lo de “Pedro Lascado”, em vez de Pedro Nolasco, um infame trocadilho. O menino não se fazia de rogado e partia para a briga, defendendo seu nome e, por tabela, a família Freitas. Defesa, aliás, que se repetiria por toda a vida, nas mais diversas circunstâncias.

Daquela época de meninice, esparsas são as lembranças que o hoje empresário Pedro Freitas traz na memória. Uma delas é o riacho, perto de casa, onde costumava brincar com os irmãos, especialmente com o Gerardo, alguns anos mais velho, e a garotada da vizinhança. Atualmente, a casa onde nasceu está alugada e praticamente irreconhecível, a não ser pelo riacho, quase seco, que ainda corre acabrunhado por ali.

Pedro trabalhou desde muito cedo. Até os 12 anos capinava as terras de João Teixeira, primo de sua mãe, junto com os irmãos, em um sítio no lugarejo de Vila Velha. Ao narrar suas recordações, não costuma chorar pitangas ou falar das dificuldades enfrentadas pelo pai agricultor para criar dignamente 12 crianças. A infância que guarda para si é a que revela o árduo trabalho do pai no roçado e a dedicação incondicional de uma mãe cheia de fé.

A escritora Mundinha Negreiros de Andrade, em seu livro *Antes que eu me esqueça – de Itapipoca a Fortaleza*, cita a saga do patriarca Antônio de Freitas, um homem simples, honesto e trabalhador (junto com sua mulher, Antônia), para vencer na vida e transmitir essa herança aos filhos.

Uma singularidade da família é revelada no capítulo “Família Freitas – Uma lição de vida”, quando a autora revela a forma que a família usou para diferenciar uma Antonia da outra. “Lembro-me que a mãe Antônia era chamada carinhosamente de ‘Tonha Velha’, para diferenciar da ‘Tonha Nova’, a filha dela”, explica Mundinha.



Antônio Avelino e
Antônia de Freitas

FOTOS: ARQUIVO DE FAMÍLIA

As duas “Antonias” foram centrais na vida de Pedro Freitas. No seu coração sempre houve, é verdade, dois lugares para o amor maternal. O lugar da mãe biológica estava assegurado, mas a mãe de coração era “Tonha Nova”, sua irmã dez anos mais velha. Foi ela quem ajudou a criá-lo. Acompanhou o crescimento de Pedro desde Itapipoca até Fortaleza, para onde a família resolveu se mudar quando este completou 16 anos. Era uma mãezona, adorável e compreensiva. Ainda hoje Seu Pedro não consegue deixar de emocionar-se ao falar dela. Casou-se com Rilmar, um rapaz bem mais novo. Com seu trabalho de costureira, conseguiu educar os dois filhos, Leônidas e Chaguinhas, que se formaram em Medicina. Sempre carinhosa com o irmão mais novo, ela não vacilava em “puxar-lhe as orelhas” quando ele aprontava, geralmente se ela não estava em casa e ele aproveitava a ocasião para seus namoricos de juventude.

Aos 12 anos, Pedro deixou a agricultura para ser cambista do jogo do bicho. Trabalhava nas imediações de Itapipoca, nos sítios Vila Velha, Assunção, Itaquiara, Mundaú, com o irmão Raimundo Gerardo, o Doca, que tinha uma banca ligada ao banqueiro Edson Araújo. Passou um ano nessa vida.

Certo dia deu burro, e muita gente tinha apostado e ganhou. No dia seguinte deu cachorro, e aconteceu o inesperado: uma quantidade maior ainda de apostadores ganhou, quebrando a banca. Doca e o sócio dele, Antero Marques, não tinham como pagar a todo mundo, e Pedro teve que vender um potro para pagar as apostas. Foi então que Antônio impôs sua autoridade de pai: depois de quitadas as dívidas, fez Doca fechar a banca e esquecer o jogo do bicho.

Na verdade, os filhos tinham a quem puxar, pois seu Antônio tinha mania de jogo, sempre gostou de “apostar no bicho”. Eles aprenderam a fazer “pulutrica”, uma espécie de mandinga cujo objetivo era conseguir que o bicho escolhido naquele dia fosse o vencedor. Mas mandinga é só mandiga, nem sempre dá certo. Certa vez, os meninos do seu Antônio estavam rezando a tal pulutrica no quintal de um amigo, quando um galo fugiu do galinheiro e foi em direção deles. A história se espalhou, todo mundo por ali jogou no galo e... deu vaca! Todo mundo perdeu. Valeu a lição. Nunca mais rezaram a tal “pulutrica”.

A família grande – seis irmãos e cinco irmãs – deixava a casa bem animada. Pedro ainda tinha o privilégio de ser o caçula, embora isso não lhe garantisse o perdão por qualquer de suas traquinagens. Criado solto, entre a roça, os banhos de riacho e as frutas tiradas do pé, Pedro Freitas foi um menino do interior feliz e arteiro. Entre as brincadeiras mais comuns no interior cearense, fartamente citadas em livros que retratam os costumes das pequenas cidades, está a contação de histórias sobre almas penadas, assombração. Esse era um tema comum nas reuniões dos irmãos e amigos em noites de lua cheia ou de completa escuridão. Talvez tenha surgido aí o pavor de ver espíritos, almas errantes e ouvir histórias de fantasma, que perdura até hoje.



Da esquerda para
direita, os irmãos
Doca, Pedro,
Irmã Stela e Tonha

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

CAPÍTULO 2

A pedra lascada

O trajeto de 147,3km de Fortaleza a Itapipoca, ao norte do Estado (sopé da serra de Uruburetama), é feito em pouco mais de duas horas de viagem, pela BR-222. Hoje, a primeira impressão que se tem ao chegar ao centro de Itapipoca é a de uma cidade em crescimento e ebulição. Grandes grupos comerciais, nacionais e regionais, feiras e pequenos negócios disputam o interesse de uma população de 124 mil moradores, aproximadamente. A presença indígena é visível tanto na origem etimológica (Itapipoca é um vocábulo do dialeto Tupinambá que significa ita/pedra, pipoca/lascada) quanto na ocupação territorial do município. Segundo historiadores, os primeiros habitantes de Itapipoca foram os índios, divididos em diversas etnias – Tupi, Tremembé, Anacé e Cariri. Atualmente, entretanto, somente os Tremembés, cujas terras foram reconhecidas como indígenas em agosto de 2015 (centenário de emancipação do município), permanecem na região.

O pesquisador Paulo Maciel, no livro *Itapipoca 314 anos de sua história*, afirma que o início de sua colonização pelos portugueses data de 7 de outubro de 1683. Mas foi somente em 1744 que Jerônimo Guimarães de Freitas, fundador oficial da cidade, tomou conta da sesmaria localizada no alto da serra de Uruburetama, transformando-a em povoado, denominado São José. Em 1823, passou a se chamar Vila da Imperatriz (hoje, distrito de Arapari), como consta no

DILÚVIO, SEREIAS E ÍNDIOS

Contam os índios Tremembé que, certa época, a região de Itapipoca foi inundada pelo mar e nem sequer as aves sobreviveram. Depois que as águas baixaram, surgiu no local uma pedra lascada, onde estariam aprisionadas as sereias que não conseguiram seguir adiante. Nas noites de lua cheia, elas cantam e dançam dentro da pedra-símbolo da cidade, sendo acompanhadas pelos índios que, em ritual, circundam a pedra. Eles acreditam que as águas do mar retornarão para libertar as sereias e a alma dos valentes guerreiros, que morreram nos campos de batalha e também ficaram aprisionadas na pedra lascada.

FÓSSEIS IMPROVÁVEIS

Fósseis de mastodontes e tigres de dentes de sabre que circularam por Itapipoca foram descobertos pelo Professor Paurilo Barroso, em 1952 e, posteriormente, reconhecidos pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. A Comissão das Borboletas descobriu nos tanques da localidade de João Cativo, em 1859, a cabeça de um homem que teria vivido há 30 mil anos. Em 2005, a Prefeitura Municipal criou o Museu da Pré-História de Itapipoca (MUPHI).

GRUPO ESCOLAR ANASTÁCIO BRAGA

O Grupo Escolar Anastácio Alves Braga foi fundado em 05 de fevereiro de 1938. O nome da escola é uma homenagem a um dos filhos ilustres de Itapipoca, que contribuiu para o seu engrandecimento político e social. Anastácio Braga foi assassinado o que, na época, comoveu toda a população. Desde o ano 2000, conforme decreto nº 6.016, que criou o Ensino Médio, passou a ser chamada Escola de Ensino Fundamental e Médio Anastácio Alves Braga.

documento expedido por D. Pedro I. Data de 1862 a mudança de sede, do alto da serra para a planície. Em 31 de agosto de 1915, já com sede administrativa no Arraial de Itapipoca, conquistou a categoria de cidade. Seu nome refere-se a uma enorme pedra que se partiu devido à reação térmica do calor do sol e o frio da noite. Conhecida como a cidade dos três climas (sertão, serra e mar), Itapipoca tem raízes indígenas, portuguesas e africanas (estas, representadas pela Comunidade Quilombola de Nazaré, no distrito de Arapari).

Em 1926, quando Pedro veio ao mundo, Itapipoca apresentava os primeiros sinais de progresso, entre eles a chegada da luz elétrica (1925) e dos primeiros carros, que mudaram de forma significativa a vida de seus 20 mil habitantes. Saraus, recitais e festas eram costumes permanentes das famílias mais abastadas. São dessa época duas personalidades que ficaram na história do município: Monsenhor Tabosa e Anastácio Alves Braga, que deu nome ao Grupo Escolar frequentado por Pedro Freitas. Alguns pontos históricos já existiam: a Igreja de São Sebastião (1868), primeiro templo religioso do município, a Praça da Matriz (hoje, Perilo Teixeira, fundada em 1844), a Casa da Câmara e Cadeia Pública, 1888), a Catedral de Nossa Senhora das Mercês (1891), considerada o maior símbolo religioso da cidade, o Paço Municipal, a Lagoa das Mercês, entre outros.

Até os 16 anos, Pedro Freitas viveu em Itapipoca. Morou em várias localidades: no Centro, no bairro Coqueiro, na Vila Velha, no Arapari. Fazia de tudo para ganhar algum dinheiro e também se divertia. Virava-se como podia. Trabalhou em São Boa Ventura, capinando. Vendia atas, que pegava nos sítios próximos à entrada da cidade, e lenha, que recolhia às margens da BR-222. Estudava no Anastácio Braga (nos anos em que a lida no campo dava uma trégua). Passava dias nas contendias do irmão Doca, chupava cajus e imbus no sítio da tia Dadá, vendia jogo do bicho, tentava jogar futebol e costumava banhar-se no riacho das Almas, com o irmão Gerardo, na casa da Rua José do Patrocínio, no Coqueiro. No Barreiro, lavava os burros. A vida era árdua, mas tinha seus encantos.

Certa vez, tirou umas jacas do sítio da tia Filó, na serra, com o intuito de vender. Mas a mãe Tonha estranhou e perguntou ao filho onde ele havia conseguido as frutas e ele acabou confessando que havia tirado sem permissão. Tia Filó ainda intercedeu pelo sobrinho, mas não teve jeito: Pedro acabou levando uma surra e teve que voltar ao sítio para devolver as frutas.

Do pai, guarda uma lição que traz na memória e que o ajudou a perseverar sempre, diante das maiores dificuldades, e tentar uma solução, mesmo quando algum problema parecesse insolúvel. Pedro conta que seu pai, Antônio, era muito durão. Naquele tempo, ele tinha uma bode-

Itaipoca –
Praça da Matriz
FOTO: JOSÉ ROSA FILHO



ga no bairro Coqueiro. Um compadre dele, lá de Santa Rita, costumava comprar mercadorias da bodega no verão para pagar com o resultado da colheita do inverno. Chegada a hora, seu pai foi cobrar o amigo e ele disse que não tinha como pagar. Seu Antônio, então, propôs que a dívida fosse quitada com uma cabra e dois cabritos que estavam no quintal. O homem não concordou, pois era com o leite da cabra que alimentava os filhos. O comerciante retrucou: nesse caso, levaria o porco. Também não, respondeu o compadre, porque se levasse o porco, seus filhos passariam fome. Ele voltou para casa danado da vida e pediu a Pedro, na ocasião com 10, 11 anos, que fosse fechar um acordo com o compadre – e não voltasse de mãos abanando de jeito nenhum. Quando chegou lá, o menino tentou novamente negociar a cabra, os cabritos, o porco, que era tudo que havia na casa. Não adiantou. Porém, quando ia abrindo a porta para ir embora, dando-se por vencido, reparou que havia ali na sala uns rolos de fumo. Fecharam negócio.

Pedro arranjou cinco jumentos, colocou os rolos nos animais e partiu, feliz, para prestar contas com o pai. Quase que os jumentos, já velhos e raquíticos, não chegam ao destino. Quando enfim, regressou à casa dos pais, esbaforido, ouviu de Antônio que todo aquele fumo não valia nada, pois o miolo estava podre. Eram por volta das sete da noite. Sem pestanejar, o pai mandou ele dar meia-volta com a mercadoria. A mãe Tonha, comovida com o empenho de Pedro em cumprir a ordem que o pai havia lhe dado, intercedeu pelo filho, tentando adiar o problema para o dia seguinte, bem cedo. O pai assentiu, mas foi taxativo:

– Se amanhã você voltar sem nada outra vez, vai apanhar!

Pedro teve então uma ideia: era só passar mel no fumo, para deixar a mercadoria mais vistosa, ir até o Manuel Dias, que trabalhava com o seu pai, e trocar o fumo por pombas. Assim fez. Deixou o fumo lá no pomboal, pegou as aves mortas e foi vender em Itapipoca e perto de Irauçuba, município próximo. Vendeu quase tudo e voltou para casa sentindo-se vitorioso, depois de tantos sacrifícios. Tirou dos bolsos todo o dinheiro que apurou, entregou ao pai, que lhe disse logo que ficaria com a metade, porque ele, uma criança, não poderia ter nas mãos tanto dinheiro.

Nesse tempo, certamente Pedro não imaginaria que sua tenacidade iria fazê-lo um grande negociador – o que ele queria mesmo era ser médico. Com a metade que lhe coube, começou a pensar em fazer suas economias para ir estudar na capital. Mas o destino estava à espreita.

CAPÍTULO 3

Fortaleza: mudança de vida

Depois de terminar o terceiro ano primário, em 1942, somente aos 16 anos, Pedro Freitas foi para Fortaleza, a fim de continuar seus estudos. Nos primeiros anos de escola, tinha sido difícil conciliar estudo e trabalho na roça, mas agora a vida começava a lhe preparar boas surpresas. A mãe, o pai, a irmã Tonha, Zara, Gerardo, Raimundo Gerardo (Doca) foram todos morar na mesma casa, na Rua Princesa Isabel, nº 683, no centro da capital. Mais tarde, mudaram-se para a Rua Senador Pompeu, 716, vizinha ao Fortaleza Hotel.

Enquanto a Dona Antonia cuidava da cozinha, fazendo seus quitutes, a filha Tonha costurava para fora, complementando a renda da família. Doca também ajudava, com o salário da J. Torquato, uma indústria e comércio de ferragens. Em pouco tempo, Pedro fez o exame de admissão no Liceu do Ceará e passou em segundo lugar, para a alegria da mãe e dos irmãos. Até hoje, às vésperas de seus 90 anos, Pedro Freitas cita o fato como algo marcante em sua vida.

Naquele tempo, início dos anos 40, o projeto urbanístico de Fortaleza, que datava de 1875, assinado pelo arquiteto Adolfo Herbster, já estava sendo alterado de forma desordenada, à medida que surgiam novas ruas, edificações, bairros operários e favelas que abrigavam grande número de retirantes da seca. As classes mais favorecidas economicamente fizeram um movimento de se deslocar para novos bairros, principiando o alargamento do conceito de cidade para além do Centro. Migraram para a Praia de Irace-

ma, Jacarecanga, Gentilândia e, no início da década de 50, para a Aldeota.

Quando Pedro Freitas chega a Fortaleza, a cidade era praticamente só o Centro, gravitando em torno da Praça do Ferreira. Lá estavam o Clube Iracema (atual prédio da Caixa Econômica Federal), os Cines Majestic e Moderno (na Rua Major Facundo), o Cine São Luiz, que já eram ícones da cidade, convertendo-se em locais de entretenimento de moradores e visitantes da capital. Na Praça, há tempos os automóveis e bondes elétricos substituíam os cabrioletes e bondes puxados a burro, típicos do fim do século XIX. Há dez anos não havia mais o coreto, mas a Coluna da Hora, pela qual o comércio e a população em geral ajustavam seus relógios.

O quadrilátero do Liceu, diariamente frequentado pelo aluno Pedro, mantém-se até hoje com seu formato original: o histórico colégio, o comando do Corpo de Bombeiros, o antigo prédio do Grupo Escolar Rachel de Queiroz. Quase todos os casarões históricos, porém, não existem mais.

As opções de lazer para Pedro e sua família eram bem diferentes das dos tempos de Itapipoca. O rapazola se dedicava mais aos estudos no Liceu e sobrava pouco tempo para brincadeiras. Fez um curso técnico de enfermagem e, como enfermeiro, começou a trabalhar no Departamento Estadual de Saúde. De sua passagem pelo Ambulatório Nossa Senhora das Graças (na Rua Barão do Rio Branco), lembra-se dos colegas de trabalho, Benedito Lino dos Santos e Pedro Davi de Andrade, e do chefe do ambulatório, Dr. Odorico de Moraes Filho. A grande novidade na época era a penicilina, um recente milagre na cura de doenças venéreas e tantas outras. Trabalhava sempre à noite, para não atrapalhar os estudos, aplicando injeção e fazendo curativos.

Quando a família saiu de Itapipoca, dividiu-se entre o Ceará e a região Norte: a maioria veio para Fortaleza, e alguns homens foram tentar a sorte com o garimpo. Pouco tempo depois de chegar do interior, seu Antônio resolveu visitar os filhos que foram morar em Roraima. O primeiro a ir arriscar a vida no garimpo foi o Manuel Pequeno. Depois, Pequeno levou o Chico, o Freitas e o Gerardo também foi.

Seu Antônio descobriu nesta viagem que estava doente, com câncer de próstata. Naquele tempo, não havia os tratamentos de hoje para a doença. Quando voltou para Fortaleza, partiu, ainda novo, aos 64 anos, sem deixar herança. Dona Antonia passou a contar com a ajuda dos filhos, Doca, Tonha, Pedro e os demais, para tocar a vida adiante, sem grandes luxos. Pedro ganhava setecentos mil réis por mês, no Departamento Estadual de Saúde. Acalentava o sonho de fazer vestibular de Medicina e compensar o sofrimento da mãe pela perda prematura do marido.

CAPÍTULO 4

Um par de sapatos

Do tempo em que trabalhou no Departamento Estadual de Saúde, na Praça José de Alencar, Pedro se lembra com nitidez de um episódio que ainda o emociona. Certo dia, colocou seu único par de sapatos na porta de casa, para que o engraxate, João, o lustrasse. Naquele dia, João caprichou no serviço e colocou o par de calçados de volta na soleira da porta, como costumava fazer, deixando para receber depois seu pagamento. Mas algum malandro passou por ali e roubou os sapatos. Pedro não sabia o que fazer. Foi então que seu irmão Doca soube do ocorrido e lhe emprestou os próprios sapatos. Só havia um detalhe: Pedro calçava 39 e o número de Doca era 37.

Com muito sacrifício, Pedro conseguiu calçar os sapatos de número menor. No entanto, ao chegar ao trabalho seus pés estavam latejando, doíam muito. Dirigiu-se para sua mesa, tirou os sapatos sem que ninguém notasse, esticou as pernas aliviado e relaxou. Pouco tempo depois, o diretor Walter de Moura Cantídio o chamou à mesa dele. No apanhado, Pedro só conseguiu calçar direito um dos sapatos, o outro ficou fora do pé e não teve como o chefe não notar. Perguntou imediatamente: “O que é isso, rapaz? Jogou futebol e está contundido?” Encabulado, ele contou toda a história. Era dia 16 e ele só ia receber no dia 5 do próximo mês. Walter Cantídio sugeriu que Pedro pedisse um vale, que ele assinaria a antecipação do pagamento. Dito e feito: com um vale de 15 mil réis foi

à loja Esquisita e comprou pisantes novinhos. Chegou ao serviço todo contente, mas os colegas não perderam a chance de fazer chacota. Diziam, rindo, que ele havia perdido os sapatos na farra e inventou aquela história toda. Aquilo o chateou, irremediavelmente. Resolveu ir embora para o Rio de Janeiro. Pediu a licença-prêmio a que tinha direito e negociou com o cronista social José Pires, mais conhecido como Baiá, a antecipação do dinheiro da licença.

A ideia de Pedro era, na cidade maravilhosa, concluir o segundo grau (já que tinha feito só até o meio do terceiro científico) e fazer o vestibular para Medicina, desejo da mãe Tonha e dele também. Despediu-se da mãe, entre lágrimas, e foi seguir seu destino. O meio de transporte era o mesmo que acalentou o sonho de tantos nordestinos em busca de um futuro melhor: o pau de arara.

CAPÍTULO 5

No pau de arara

Em 1949, era comum a saída de paus de arara de diversos pontos da cidade de Fortaleza. Os caminhões que levavam sertanejos nordestinos para os estados do sul do país eram assim denominados popularmente porque sua imagem estava literalmente associada ao gradeado no qual as araras eram colocadas e levadas para os mercados urbanos como uma mercadoria e atração excêntrica. Arara faz barulho, e como faz. Os caminhões também eram barulhentos. Ali se acomodavam improvisadamente famílias inteiras. Misturavam-se homens, mulheres e crianças.

O *Caminhão Internacional*, nome do pau de arara em que Pedro Freitas partiu, saía da Praça da Estação, no centro da capital cearense. Com a mala cedida pela mãe Tonha na mão, Pedro acomodou-se no quinto banco. Cercado de desconhecidos, ele observava os companheiros de jornada. Alguns com suas famílias, outros solitários, mães alimentando seus bebês, alguns jovens como ele, outros nem tanto. O destino? Caxias, no estado do Rio de Janeiro. Até lá, aquele sacolejo enjoativo por estradas carroçáveis duraria longos 12 dias. Eram de 50 a 60 pessoas, de costas umas para as outras, espremidas e suadas nos bancos estreitos, dividindo as histórias de vida, o calor e a angústia de um futuro para lá de incerto.

Com a convivência durante a viagem, era inevitável que histórias dos passageiros se tornassem conhecidas, compartilhadas. Foi assim

que Pedro acabou sabendo que o motorista (e dono do caminhão) estava com gonorreia e que a doença, justamente naquele momento, havia se mostrado mais intensamente. De imediato, ele resolveu aplicar seus conhecimentos em enfermagem. Na farmácia mais próxima, comprou penicilina, soro e foi aplicando aquela mistura no motorista, de três em três horas. Para facilitar a aplicação da medicação, Pedro trocou de lugar com a acompanhante do motorista.

A vontade de ajudar trouxe um benefício: livrou-se do banco duro e do mormaço lá de trás; pôde por um tempo aproveitar a paisagem num lugar mais confortável, na boleia do caminhão. Assim que terminou o tratamento, compadecido com a situação de desconforto da acompanhante do motorista, que trocara de lugar com ele, voltou para seu banco na carrocera. Sua ajuda e a penicilina curaram o motorista.

Meio zozzo, depois de tantos dias de estrada, ao chegar a Caxias, Pedro despede-se dos amigos de viagem e telefona para Dr. Isná de Souza Teixeira, primo de sua mãe, que morava na capital carioca. Recebeu dele as orientações de que deveria pegar um ônibus de Caxias para o Rio de Janeiro. Ansioso, comprou a passagem e partiu para o último trecho da viagem.

CAPÍTULO 6

Rio, a cidade madrasta

Pedro chegou à cidade maravilhosa cheio de sonhos. Vislumbrava a aprovação em uma boa faculdade de Medicina, o título de médico, o exercício diário de curar pessoas, bons empregos. Seria o orgulho da mãe. Logo percebeu, entretanto, que as pessoas não eram tão receptivas quanto seus conterrâneos. Alugou um quartinho em Botafogo, e o Dr. Isná, embora não tivesse tanta disponibilidade quanto Pedro, talvez esperasse para ajudá-lo, lhe conseguiu um serviço na área da saúde. Médico do Hospital Pedro Ernesto, Dr. Isná presidia uma investigação nas escolas públicas e contratou Pedro para trabalhar com ele. Foram oito meses se desdobrando na realização de tarefas diferentes, uma espécie de “faz tudo”, de exames de laboratório a pequenos serviços burocráticos.

Do quarto em Botafogo, que de tão apertado mais parecia uma casinha de pombos, Pedro foi morar na Praça Paris, dividindo a moradia com mais quatro amigos: um do Ceará, o José Agenor; um amazonense, o José Lessa; e outros dois de Campos (RJ), cujos nomes ele não se recorda. Conseguiu terminar o terceiro científico, em 1952, no Educandário Rui Barbosa, no Largo do Machado, zona sul do Rio, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Era hora de começar a estudar para o tão esperado vestibular. Como não tinha dinheiro para pagar os estudos preparatórios, os colegas

lhe emprestavam as apostilas e, assim, novamente durante o período da noite, horário que dispunha livre, Pedro estudava, todos os dias.

Os amigos, vendo a força de vontade de Pedro, começaram a insistir para que ele fosse junto frequentar o curso que faziam. A ideia era que Pedro se misturasse aos demais alunos, pois eram muitos, e não pagasse a mensalidade. Eles asseguravam que, entre mais de 60 alunos na turma, a presença de Pedro não seria notada. Ele topou. Durante mais de uma semana, tudo correu tranquilamente. No décimo dia, porém, o diretor do curso preparatório o chamou. Sem sutilezas, disse que pagava muito bem aos professores porque todos os alunos pagavam suas mensalidades e que não permitiria que nenhum vagabundo assistisse às aulas sem pagar. Chateado, e honrando o sangue quente dos nordestinos, Pedro também devolveu o sermão com uns bons desaforos. O diretor até chegou a chamar a polícia para colocá-lo para fora. Cabisbaixo, viu que ali caía por terra sua pretensão de continuar os estudos. Sempre que conta essa história – e costuma repeti-la, como um mantra –, mareja os olhos e baixa a cabeça, com a boca trêmula.

Depois desse episódio, passou mais dez dias sem saber o que fazer. Parou de estudar, chorava de vez em quando. Ficou emocionado quando soube que uma comissão de alunos havia feito uma quota, querendo pagar a mensalidade para que ele continuasse estudando. Ele recusou. Assim como não permaneceu no Departamento de Saúde, lá em Fortaleza, depois que seus colegas o humilharam, também não havia clima para estudar naquele lugar. A raiva e a decepção que sentiu não se restringiam a uma instituição de ensino, mas abrangia toda a cidade. Ficou com ojeriza ao Rio, tinha de sair dali. Com a cara e a coragem, sem nenhum contato prévio, pegou um ônibus da empresa Pássaro Marrom e foi para São Paulo.

CAPÍTULO 7

São Paulo, que terra boa!

A primeira morada na terra da garoa foi num hotelzinho minúsculo, Hotel Queiroz, no Largo da Concórdia. Logo no primeiro dia, ajeitou seus poucos pertences no quartinho e desceu a pé mesmo pelas ruas do bairro. Ia olhando tudo com um misto de medo e admiração. Aquele burburinho urbano, aquela quantidade de gente apressada e um tanto distraída, um céu enevoado e denso, tão diferente do azul claro de sua terra. Ao contrário do Rio, ali ele não tinha certezas, parente, sonho de universidade, nada. Era como se estivesse nascendo outra vez, aos 23 anos, em um lugar que jamais havia estado antes.

Perambulando sem pressa pela cidade, uma cena chamou sua atenção e ficou marcada na memória para o resto da vida: um camelô gritava, tentando vender suas poucas mercadorias, para uma multidão que passava ligeira, impaciente e impassível. Um ou outro parava ou apenas voltava o rosto para ver do que se tratava. Mas o vendedor insistia, era convincente, criativo, quase um ator. O nome dele era Raimundo Moura. Pedro ficou horas observando a cena, parecia um filme. Ouviu Raimundo Moura contar que um dia, na Praça José de Alencar, em Fortaleza, Ceará, terra em que teve o prazer de nascer, um médico alemão provou “para todo mundo ver” que o óleo de peixe-boi e o óleo de poraquê (peixe da Amazônia) realmente curava tudo: dor de dente, reumatismo, dor muscular, obesidade...

Pedro, impressionadíssimo com a fala, os gestos, a abordagem dos transeuntes e da feliz coincidência de encontrar um conterrâneo, sentiu-se impelido e à vontade para se aproximar do camelô.

- Você é de onde? Perguntou.
- De Aracati. E você?
- Vim de Itapipoca.
- Conterrâneo! E veio fazer o que aqui?

Pedro contou para ele sua história e fizeram amizade. Raimundo deu um conselho:

- Conterrâneo, o pessoal daqui é muito besta, compra tudo, até porcaria. Venha aqui “fazer o Agá” comigo, pra você ver! “Agá”, na gíria dos camelôs, é o ajudante que serve de cobaia na venda.

Por exemplo: se Raimundo dizia que óleo de poraquê cura tudo, ele teria que provar. Neste momento da venda, entra o “agá” demonstrando o efeito do produto. E foi como “agá” de seu Raimundo que Pedro começou a trabalhar em São Paulo. Logo de primeira, ganhou 20 mil réis, por ter feito dois “agás”. Deu para almoçar com 12 mil réis e, à noite, ainda comeu um pão com manteiga com o que sobrou. Passar fome ele não passou... Até que não era mau...

Todo camelô, com experiência, até hoje, tem o seu “agá”.

DICIONÁRIO DE GÍRIAS

Agá ou abadias -

Parceiros que se juntam forçando o incauto a entrar em um jogo qualquer ou negócio, onde este nunca tem vez, sempre faz um mau negócio.

CAPÍTULO 8

De “agá” a camelô

Naqueles dias, Pedro aguentou pancada de todo jeito, nos pés, no joelho, no ombro, nos braços. O importante era provar a eficácia do óleo no local machucado. Já no segundo dia, ele recebeu a incrível quantia de 60 mil réis – três vezes mais que na primeira vez. Raimundo continuava incentivando seu aprendiz: “Você tem estudo, tem garbo e picardia, conterrâneo. Tem tudo para ganhar a vida, não desista”. Entusiasmado com seus pequenos progressos e, principalmente, com as portas que aquele negócio poderia abrir para ele, abandonou os estudos de vez.

Durante dois meses de “agá”, Pedro ficou observando o jeito de Raimundo, suas estratégias de venda, seus erros e acertos, os compradores que mais se interessavam pela mercadoria, os camelôs vizinhos. Tudo em volta. Foi então que resolveu se arriscar a vender. No início, teve a impressão de que não dava para o negócio. Depois de nove horas de propaganda, só vendeu seis vidros do óleo curativo. Mas Raimundo o incentivou novamente: “Quando eu comecei, não vendia nem a metade do que você vendeu hoje”, disse ele.

Pedro fazia amizade com os colegas, tentava se aprimorar cada vez mais. Somente uma coisa o distanciava dos novos amigos: o uso de drogas. Isso não era segredo! Todos sabiam de suas ressalvas e respeitavam. Raimundo era um que só vendia depois de fazer o “paco”, nome

Documento emitido pelo Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes de São Paulo, que Pedro traz sempre na carteira

Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes de S. Paulo
RECONHECIDO PELO GOVERNO FEDERAL
Pagé, 197-2. and. - Fone 33-7678



Sr. *Pedro M. J. de Freitas*
já inscrito sob o n.º *8.252*
mo vendedor ambulante.
RESIDENTE: _____
que não estiver acompanhada do _____
_____ meses

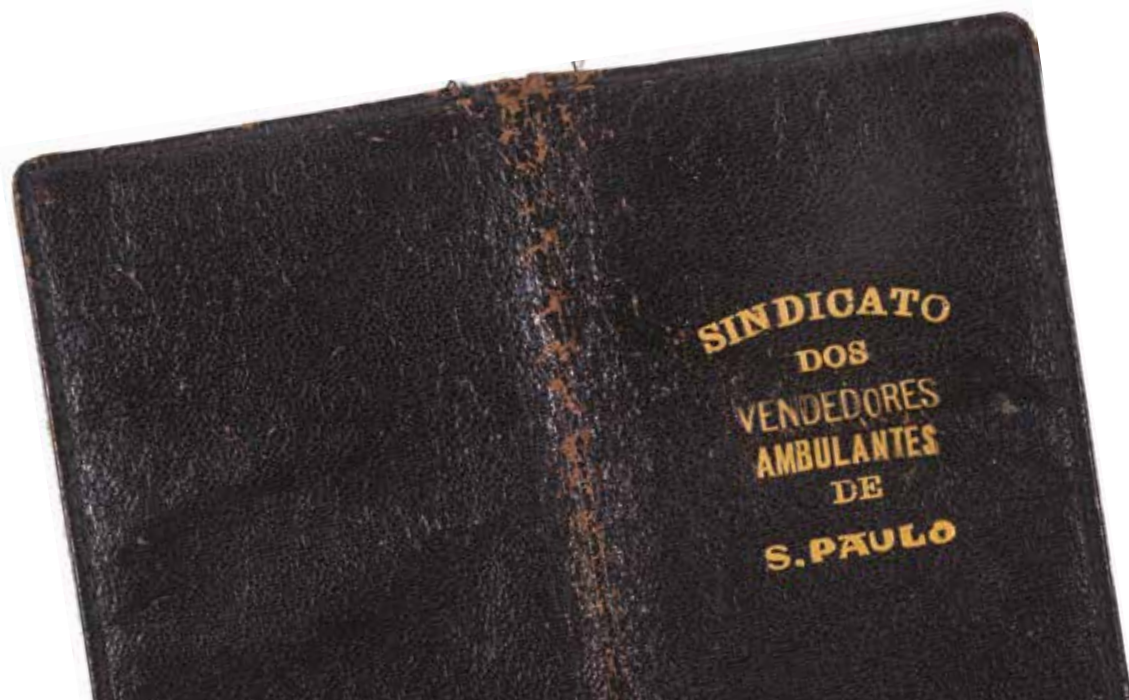
Sindicato do Comércio de Vendedores Ambulantes de São Paulo
Séde: Rua Barão de Duprat, 292 - 2.º andar - Salão 8 - Telefone 33-7678

N.º *295* Matr. _____
CONTRIBUINTE
Pedro M. J. de Freitas
R\$ 2000
JANEIRO *1* *19-1-55*
55 TESOUREIRO

que se dava a um cigarro de maconha naquela época. Esse hábito era muito comum entre os vendedores ambulantes. Eles costumavam fumar, enquanto a polícia fazia vista grossa. Pedro, que não era “bico de luz” (como chamavam o alcaguete), também fingia não ver.

A nova profissão tinha seus segredos e artimanhas. Pedro descobriu rapidamente que ser camelô era ter a tenacidade para lidar com as dificuldades cotidianas – as previsíveis, como o rapa, e, principalmente, as imprevisíveis.

Certa vez, lembra o sobrinho Jair Pequeno, quando a produção de *jeans* no país estava ainda começando, seu tio Pedro descobriu uma fábrica no interior paulista e foi lá ver um saldo de mercadoria. Era uma sobra grande e ele, mesmo sem dinheiro e sem crédito, foi tentar comprar. Bom negociador, acabou conseguindo prazo para o pagamento e comprou. Chegou muito cedo na praça, com uma montanha de calças jeans, megafone na mão, gritava e abordava os transeuntes. O tempo foi correndo e ele constatou a dificuldade para vender a mercadoria. Passou um dia, uma semana, duas semanas. O prazo conseguido para o pagamento ia se esgotando e ele não conseguia vender quase nada. Foi então que teve uma ideia. Durante a madrugada, ateou fogo em algumas peças e, quando amanheceu, instalou-se novamente na praça e com seu megafone anunciou que aquelas calças estavam mais baratas porque eram sobra de um incêndio. Finalmente as vendas aconteceram. Ele pagou o que estava devendo e ficou com um pequeno capital que serviu de pontapé para suas novas investidas. Com as coisas melhorando, deu para comprar um carrinho: um Chevrolet preto, 1941.



CAPÍTULO 9

O rapa

Pedro traz sempre consigo a carteira de ambulante. Quando olha para ela, um rosário de histórias de camelô volta à lembrança, uma por uma. Certo sábado, no Largo da Concórdia, de manhã bem cedo, o movimento era grande. Estava trabalhando ainda com o cearense Raimundo Moura, vendendo meias (três pares a dez mil réis) e camisetas. Comprava a dúzia de meias a 32 mil réis e vendia a 40 mil réis.

De repente, os fiscais da Prefeitura chegaram e tomaram toda a sua mercadoria. Perdido, sem saber direito o que tinha acontecido, Pedro ficou sem nada para vender. Fez carta para o Prefeito de São Paulo, para funcionários da prefeitura pedindo suas mercadorias de volta. Até que um servidor municipal lhe deu uma luz: precisava providenciar sua carteira de ambulante, regularizar-se. Para isso era necessário levar os documentos de reservista e de identidade e pagar uma taxa mensal de 20 mil réis. Conseguiu tirar a carteira (datada de 19 de janeiro de 1955), mas teve de começar do zero outra vez, pois seus produtos jamais foram devolvidos.

Pedro resolveu procurar Chico Mazotti, dono da fábrica das meias que ele vendia, explicou o que tinha acontecido. Suas parcas economias mal davam para cinco dúzias de meias. Propôs a ele um acordo: compraria cinco dúzias de meias à vista e outras cinco dúzias fiado, para se capitalizar. Chico Mazotti topou – e ainda lhe deu de 30 a 40 dúzias de meias defeituosas, consideradas impróprias para a venda. Foi o que o

salvou. Pediu a algumas amigas para ajudar a consertar as meias com defeito. Depois de costuradas as que precisavam de reparo, misturou com as cinco dúzias de meias perfeitas, baixou o preço e foi tentar vender. Vendeu até o último par. Pagou o que estava devendo ao dono da fábrica e ficou novamente capitalizado.

Continuou vendendo as meias e começou a reparar em um colega de trabalho, o estranho Davi, sempre arredio e calado, na dele, não se misturava com ninguém. Davi era um maneta que trabalhava no mesmo local que ele. Um paulista que tinha dois canos substituindo a mão que faltava. Davi achava que aquele camelô novato estava tomando sua freguesia, que já era pouca. Gritava mais, vendia melhor, era um rival difícil. Como ambos vendiam meias, se o concorrente fosse impedido de vender, seu lucro, no mínimo, dobraria. Foi então que procurou uns conhecidos e disse que o cearense estava trabalhando como camelô sem licença da prefeitura. O rapa veio e já sabemos o que aconteceu. Tudo esclarecido, cada qual no seu canto, ainda foram vizinhos de trabalho muito tempo, sem nunca se aproximar.

Uma das primeiras pessoas a dar crédito ao seu potencial como camelô, depois que o rapa lhe tomou tudo o que tinha, foi um amigo turco, o Antônio Naufal Gantus. Ele trabalhou no Baú da Felicidade e havia sido sócio do Manuel da Nóbrega, antes de conhecer Pedro. Antônio, na época, tinha uma loja na Rua 25 de Março e deu 14 camisas para o amigo vender em consignação. Ali nascia uma amizade para a vida toda. Pedro é padrinho do filho único de Antônio com Massako, e o casal é padrinho de Fernanda, a primogênita de Pedro.

CAPÍTULO 10

O painelero

Certo dia, Pedro acometido de uma gripe e ardendo em febre, não pôde ir trabalhar, ficou em sua casa, na Rua 21 de Abril. No Largo da Concórdia, onde ainda vendia óleo de peixe-boi, foi substituído por seu “agá”, um rapaz do Rio Grande do Norte chamado Zacarias, que se meteu numa grande confusão. Vinha caminhando pela praça um velho e, de repente, alguém da roda de camelôs gritou e o chamou de painelero (termo português que significa gay – ou baitola, no linguajar cearense). O tempo fechou, formou-se um tumulto. Quando a polícia chegou, cada um dizia uma versão do acontecido. Por fim, o guarda concluiu que foi Zacarias o responsável pelo xingamento.

Mandaram então buscar Pedro em casa. Como patrão de Zacarias, Pedro teria que assumir as consequências. Ambos foram levados para a delegacia em um camburão, junto com dois marginais, e toda a mercadoria foi apreendida. Pedro levou um bofetão da polícia, que o acusou de ter gritado com o velho, mesmo sem estar presente no local.

O guarda confiscou seus documentos. Foi a salvação de Pedro. Na delegacia, quem os recebeu foi o temido Delegado Coriolano Cobra, conhecido como o terror dos camelôs. Imediatamente, ele deu ordem de prisão para os quatro homens – os vendedores ambulantes e os dois marginais. Em voz baixa e respeitosa, Pedro pediu licença para falar com o delegado. Estava com o medo comum a todos os colegas jovens como ele: o de ser seviciado na cela.

– Seu delegado, eu estou doente, com muita febre, por isso eu estava em casa quando tudo aconteceu e o guarda mandou me chamar. Eu lhe peço minha mercadoria e meus documentos de volta, explicou Pedro.

Imediatamente, Coriolano Cobra chamou o guarda, deu-lhe uma bronca e pediu que devolvesse os documentos de Pedro. Quando Cobra viu a carteira de estudante, observou que o acusado havia concluído o científico (segundo grau), relaxou o semblante e começou a dar conselhos:

– Rapaz, essa vida de camelô não dá futuro a ninguém, não. A maioria é safado, ladrão, sem-vergonha. Deixe disso enquanto é tempo!

Pedro sabia, no íntimo, que o conselho do delegado fazia sentido. Até mesmo porque, muitas e muitas vezes, os camelôs tinham que guardar uns trocados para a polícia, em troca da liberação de seus produtos. Às vezes faziam uma vaquinha, cinco daqui, cinco dali, para pagar aos guardas e vender em paz.

O fato é que, nesse episódio, Coriolano Cobra trocou o veneno habitual pela decência e até lhe prometeu um emprego. Sem pestanejar, Pedro disse que aceitava, mesmo sem a menor intenção de fazê-lo. Pegou os documentos, suas mercadorias e nunca mais votou à delegacia.

Toda vez que tinha uma dificuldade como essa, Pedro trazia uma imagem poderosa à mente. Não era a de Nossa Senhora ou a de qualquer santo de sua devoção. Era a de sua mãe Tonha, com suas rezas que, tinha ele a certeza, o protegiam e o abençoavam.

Ao lado, Vale do
Anhangabaú,
visto a partir
do viaduto do Chá

FOTO: CHICO ALBUQUERQUE/
CONVÊNIO MUSEU DA IMAGEM
E DO SOM - SP/INSTITUTO
MOREIRA SALLES



A “porta de ouro”
(fechada, térreo, à
esquerda). Era um
local considerado
privilegiado pelos
camelôs paulistas,
situado na Praça da Sé

FOTO: JARBAS OLIVEIRA



A porta de ouro

Passaram-se dias, semanas, meses. O tempo voou e Pedro se fez camelô profissional, tinha o seu próprio “agá”. Às vezes, a dupla trocava de papel, um fazendo o “agá” do outro. Certa vez, passou um rapaz, fez um sinal para Pedro, informando que a polícia (o rapa, da nossa época) estava na área. Ele deixou a banca com o “agá” (um colega de Sergipe, cujo apelido era Meganha) e foi conferir se era mesmo a polícia que chegava. O nome dele era Manuel Português. Ele, na verdade, tinha uma proposta: queria que Pedro trabalhasse na **Porta de Ouro** (situada na Praça da Sé, entre a Rua Direita e a Barão de Paranapiacaba), um ponto de venda privilegiado, um dos melhores do centro de São Paulo.

Pedro topou. Foi trabalhar com o Manuel Portuga e o “Válter Cachorro Magro”. Fez primeiro um teste de venda com óleo de peixe-boi, cortador de vidro e canetas-tinteiro. Foi aprovado.

O portugua era bem relacionado. Um dia, o chamou para ir ao porão onde residia com uma mulher, na mesma pensão em que Pedro também morava. Ao entrar, Pedro levou um susto: quem estava lá, num papo animado, era Néelson Gonçalves. Tímido, Pedro não trocou uma palavra com o cantor, mas guardou para sempre aquele encontro na memória.

Outra vez, o português convidou Pedro para ir cobrar o aluguel de uma loja dele, na Lapa. O inquilino era Sílvio Santos. Simpático, Sílvio cumprimentou Pedro. Encontraram-se outras vezes, mas a conversa era praticamente a mesma:

E aí, cearense, como é que vai, tudo bem?, perguntava Sílvio Santos.

E a conversa terminava por aí.

CAPÍTULO 11

A caneta Premier

Tempos depois, Pedro estava vendendo na Porta de Ouro, quando um argentino o chamou para apresentar a um novo produto: uma tal caneta Premier, que ele queria lançar no mercado. Pedro gostou da mercadoria e, com seus olhos de águia, percebeu que valia a pena comprar por 280 mil réis a dúzia das canetas e vender a 600 mil réis. Pediu ao argentino duas mil dúzias, mas ele cedeu só a metade. Pedro retirou todas as economias do banco para investir nas canetas. Vendeu também algumas mercadorias, com isso conseguiu juntar o dinheiro necessário. Foi até o escritório do argentino, no Largo do Paissandu, e pagou o valor acertado com cheque, para desconto imediato.

A aposta em um produto ainda desconhecido no mercado se repetiria constantemente em sua vida empresarial. Acompanhado do “nego Friaça”, como chamava seu mais recente amigo mineiro, foi a uma grande feira paulistana, numa terça-feira, testar o produto. Pedro ri quando lembra a façanha: era um tal de me dá aqui, me dá acolá e, no mesmo dia, vendeu quase tudo que comprou. A caneta foi um sucesso. Naquela noite, não pregou olho. Amanheceu o dia com um só pensamento: iria enriquecer com a caneta *Premier*.

Ele não teve dúvidas: com a grande aceitação popular do produto, foi buscar mais 50 dúzias de canetas. Ganhou a confiança do argentino. Nessa época, o primo Zé Teixeira foi morar com ele e o ajudou no negócio.

Como o argentino vendia uma quantidade limitada de canetas para cada vendedor, Pedro pedia ao primo e a outro conterrâneo para comprar por ele, assim ia aumentando seu estoque. Começou a revender para os camelôs interessados, as canetas e outros produtos. Ganhou tanto dinheiro com a *Premier* que conseguiu abrir a primeira *Casa Freitas* em São Paulo.

Passaram-se muitos anos. Em 2005, Friaça, o mineiro que o ajudou na venda das canetas, visitou Pedro no Ceará. Casou-se, teve duas filhas médicas e deixou de ser camelô, mas jamais esqueceu o episódio que transformou radicalmente a vida de Pedro Freitas.

CAPÍTULO 12

São Paulo: a primeira Casa Freitas

A primeira Casa Freitas foi aberta em sociedade com os irmãos Pedro Nolasco Freitas, Gerardo Teixeira de Freitas e Francisco Plácido Teixeira. Ficava no bairro da Liberdade, na Rua Conselheiro Furtado, 135 (foto), que liga o bairro da Aclimação ao centro da cidade. Era início dos anos 60. Os Freitas moravam todos juntos em casa alugada na Aclimação: Gerardo e Maria Assunção, o Francisco Plácido (Chico) e a Maria Mercedes (a Bebé), e Pedro, que ainda era solteiro. Nos anos que permaneceu em São Paulo, Pedro morou ainda em Santana, Largo da Concórdia, Mooca, Mandaqui e no Horto Florestal.

O investimento inicial de Pedro na Casa Freitas foi de 318 contos de réis – nada menos que todas as suas economias. Duas cunhadas suas relembram como o negócio começou: Maria de Lurdes Freitas, 88 anos, viúva do irmão Doca, conta que contratou seis bordadeiras em Fortaleza, que faziam toalhas de bandeja, centros e toalhas de mesa, entre outras peças, para serem enviadas à loja de São Paulo. Maria Assunção Braga de Freitas, 80 anos, viúva de Gerardo Teixeira de Freitas, diz que era seu marido quem costumava descarregar os caminhões de mercadorias que chegavam do Ceará. A venda de bordados, entretanto, duraria pouco. As mercadorias foram se diversificando, incluindo a venda de aviamentos e brinquedos.

Em 1978, os irmãos Pedro e Doca resolveram abrir a primeira Casa Freitas em Fortaleza. A loja foi instalada no centro da capital cearense,


Local onde funcionou
a primeira Casa
Freitas, no bairro
da Liberdade (SP),
no início dos anos
60 (térreo, com
cobertura de lona)



na Rua General Sampaio, 609. A indenização recebida por Doca da empresa em que trabalhava, a J. Torquato, foi utilizada para abrir o negócio. Ele administrava a loja. Pedro, em São Paulo, comprava as mercadorias e mandava para a loja de Fortaleza. Eram produtos baratos, diversificados, entre eles meias, canetas, miudezas para todos os gostos. A rotina de Pedro era pesada: trabalhava nas feiras até o meio-dia e à tarde fazia as compras para a loja de Fortaleza. De vez em quando, ia visitar a família em Fortaleza e sempre se hospedava na casa da irmã e mãe postiça, a Tonha, no Carlito Pamplona (Rua 1º de Maio). Foi nesse tempo, segundo o sobrinho Zezinho, que ele, ainda solteirão, namorava as moças das redondezas.

Tudo ia bem na terra da garoa, seu segundo lar, mas a saudade do Ceará e da família o obrigaram a fazer a viagem de volta.



A photograph of a person on a sailboat at sea. The person is standing on the deck, looking out towards the horizon. The sailboat's mast and rigging are visible. The water is a deep blue-green color. The sky is a pale, hazy blue. A large, semi-transparent blue rectangle is overlaid on the left side of the image, containing the text.

PARTE 2

**LIÇÕES
DE VIDA**

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

CAPÍTULO 13

De volta ao seu céu

Aquele garoto que chegou ao Rio de Janeiro de pau de arara, cheio de sonhos, e que viu todas as suas expectativas ruírem de repente não era mais o mesmo. Transformou uma profunda decepção em oportunidade de se reinventar em uma terra desconhecida. Foi em frente, sem olhar para trás. Não se tornou médico como ambicionava, é verdade, entretanto se descobriu exímio negociante. Agarrou com unhas e dentes a chance que encontrou na cidade mais rica do país, onde não conhecia ninguém. Ser camelô foi sua escola.

Uma década e meia mais velho, astuto e com uma visão de negócios ampliada, Pedro era agora um pequeno empresário. Decidiu que chegara a hora de voltar à terra natal. Graças ao seu próprio esforço, embarcou no avião da Transportadora Real rumo a Fortaleza – viagem bem diferente da que fez tantos anos antes, sacolejando durante dias dentro de um caminhão. Voltava sem avisar, faria uma surpresa à família. O desejo de se tornar um orgulho para sua mãe e seus irmãos ainda era sua principal motivação. O caçula da família já dava sinais de seu potencial vigoroso de trabalho e empreendedorismo, uma espécie de marca que iria acompanhá-lo durante toda a vida.

Quando fala de sua volta, Pedro diz que o Ceará é e sempre será o seu céu. O longo período em que viveu em São Paulo, na ânsia de ganhar a vida, foi apenas o meio para conseguir seu objetivo final, de voltar para

sua família e sua gente. “Eu saí do Ceará para fazer Medicina e fracassei. Então, trabalhei com unhas e dentes para dar uma satisfação à minha família, que queria que eu fosse o ‘médico do futuro’, esse era o sonho da minha mãe e dos meus irmãos. Eu até gostava muito da área de saúde, eu tinha esse ideal, mas mudei de ideal. Não dei para cela, mas dei pra canga-lha”, diz, rindo, o fundador da Casa Freitas.

Quando ainda estava em SP, Pedro abriu em Fortaleza a fábrica de linhas Seridó S.A. (foto???), na Rua Érico Mota, esquina com Dom Rego de Medeiros, no bairro São Gerardo. Era sócio do irmão Raimundo Gerardo, o Doca, e José Amílcar Mendes de Araújo (que acabou comprando a fábrica e depois passou para outro dono). A empresa durou quatro anos, mas fechou depois que o mercado sofreu truste das Linhas Corrente, assim como diversas fábricas do ramo, que não suportaram a concorrência desigual de mercado.

A loja da General Sampaio, aberta com o irmão Doca quando ainda morava em São Paulo, não estava vendendo bem. Assim que chegou a Fortaleza, Pedro se assustou com o “apurado” de dois meses: somente dez contos de réis. Preocupado, começou a andar pelo centro à procura de novas oportunidades. Foi aí que viu uma placa com a chance que esperava (“vende-se”), no prédio do Palácio do Comércio, um ponto bastante valorizado. Entrou sem mais demora e perguntou ao dono, o senhor Dídimo, sobre o preço e condições de pagamento. Depois de negociar bastante, chegaram a um acordo e Pedro decidiu comprar o imóvel por 145 mil contos de réis. Juntou todas as suas economias, mas não eram suficientes para fechar o negócio. Resolveu, então, fazer dois empréstimos: o primeiro fiador foi Antônio Rola Neto, fiscal do governo estadual, que o emprestou 20 mil contos de réis. O segundo, do mesmo valor, teve como credor o comerciante João Canário Alves. Pedro fechou a compra do imóvel na quinta-feira e nos três dias que se seguiram foi aquela correria para conseguir transferir parte das mercadorias da loja da General Sampaio, limpar, montar prateleiras e arrumar toda a nova loja. O fato é que na segunda-feira foi aberta a segunda Casa Freitas de Fortaleza, que ficou sob a responsabilidade de Doca.

A volta à terra natal trouxe outra bênção inesperada para o convicto solteirão. As festas e namoricos não preenchiam mais a vida de Pedro, exímio pé de valsa, que adorava, especialmente, um bom xote. Certo dia, ele passa pela Praça do Ferreira dirigindo seu automóvel e avista um belo rosto que lhe parece familiar...

CAPÍTULO 14

Amor de vida inteira

- **Minha querida?**
- **O que é, meu amor?**
- **Qual o nome da rua em que a gente começou a namorar?**

Faz tantos anos, que ambos têm dificuldade de lembrar os detalhes. Mas o primeiro encontro entre Pedro e Onivalda Pinheiro de Freitas aconteceu na Rua Dom Rego de Medeiros, no bairro São Gerardo, onde ela morava com a irmã, Ozete. Na sua volta de São Paulo, Pedro dirigia um automóvel em volta da Praça do Ferreira, quando aquele belo rosto lhe chamou a atenção mais uma vez. Ali estava ela, linda, elegante, com um semblante determinado, passeando pela praça com um sobrinho.

Fernanda, a primogênita do casal, conta como foi o início da história: “Minha mãe conheceu meu pai, eles tiveram alguma coisa, interessaram-se um pelo outro e meu pai foi para São Paulo. Quando ele voltou para o Ceará, estava passando de carro pela Praça de Ferreira e ela estava atravessando a rua. Aí ele parou o carro e começaram a namorar de novo”. Onivalda conta a história com detalhes: “Foi no portão da casa da minha irmã, ele parou e puxou conversa... Depois disso, tempos depois, eu estava na Praça do Ferreira com meu sobrinho, Raimundo César. Ele vinha de carro e me viu passando na praça. À noite, foi bater lá em casa e começamos a namorar”, diz, rindo.

Assim que chegou em casa, Pedro contou o encontro à mãe, que logo lembrou da moça. Naquela época, de cadeiras nas calçadas, quando os vizinhos todos se conheciam e frequentavam as casas uns dos outros, era





fácil saber o que se passava no bairro. Tonha disse logo que Onivalda era moça prendada, vinha sempre de Solonópole, onde nasceu, para visitar a irmã na capital. Era uma boa moça, ela fazia gosto na escolha do filho.

O que mais chamou a atenção de Pedro, além da exuberante beleza da moça, 13 anos mais jovem que ele, foi a sua moral, firmeza e determinação. Onivalda era filha de uma agricultor e de uma dona de casa, assim como ele, e também veio do interior para a capital, ainda com 20 anos, para estudar no Colégio Santa Isabel. É a terceira mais nova de uma família de oito mulheres e um único homem.

Zezinho, filho da mãe Tonha, ainda retém na memória o dia em que soube que seu tio iria, finalmente, se casar. “Eu me lembro bem que a gente estava dentro da rural dele, indo para a casa da Ozete, casada com o César Pinheiro, irmã da tia Onivalda, e ele me comunicou ali que ia casar. Só estávamos eu e ele dentro da Rural (ele estava justamente indo ver a namorada). Foi nesse dia que eu conheci a tia Onivalda.”

Os dois fugiram para casar, em 13 de outubro de 1964. O casamento civil foi em Parangaba e o católico em Palmácia. Há quem diga que os dois casaram escondido por causa dos amigos de solteirice dele, outros falam em um suposto pretendente de Onivalda, da Aeronáutica. O fato é que “ele a roubou e foi casar com o padre Francinet”, diz o Zezinho da tia Tonha. O padre era irmão da Maria de Lurdes, cunhada de Pedro. No dia posterior ao casamento, a família apareceu em Palmácia, para cumprimentar os noivos. “Eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos fomos à casa do Padre Francinet. Daí em diante, ele passou a ser um homem sério, responsável”, assegura Zezinho.

Na página anterior, casamento de Pedro e Onivalda, em 13/10/1964, celebrado pelo padre Francinet, no município Palmácia (Ce)

FOTOS: ARQUIVO DE FAMÍLIA

Quem não gostou nada dessa história de casar escondido foi a cupido do casal, Ozete, irmã de Onivalda. Sentiu-se traída por não ser a primeira a saber do final feliz pelo qual tanto torceu. “Foi uma doídice que eu fiz, a Ozete quase que morre de raiva. Dormimos eu na minha casa e ele na casa dele e de manhã viajamos. Primeiro a gente foi pra Mombaça, fugidos. Levamos só o irmão dele e sua mulher. Foi uma doídice mesmo. Eu vivia dizendo pros meus pais que qualquer dia eu casava com o Pedro, mas meus pais só o conheciam de nome, porque moravam em Solonópole. Quem fazia as vezes da minha mãe em Fortaleza era a Ozete. Depois de passado o susto, todo mundo gostou dele.”

E gostou pra valer. A fazenda do pai de Onivalda, por exemplo, foi comprada por Pedro. Raimundo da Volta confiava tanto no genro que até seu testamento deixou para ele resolver. Desde que casou com Onivalda, Pedro passou a ser querido por todos da família, como se nela tivesse nascido.

CAPÍTULO 15

A chegada de Fernanda

Antes de completarem um ano de casados, em setembro de 1965, Pedro e Onivalda traziam nos braços a primogênita Fernanda, que muitos afirmam ser a cópia feminina do pai. São dela as recordações de uma família bem-estruturada e tradicional: o pai, provedor, passava o dia inteiro trabalhando (às vezes até tarde da noite), enquanto Onivalda cuidava dos mínimos detalhes do lar. “Meu pai chegava em casa na hora certa, minha mãe era aquela dona de casa muito organizada, todos os horários eram bem definidos... as principais refeições, a gente fazia todo mundo junto. Então, na minha cabeça, meu pai era quem trazia o dinheiro para casa e minha mãe era quem cuidava dos filhos. Uma coisa muito bem estruturada. A minha primeira lembrança é a da casa da Rua Érico Mota, na Parquelândia. Eu nasci ali e ficamos nessa casa até meus 14 anos”, diz Fernanda.

Pouco restou na memória de Fernanda do tempo em que era filha única, pois quando tinha menos de dois anos de idade nasceu Pedro. Mas guarda com nitidez a segurança que os pais lhe passavam, o respeito de sua mãe por seu pai, o bom relacionamento entre os dois. A relação com o irmão Pedro era muito forte, cúmplice: “Eu nunca tive ciúme do Pedro porque a gente sempre foi muito unido e até pra mentir para os pais a gente combinava, não havia segredo entre a gente”.



A rotina da família começava bem cedo: os dois filhos tomavam banho, se penteavam, tomavam café e o pai os deixava no colégio. Fernanda estudou primeiro no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, depois no tradicional Colégio Cearense. Dona Onivalda, que já dirigia e tinha seu próprio carro, buscava as crianças na escola e resolvia todas as pendências domésticas. Era ela quem fazia as compras, levava os filhos para médico, dentista, cuidava de tudo. Foi assim também quando a família teve que passar seis meses em São Paulo. “Lembro demais do meu pai descarregando as mercadorias de um caminhão na garagem de casa. Eu fazia o segundo ano primário nessa época, e o Pedro fazia a alfabetização. A gente foi pra São Paulo porque meu tio Gerardo estava doente, veio pra Fortaleza e a gente teve que ir pra lá. Foi uma troca, porque meu tio Gerardo veio se tratar perto da família, e meu pai foi cuidar da loja de São Paulo. Tio Gerardo e tio Chico moravam em São Paulo, enquanto meu pai e o tio Doca cuidavam dos negócios em Fortaleza. Esse foi um período de adaptação à cidade, à casa, ao novo colégio, em que nós ficamos mais unidos, mais próximos.”

Enquanto o trabalho permitiu, quando o número de lojas era relativamente pequeno, a presença de Pedro na hora do almoço era constante. Fernanda lembra que saíam muito para lancha, passear, para ir à missa, religiosamente, aos domingos, primeiro numa igreja da Avenida Bezerra de Menezes, depois na Igreja Redonda, na Parquelândia.

A fábrica de linhas Seridó e as idas à fazenda marcaram a infância de Fernanda e Pedrinho: “O lazer mais frequente, que ficou mais na memória, eram nossas idas à fazenda de Solonópole, nas Carnaúbas, onde tivemos uma infância maravilhosa. Porque a mãe é de Solonópole e o pai comprou a fazenda do meu avô materno, Antônio da Volta. Meu avô era muito amigo do meu pai, eles se gostavam muito. A gente andava a cavalo, o pai com a gente na garupa, tinha queimação de judas, brincava no mato... aí depois, bem depois, ele comprou a casa de praia, em Sabiaguaba, onde a gente passava as férias”.

Para Fernanda, Pedro era um pai brincalhão e aberto, mas ao mesmo tempo tinha regras bem definidas. “Ele era rígido. Era brincalhão, mas ao mesmo tempo ele brigava, cobrava. Bastava meu pai olhar pra gente que a gente fazia o que ele queria, naquele tempo jamais se questionava uma ordem de pai e ele sempre cobrou que a gente estudasse. Também tínhamos que voltar para casa na hora certa. Os meninos, Pedro e Marcelo, até não tinham muito isso, mas eu tinha de cumprir, e eu morria de medo, obedecia mesmo. Comigo, negócio de namoro, ele tomava todo cuidado, sempre foi

Na página anterior, Onivalda, mãe Tonha, Pedro e Fernanda, nos braços da avó

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

DEPOIMENTO

“Sabe aquele sonho de Papai Noel? A gente combinava, eu e o Pedro: não vamos dormir, pra ver ele chegar com nossos presentes... aí a gente não aguentava e dormia, só via os presentes no dia seguinte. Aquele cheiro de plástico, de Natal aqui da loja, das miudezas... foi uma prima minha distante que disse que Noel não existia e um tio confirmou. Eu já era grande, mas fiquei pra morrer... Desde esse dia, acabaram-se os presentes debaixo da cama. A mãe começou a comprar os presentes de Natal, mas não tinha mais a magia do Papai Noel”.

Fernanda Freitas

assim. Eu só saía se fosse com meus irmãos”. Os passeios mais frequentes eram para a praia, Clube Líbano, lanches na Kibon ou na Real Sucos.

Foi seu pai quem primeiro falou de Papai Noel, era ele quem mandava as cartas com o pedido de presentes e estimulava a tradição das festas de Natal. “Nunca esqueci quando ele deixou a boneca Amiguinha debaixo da cama... No ano que a gente ganhou duas Calois, eu e o Pedro, a gente dormia junto e via esses presentes juntos, era muita felicidade... mas, quando descobri que Papai Noel não existia, foi a maior decepção da minha vida”, reconhece.

Anos mais tarde, quando Pedro levava os filhos para a loja, e depois, quando eles começaram a se envolver com o negócio, os três entenderam o porquê das regras, do cumprimento de ordens, da rigidez com o horário e, principalmente, da importância de saber dar valor ao dinheiro que se ganha. Fernanda, dizem os familiares, é o seu Pedro de saias: enérgica, impulsiva, como os Freitas, mas ao mesmo tempo doce, justa e incansável no trabalho. Fernanda casou pela primeira vez aos 21 anos e logo teve os filhos Ricardo e Caroline.

CAPÍTULO 16

Histórias de Pedrinho e Marcelo

Em 1967, dois anos depois de Fernanda, nasce Pedro Pinheiro de Freitas, o filho do meio. O tino comercial do pai, uma das marcas registradas de Pedrinho, ficou evidente já na infância, quando inventou de vender cocadas no Colégio Cearense, onde estudava com a irmã. É dessa época a primeira grande lição que recebeu do pai: se estava usando a matéria-prima da cozinha de casa (o açúcar), tinha que pagar por ela e aprender a calcular seu lucro incorporando essa despesa. Pouco depois, a coordenação do colégio proibiu a venda, o que impediu o negócio de ir pra frente. O menino teve que desistir da empreitada, mas guardou consigo um dos diferenciais da educação que recebeu: nada neste mundo é de graça.

Pedro vê o pai como alguém que viveu para trabalhar, um homem de origem humilde, que perdeu o pai ainda adolescente e venceu pela força e perseverança de seu trabalho. Ele se recorda da roda de bons amigos do pai, nos tempos em que Pedro tinha uma vacaria, na CE-040, bem antes da fazenda de Solonópole. “Era uma vacaria bacana, muita vaca leiteira, bois, garrotes, gado de primeira linha, que participava da Expoece e até chegava a receber prêmios. Nos fins de semana, havia um churrasquinho, uísque, uma cachacinha, ele sempre gostou mais de bebidas destiladas.”

Desde quando eram muito pequenos, Pedro e Fernanda costumavam

acompanhar o pai, sempre que ia trabalhar, especialmente nos fins de semana e nas férias. “Se ia comprar um imóvel, ele nos levava, e nas férias a gente ia pra loja, a da General Bezerril, pois só havia ela na época”, conta Pedrinho. A forma de lidar com o dinheiro estava presente na educação dos filhos, que aprenderam a valorizar cada ganho: se um filho quisesse ganhar um presente dele no Natal, por exemplo, tinha de pagar a metade do valor do presente com o dinheiro do seu próprio trabalho na loja. “Foi assim que aprendi a valorizar o dinheiro, coisa que a gente, infelizmente, não tem mais o hábito de fazer com nossos filhos.”

Marcelo Pinheiro de Freitas nasceu em 1971, quatro anos depois de Pedro. Dos três, é o que mais se parece com a mãe, inclusive fisicamente. Da infância, guarda a recordação de uma convivência materna muito forte e dos ensinamentos do pai. “Eu sempre fui mais apegado com a minha mãe, porque ela vivia em casa, o papai sempre trabalhando... sem falar que a diferença de idade entre meu pai e eu, que é de 45 anos, é uma diferença muito grande. Ele sempre foi muito firme na nossa educação, nunca deixou faltar nada em casa e eu agradeço a ele hoje pelo que a gente é, porque ele sempre soube criar a gente muito bem.”

Dos irmãos, guarda a lembrança de uma infância ao mesmo tempo alegre e distante: “O Pedro e a Fernanda eram mais próximos porque a diferença de idade era mínima, de um ano e meio, enquanto a diferença entre eu e o Pedro é de quatro anos e meio. Hoje não vale nada, mas quando éramos crianças, a distância era muito grande”. Os cenários em que viveram a infância, porém, eram os mesmos: a fazenda, a vacaria, a fábrica de linhas, a casa de praia, as missas. Aos 12 anos, nas férias, Marcelo começou a trabalhar, fazendo pagamentos em banco. Foi no tempo em que seu pai tomava conta da imobiliária, na Visconde do Rio Branco. “Eu tinha raiva, porque enquanto meus amigos todos brincavam nas férias, eu fazia pagamento em banco. Aí, com 16 anos, fui morar nos EUA, passei um ano e meio fora e terminei o Sênior High School, em Hawarden”, conta. Quando voltou, foi novamente trabalhar com o pai, na parte de compras.

Marcelo conviveu mais com os pais quando seus irmãos já estavam com mais de 18 anos e ele ainda não podia acompanhá-los. “Nesse tempo, saía bastante com o papai e com a mamãe. Eu tinha 13 anos, então íamos nós três para nossa casa em Sabiaguaba, frequentemente. Marcelo lembra-se com precisão das poucas vezes que o pai viajou para fora do país (Pedro jamais gostou de deixar o Brasil): “As duas únicas viagens que o papai fez para o exterior foram para os Estados Unidos. Na primeira vez, eu tinha 11 anos e eles foram sem mim, com um casal de com-

padres, o seu Toinho e a dona Linda. Eles foram para a Flórida, Orlando, Miami, Nova Iorque. Eu me lembro bem dessa viagem, porque a gente ficou na casa de uma tia, esperando eles voltarem. Na segunda, que eu fui, passamos 38 dias viajando. A gente até encontrou a atriz Fernanda Montenegro naquele Teatro Chinês, em Hollywood. Foi um encontro casual, ficamos conversando dois ou três minutos, foi bem rápido, nada importante”, diz Marcelo.

Hoje, “o poliglota e intelectual da família”, como costuma chamar seu orgulhoso pai, toma conta da parte de comércio exterior, das compras na China, função facilitada pelo domínio da língua inglesa (e também do espanhol).



Pedrinho,
Fernanda, Marcelo
e Pedro (sentado)

FOTO: JARBAS OLIVEIRA

CAPÍTULO 17

Prosperando e fazendo prosperar

Lauro Luiz da Rocha, 91 anos, proprietário da loja Palácio das Canetas, conviveu com Pedro logo que ele voltou de São Paulo, no Abrigo Central da Praça do Ferreira. O Abrigo era uma espécie de *shopping* popular daquela época, que reunia várias lojinhas, onde as pessoas podiam comprar diversos produtos em um só lugar. Assim como fazia em São Paulo, Pedro vendia artigos para os camelôs e também tomava conta da loja do Palácio do Comércio, junto com o irmão Doca. Nessa época, o pernambucano Lauro, que trabalhava com os filhos, já gravava nas canetas o nome do comprador, como faz até hoje, ao lado dos filhos. Um detalhe interessante é que ele nunca comprou os produtos que Pedro vendia, mas de vez em quando gravava umas canetas para ele.

Os dois, portanto, conheciam-se superficialmente até o dia em que Lauro resolveu procurá-lo em sua loja. “Quando me viu, ele foi logo dizendo, ‘o que que há, gente boa?’ Mas eu fiquei por ali, meio encabulado, afinal tinha ido pedir um favor. Pedro puxou conversa, perguntou como ia meu negócio, eu respondi que ia bem, graças a Deus... Pediu para eu entrar e entrei. Então, fui direto ao assunto: queria comprar esse ponto aqui, do Palácio das Canetas, e precisava de avalista. Ele disse que o ponto era muito bom e se antecipou: ‘Precisa de um avalista? Tem um aqui, me dê o cartão!’ E pronto, foi assim que eu consegui comprar o negócio do qual sobrevivo até hoje.”

Depois disso, os dois viraram compadres: Pedro era o padrinho da filha de Lauro, Lucivânia, que morreu aos 46 anos.

Há mais de 30 anos sem ver o compadre, Lauro conta que Pedro era muito expansivo, gostava de fazer amizade e que certa vez o convidou para o aniversário de sua filha Fernanda. Depois disso, pouco o viu. Mas é com gratidão que recorda as quatro vezes em que o amigo financiou seus negócios. “Eu tinha até que falar com ele, agradecer, mas não tenho condições, já tenho 91 anos. Ele é uma pessoa boa e eu lhe devo muito. Graças ao meu negócio, que ele afiançou, eu comprei não só a minha casa, mas também várias outras casas que estão alugadas, criei meus quatro filhos”, diz Lauro, que mora em casa própria no bairro São Gerardo.

Seu Lauro não foi o único a quem Pedro deu a mão. Antônio Rubens Teixeira, 84 anos, seu conterrâneo de Itapipoca, dono da Casa Fátima, passou por situação semelhante. Quando eles se conheceram, Pedro ainda morava em São Paulo. Um dia, quando já residia em Fortaleza, chegou à loja do seu Antônio todo afobado e perguntou: “Rapaz, eu vim aqui ceder aquela loja que eu tenho pra você, o que acha?” Antônio disse que achava bom, afinal estava sendo despejado do prédio onde funcionava sua loja, Pedro nem sabia disso.

Antônio tinha uma loja bem pequena e estava com receio de investir em algo que não pudesse dar conta. “Eu estava doido pra arrumar um lugar para instalar minha loja, mas meu dinheiro não dava. Pois ele me levou ao gerente do banco, apresentou-me e disse de quanto eu estava precisando. Eu disse que não tinha aquele dinheiro todo, mas ele falou com o gerente, que se chamava Jaime, e ele confirmou que eu podia receber do banco o que estava faltando para abrir a loja. Deu tudo certo pra mim e o Pedro também começou a vencer. Depois disso, ele comprou a loja dele e eu a minha, nós dois fomos pra frente. Criei meus oito filhos com esse comércio. Isso já faz 51 anos”, recorda-se Antônio.

Depois de cinco décadas, Pedro e Antônio ainda se encontram. Vez por outra, Pedro vai visitar sua loja da Rua General Bezerril, vizinha à de Antônio, e sempre vai à Casa Fátima rever o amigo. Ficam ali proseando por horas, falando de uma cidade perdida no tempo, em que a confiança e a amizade, as conversas de calçada e a política da boa vizinhança eram parte fundamental do negócio.

DEPOIMENTO

“O Pedro? É um irmão! Ele nunca chegou na loja dele, aqui vizinho, pra não vir aqui falar comigo, eu gosto muito disso. Lembro que um amigo dele, de Itapipoca como nós, Raimundo Primo, tinha um comércio de miudezas que só deu certo porque também foi ajudado pelo Pedro. Não tem homem melhor não, eu sou o que sou graças a ele”.

Antônio Rubens Teixeira, comerciante

CAPÍTULO 18

Uma médica muito especial

Entre os funcionários, especialmente os mais antigos, Pedro tem uma imagem partida ao meio: é, na mesma medida, brincalhão e companheiro, e também exigente e rígido no trabalho. Não é cena rara vê-lo no meio da loja, puxando papo ou ajudando um ou outro vendedor. Mas é também comum vê-lo dando bons puxões de orelhas nos que saem da linha.

Dionísio Alves Maciel, o seu Dió, gerente da Casa Freitas há 27 anos, é um dos que têm muitas histórias para contar. Depois de trabalhar na Pirineus e numa empresa de Recife, Dió veio morar definitivamente em Fortaleza, em 1988. Dois dias depois de chegar à cidade, conversou com Pedro e começou a trabalhar na Casa Freitas. “Eu já havia conhecido seu Pedro num passeio da Pirineus para o qual ele foi convidado, e então eu já tinha mais ou menos uma ideia de quem ele era. A primeira impressão é a mesma de hoje: uma pessoa maravilhosa, sempre me atendendo muito bem. Eu gosto demais dele”, confessa o gerente.

No tempo em que Pedro tinha uma casa em Messejana, enchia o bagageiro do carro de tapiocas, farinha de tapioca e outras gulodices e sempre dividia com Dió. Um dia, ele abriu o carro e disse: “Olha aí, bichão, o que eu trouxe hoje”. Dió respondeu que nem ia olhar, pois sabia que ele ia dividir tudo. Pedro brincou:

- Que nada, rapaz, eu não vou lhe dar nada não, porque você é muito pidão...
- Ah, eu sou pidão? Pois deixe estar que nunca mais eu faço isso!

Aí, ele riu e disse:

- Peça, meu filho, peça que eu dou...

Dió conta, rindo, que continuou tudo como antes, não largou o costume de recorrer ao patrão. Na época da crise do governo Sarney, nos anos 90, por exemplo, Dió pedia a ele vinte reais, ele abria a carteira, cheia de notas de cinquenta, e dizia que não tinha. Rápido, Dió tirava uma nota. Pedro sempre fingia reagir: “Tá me roubando, seu cabra?” E ria, esquecendo o assunto.

Outra vez, o gerente foi pedir aumento, a crise estava grande, as coisas não estavam fáceis. Ano difícil aquele 1994. O que se comprava na segunda-feira, não dava mais para comprar na sexta. Pedro zangou-se: “Dou não, dou não, já estou cansado de tanto você me pedir aumento, todo mês a mesma cantilena... dou não!!!” Nisso, dona Onivalda entrou na loja e Dió foi falar com ela: “Dona Onivalda, eu estou numa situação difícil, eu queria que a senhora falasse com o seu Pedro e intercedesse por mim... queria que, quando estivesse sozinha com ele, pedisse um aumentozinho pra mim...” Ela riu e ficou calada, como quem consente.

No dia seguinte, um sábado, quando a moça do Departamento de Pessoal passou, Pedro gritou, de modo que Dió ouvisse: “Lucinha, dê logo um aumento para esse rapaz aqui, que agora ele arranjou uma protetora forte”. Dió conta que, por essas e outras, sempre trabalhou com prazer. Aposentado desde 1997, seu Dió foi um dos que foram recontratados pela empresa, o que ajuda bastante no orçamento familiar.

Mas não foi nenhuma dessas histórias que fortaleceu para sempre os laços entre patrão e funcionário, que se tornaram verdadeiros amigos. Certo dia, em 1993, a filha de Dió, Marilana, disse à mãe que queria fazer Medicina e pediu a ela que falasse com seu pai sobre o assunto. Queria sair da escola pública para uma particular, o que aumentaria suas chances de passar no vestibular. A mulher falou com o marido, os dois pegaram o boletim com as boas notas da filha e foram às maiores escolas da época, exibindo o bom desempenho de Marilana pra tentar um desconto, uma bolsa, uma mensalidade que coubesse no orçamento do pai. Em um grande cursinho pré-vestibular de Fortaleza, foram recebidos pelo diretor, que perguntou friamente: “Quanto a senhora ganha? E seu marido? Pois, com essa quantia, vocês nunca irão conseguir pagar um colégio como este”. Sua esposa o chamou e, quando o viu, começou a chorar. Dió conta essa história e para várias vezes, em prantos, lembrando a humilhação que passaram.

O caso se espalhou na Casa Freitas e Pedro chamou o gerente para ou-

vir dele o que tinha se passado. De novo, Dió se emocionou. Ao ouvir a história, Pedro lembrou do próprio sonho, tão antigo, de ser médico.

– Chore não, meu filho. Não se preocupe não... procure um colégio bom pra sua filha... vamos fazer o seguinte, eu pago a metade da mensalidade, você a outra metade e no mês que você não puder pagar nada, eu pago só.

Marilana, finalmente, foi estudar no Christus. Na primeira vez que fez vestibular, concorreu para Medicina e Enfermagem. Não passou em Medicina, mas tirou primeiro lugar em Enfermagem. O problema é que a filha de Dió não queria Enfermagem de jeito nenhum. A sorte foi que um amigo de Dió conhecia o dono do Cursinho Vasco e indicou Marilana, relatando que ela havia ficado em primeiro lugar. Ela conseguiu a bolsa integral por seis meses, no cursinho que queria, e voltou a estudar. No meio do ano, tentou novamente. Daquela vez, passou em Medicina, na UFC, passou em Recife e também em Informática, na Unifor.

Assim como Marilana, toda a família de seu Dió atualmente vive muito bem. Um filho é engenheiro mecânico, outra é advogada. O casal, os filhos e netos almoçam juntos, todos os sábados. “O mais importante é que eu aprendi com o Pedro o que é uma família, com o jeito que ele abraça, beija as meninas, fala com todos os funcionários. Ele é meu irmão, meu pai, meu amigo, meu companheiro, meu patrão, ele é tudo pra mim.”

Cheio de orgulho e com a voz embargada, Dió conta o final da história de Marilana: hoje sua filha é médica, perita do INSS, médica da Prefeitura de Fortaleza e endocrinologista, tem seu próprio consultório... e é a endocrinologista particular de Pedro Freitas.

Os irmãos Pedro
(esquerda) e Doca

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



A primeira separação

Pedro Freitas é um homem prático, objetivo. Características essenciais a um bom comerciante. Com um negócio familiar, e com filhos tornando-se adultos, era natural que ele desejasse que seus descendentes continuassem com o trabalho que iniciara anos atrás e que se tornava um patrimônio sólido. Foi assim que, certo dia, em 1986, chamou o filho Pedro e perguntou se realmente ele queria ser comerciante. Nessa época, Fernanda ainda fazia faculdade (só trabalhava nas férias) e Marcelo tinha ainda 13 anos. Pedrinho sentiu que o pai precisava saber com quem poderia contar caso resolvesse assumir o negócio sozinho, sem sócios. Havia chegado a hora de cada um seguir seu caminho. A ideia de Pedro Freitas era comprar a parte do irmão Doca, ou vice-versa, para que ambos conquistassem sua independência empresarial. “Ou o papai vendia a parte dele para o irmão, ou o tio Doca vendia a parte dele para o meu pai. Porque os filhos do tio Doca trabalhavam na Casa Freitas, então era muita gente em torno de um só negócio”, explica.

A resposta do filho foi afirmativa: Pedrinho disse ao pai que sim, que queria mesmo ser comerciante. Marcaram, então, o encontro entre as duas famílias. “Eu lembro que a gente foi se encontrar na casa da filha do tio Doca. Fomos eu, a Fernanda, o Marcelo, a mamãe e o papai; o tio Doca, a esposa e os filhos. Eu não entendi por que, primeiro, papai pediu que saíssem as duas esposas, já que elas duas nunca trabalharam no negócio. Ficaram só os dois irmãos e os filhos. Papai fez uma proposta ao tio Doca e deixou com

ele a decisão de comprar a parte do papai ou vender a parte dele por aquele mesmo valor. Tio Doca optou por vender sua parte no negócio. Depois comprou uma empresa pra ele com esse dinheiro. O nome era Atacadão Freitas e ficava a um quarteirão da Casa Freitas, na Senador Alencar, quase esquina com Floriano Peixoto”, conta Pedrinho. Com a saída de Doca, pai e filho assumem o controle dos negócios e logo depois Fernanda iria trabalhar na loja.

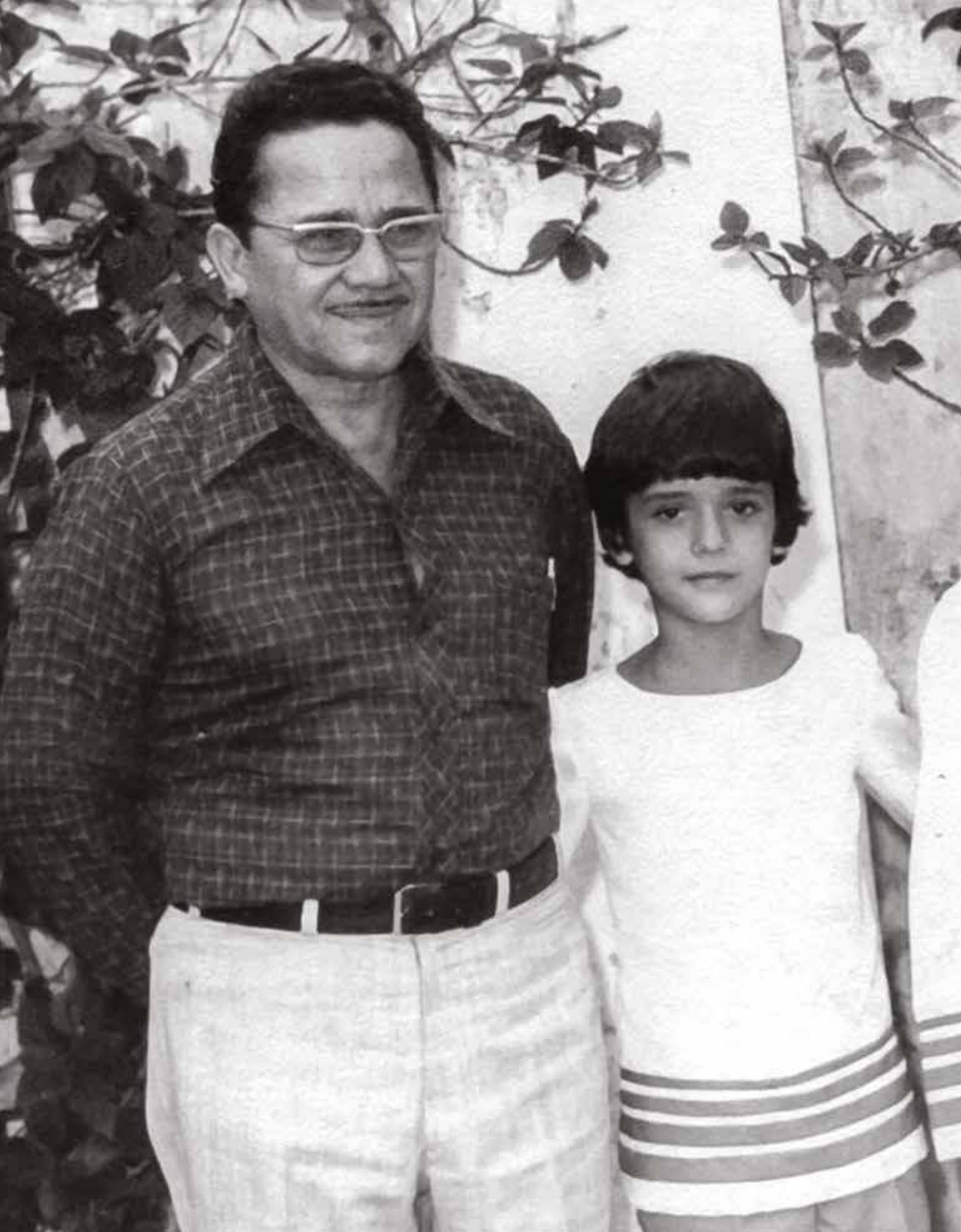
CAPÍTULO 19

Dois Pedros, duas medidas

Pedrinho terminou o segundo grau com 17 anos, fez vestibular para Economia, na Unifor, e ficou nos classificáveis. Nunca mais quis cursar uma faculdade. Estava certo que ser comerciante era o que queria fazer da vida. Nessa época, trabalhou, entre seis meses e um ano com o tio Doca, quando ele ainda era sócio do seu pai. Seu pai havia se afastado para cuidar de negócios paralelos às Casas Freitas – uma imobiliária e, em seguida, uma loja de redes na Rua Conde D’Eu.

As lojas de variedades estavam prosperando, a demanda por produtos aumentava e o estoque não correspondia ao crescimento das vendas. Com Fernanda na faculdade e Marcelo ainda criança, restavam aos dois Pedros assumir a gestão da empresa. Ainda menor, Pedrinho teve que ser emancipado pelo pai, já que havia responsabilidades que sua idade cronológica o impedia de arcar. Seu primeiro grande desafio foi fazer compras em São Paulo, com um talão de cheques do Bancesa em seu nome e sob a orientação do pai. “A loja tinha pouca mercadoria, eu me lembro que a gente até jogava bola no depósito da Antônio. Pois bem, meu pai me emancipou e eu fui pra São Paulo, com dois talões de cheque, já podia assinar e comprar. Comprei bem pouquinho, com medo, só duas carradas de mercadoria. Voltei e, em uma semana, no máximo 15 dias, vendemos tudo. Aí ele olhou pra mim e disse: “Rapaz, eu lhe pedi foi pra comprar, comprar de verdade, não foi pra enrolar, não!”.

Com a bronca do pai e com mais experiência, Pedro viajou de novo.



Dessa vez, comprou cinco ou seis carradas de mercadorias, não lembra bem. Venderam tudo em um mês. Novamente, o pai reclamou: “Rapaz, eu lhe mandei comprar, não foi brincar de comprar, não!”. Na terceira viagem, Pedrinho resolveu prestar mais atenção ao apelo do pai e exagerou: “Devo ter comprado umas 30, 40 carretas, comprei demais, mesmo. Aí, claro, o papai reclamou: Rapaz, como é que você faz um negócio desses? Você comprou o mundo todinho, onde é que a gente vai botar isso tudo?”. Sem graça, Pedrinho ainda retrucou: “Mas o senhor não disse pra eu comprar com vontade?”. Resultado: o depósito da Rua Antônio (nº 800) ficou abarrotado, o estacionamento da Rua 24 de Maio com Senador Alencar foi usado e também lotou. Foi preciso até colocar uma lona para proteger as mercadorias do sol e da chuva. Só restava a Pedrinho caprichar nas vendas para liberar o superestoque.

Essa foi apenas uma das dificuldades que Pedrinho enfrentou no comércio. Em 1986, por exemplo, durante a vigência do Plano Cruzado, no Governo do presidente José Sarney, o mercado teve que fazer seus ajustes. “Aí quem devia muito ganhou dinheiro, porque tinha muito prazo pra pagar, até 260 dias, com os juros já embutidos na compra. Mas logo depois veio a falta de mercadorias, gente sendo presa e tudo, aí a gente vendia o que tinha... eu passei três meses em São Paulo, comprando mercadoria e o papai vendendo aqui. Só que, logo em seguida ao plano, veio uma ressaca muito grande, as vendas caíram, os juros começaram a subir e a gente se aperreou, mas sempre com estoque bom. A coisa se inverteu: tínhamos mercadoria demais, mas não tinha quem comprasse”, explica Pedrinho.

Na página anterior,
Pedro e Pedrinho,
o filho do meio

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

Detalhe da loja da
General Bezerril,
que foi parcialmente
incendiada em 1999

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



Pegando fogo

Como em toda história de vida, a maneira de lidar com os problemas faz a diferença. Na trajetória da família Freitas, o incêndio foi um imprevisto recorrente: na loja da General Bezerril, depois nas lojas de Pedrinho (Freitas Varejo), em Juazeiro do Norte e Sobral, e na Casa Freitas novamente, no centro de Quixadá, em junho de 2015.

O primeiro incêndio, em 1999, só foi descoberto a tempo graças a um hábito social que até hoje se repete, uma vez por semana, reunindo o pessoal do comércio que trabalha no entorno da Rua General Bezerril. “Nós estávamos sentados ali na calçada, onde o pessoal do centro se encontra para comer um churrasquinho, depois do expediente. Eu estava tomando um refrigerante, quando vi que começou a esfumaçar e até pensei que fosse no prédio vizinho. Ouvi alguém alertando que estava pegando fogo. Eu estava sem a chave da loja e tivemos que arrombar a porta. Então, foi carro de bombeiro, gente tentando debelar o fogo, uma confusão. Na parte do depósito onde ocorreu o incêndio houve perda total. Na loja mesmo, 70% das mercadorias foram perdidas, uma parte por causa da água usada pelos bombeiros e outra parte foi queimada. Foi uma tristeza, molhou tudo, muita coisa estragou”, lembra Pedrinho.

Fernanda lembra bem que o próprio pai tratou de reconstruir a parte de cima da loja, onde hoje ela e o irmão Marcelo trabalham. O prejuízo foi razoável, mas teria sido maior, se não fosse o empenho do próprio Pedro em reconstruir o local em tempo recorde.

Na loja de Pedrinho, em Sobral, o prédio caiu totalmente, em 2009, próximo ao Dia das Crianças, data particularmente signifi-

cativa para o comércio. “Não havia o que fazer: sentamos na calçada e assistimos à queda. O mais importante é que ninguém se machucou. Nosso esforço foi o de acertar a documentação para a mudança de prédio, providenciar prateleiras, organizar mercadorias e colocar a loja provisória em funcionamento em duas semanas, dentro de uma antiga gráfica”, diz Pedrinho.

Pedro apenas sorri quando se fala dos incêndios. Não leva muito a sério esse tipo de dificuldade, que nunca o impediu de seguir em frente, com ânimo redobrado.

CAPÍTULO 20

A independência de Pedrinho

Até final dos anos 80, os negócios da Casa Freitas tinham, predominantemente, foco no atacado. A loja da General Bezerril situava-se numa região na qual se concentravam os estabelecimentos com essa característica, enquanto o forte do comércio varejista no centro da cidade era no calçadão da Liberato Barroso e da Guilherme Rocha. Em 1988, Pedro abriu a Freitas Comércio, uma loja de varejo na Rua General Sampaio – primeiro passo para uma mudança de direcionamento.

A juventude de Pedrinho e a austeridade de Pedro, acrescidas por uma diferença de idade de 41 anos, começaram a dar sinais visíveis no dia a dia do trabalho. Pedro Freitas sempre foi bastante rígido quanto às regras, especialmente quanto aos horários de serviço. Seu lema é: o dono do negócio tem que ser o primeiro a chegar e o último a sair. Ele não gosta de viajar, pois faz do trabalho seu lazer e, do comércio, sua própria vida. Para o jovem Pedrinho, entretanto, não haveria sentido em lutar tanto se não pudesse também aproveitar os frutos do árduo trabalho – válvulas de escape, viagens, encontros com os amigos. Resumindo, Pedro vive para trabalhar, e Pedrinho trabalha para viver. Pedrinho gostava de sair com os amigos durante a semana, exagerando um pouco aqui e ali, mas depois que entrava na loja só ia embora quando tudo estava resolvido.

Em 1990, diante do jeito antagônico de lidar com as dificuldades do cotidiano, o mais sensato seria cada um capitanear seu próprio negócio. “Às vezes, eu e papai discutíamos, porque eu tinha um jeito de trabalhar,

ele tinha outro... então, ele me deu uma loja com todo o estoque, as prateleiras estavam cheias. Passou a loja para o meu nome, então eu ficaria só com o meu negócio e ele só com o negócio dele. O valor da loja com o que tinha dentro, na época, era de 28 mil dólares. A loja existia havia dois anos, quando eu fiquei com ela. E ele ainda me disse assim: ‘É sua, mas se quebrar, não me procure’. Quer dizer, aquilo foi uma responsabilidade muito grande que ele me deu”, recorda-se Pedrinho.

Naquele momento, o filho confessa que viu “o mundo se acabando”, sentiu-se só e com uma grande responsabilidade de se manter, sem a proteção e a experiência paternas. “Hoje, eu tenho a noção de que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Parti para o varejo, abri uma loja na Guilherme Rocha, com 8m x 25m² (hoje ela tem 24m², comprei uma parte, depois outra, e a loja foi crescendo). Meu pai viu que aquele negócio era bom e também partiu com tudo para o varejo”, diz o filho, que superou todas as expectativas que seu pai e irmãos tinham com relação a ele. Atualmente, ele é proprietário de 15 lojas e uma fábrica de plástico, a *New Plastic*, que fabrica 80 itens e tem 200 funcionários.

O tino comercial é um forte elo entre os dois. Enquanto Pedro fareja boas compras, aproveita oportunidades que ninguém daria crédito e aposta em lojas onde jamais se pensaria em abrir um comércio, Pedrinho também investe com segurança nas novas possibilidades. Na época da “febre” de lojas do tipo 1,99 (modelo importado dos Estados Unidos), Pedrinho foi pesquisar em Curitiba, cidade pioneira do país nesse tipo de negócio, e rapidamente abriu a segunda loja brasileira do ramo, em Juazeiro do Norte. O sucesso foi tanto que tiveram que fechar as portas e fazer fila para tentar controlar a entrada e saída de clientes. Diante do fenômeno de vendas no interior, ele comprou o prédio vizinho à loja da Rua Guilherme Rocha e abriu uma segunda unidade em Fortaleza.

Como seu pai, nunca teve medo de trabalho. Considera o grande impulso de sua carreira a participação em feiras durante dez anos (semelhante ao pai nas feiras da década de 60, em São Paulo). De 1995 a 2005, carregava um caminhão de mercadorias e ia vender em Aracati, Canindé e onde mais tivesse grande circulação de pessoas. “A gente levava uma carreta lotada de mercadorias, montava uma barraca com copos, pratos, xícaras etc., aí passava o dia vendendo lá, tanto no atacado quanto no varejo. Por exemplo: levava um caminhão de mercadorias de Fortaleza para Canindé e fazia uma loja de varejo, que era tipo uma lona, sempre na época da romaria, e a gente passava ali de oito a dez dias e vendia muito bem. Nessa época, eu tinha acabado de conhecer a Leinha”, conta, referindo-se à sua esposa, Ozileia.

Foi com esse esforço extra que conseguiu comprar o depósito da Avenida Imperador. “Nesse tempo, nós trabalhávamos muito mais. Virava noite, trabalhava sábado, domingo, feriado, eu tirando nota fiscal, o Pedro carregando mercadoria. A gente tinha um apartamento no depósito, porque a gente trabalhava até três da manhã e acabava dormindo lá mesmo. Antigamente, havia um trabalho braçal que hoje já é, em grande parte, feito pela informática. Era preciso conferir nota por nota, fazer a reposição de produtos, era muito cansativo”, diz Leinha.

Depois de trajetórias igualmente vitoriosas, pai e filho se veem nos almoços domingueiros, em fins de semana alternados, e não disfarçam o respeito e admiração que nutrem um pelo outro. “Minha relação hoje com o meu pai é maravilhosa. Tenho menos contato com ele que meus irmãos, por causa dos negócios. Mas tudo que faço, qualquer mudança, falo antes com ele: pai, vou abrir uma loja em Salvador, pai o que acha de terreno tal... procuro retribuir o que ele fazia comigo na adolescência, me mostrando cada compra, cada negócio. Sinceramente, não há pessoa no mundo que eu admire mais que o meu pai: no comércio, na integridade, na moral, na família, minha admiração por ele é realmente uma coisa fora do comum”, reconhece.

Os amigos Evaldo
Gouveia (esquerda)
e Pedro Freitas

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



Do lixo ao luxo

Mal Pedro completara 15 anos, seu pai o levou a São Paulo. Nesse tempo, a família tinha uma loja na Rua 25 de Março, o maior corredor varejista da cidade. Em cima da loja, havia um apartamento onde costumavam ficar, quando chegavam de Fortaleza. Pedrinho ainda não tinha entendido muito bem o que iriam fazer na capital paulista e o pai manteve-se calado sobre o assunto. Depois do almoço, Pedro pegou o filho pelo braço e o levou para conhecer antigos amigos, camelôs que ainda trabalhavam no centro da cidade, quase duas décadas depois que ele próprio trabalhara no local. Alguns vendiam o mesmo óleo de peixe-boi, a maioria bebia muito e estava com dificuldades financeiras. Pedro deu dinheiro a cada um deles, para que pudessem investir em mercadorias, aquecer os negócios. Pediu uma cerveja e ofereceu ao filho. Pedrinho ficou em dúvida se bebia, afinal era menor de idade, mas acabou aceitando. Beberam juntos pela primeira vez. A conversa entre seu pai e os amigos girava em torno das recordações de como havia sido trabalhar ali em outra época. Seu pai contou que, nos tempos mais difíceis, havia dormido no calabouço (tipo de abrigo, um albergue público onde dormiam os camelôs). Lembraram-se de um tal sargento Peixe, das histórias do rapa, de quantas vezes tinham perdido toda a mercadoria, dos colegas que, ao contrário de Pedro, “palmeavam o *half*” (fumavam maconha). Foram três horas de papo. Ao final da tarde, exausto, Pedrinho volta para casa com o pai, ainda sem entender muito bem o propósito da viagem.

Mal haviam chegado, ouve de seu pai: “Tome um banho e bote a

sua melhor roupa. Vista uma bem bacana”, frisou Pedro. Sem questionar, Pedrinho obedece. Às oito da noite, pontualmente, chega um carro luxuoso, com motorista, para pegá-los. Pedrinho pergunta onde vão e o pai, enigmático, responde com evasivas: “Vamos ali”. Em pouco tempo, estavam na tradicional casa de espetáculos de Osvaldo Sargentelli. O próprio Sargentelli mandara o motorista buscá-los. O adolescente ficou deslumbrado com tudo. “Naquela noite, ficamos eu, papai, Evaldo Gouveia, Sargentelli e as mulatas dele, tomando o melhor uísque escocês, no maior luxo. A gente voltou pra casa e eu ainda impressionado com aquilo, com aquela riqueza toda”, lembra Pedrinho.

No dia seguinte, quando acordaram, Pedro chamou o filho e falou calmamente: “Você foi à boca do lixo e à boca do luxo, viu os dois extremos. Agora você pode escolher o que vai querer para a sua vida. Se trabalhar duro, pode ter o que quiser. Se não levar a sério o que faz, já sabe no que vai dar”. Para Pedro, essa foi a maior lição de vida que seu pai poderia ter dado a ele. “Eu sempre gosto de contar e recontar essa história, porque ela fez a diferença na minha vida e poderá fazer na vida dos meus filhos”, afirma Pedrinho.

CAPÍTULO 21

Onivalda

*"Acorda, meu anjo, acorda
Deixa de tanto dormir
Vem, meu anjo, vem
Vem tu mesmo, a porta abrir"*

Diariamente, há anos, Pedro acorda a amada com essa mesma canção. Essa é a parte da rotina do casal que jamais mudou. Quase todo o resto foi se adaptando, um pouco a cada dia, a partir de 2001. Os médicos diagnosticaram que ela tem atrofia de múltiplos sistemas ou síndrome de *Shy-Drager* – uma doença neurológica rara que compromete as funções involuntárias do corpo, incluindo pressão arterial, frequência cardíaca, digestão. A lentidão de movimentos, a rigidez muscular, a falta de equilíbrio e lapsos de memória também caracterizam a doença. Houve um período em que ficou internada por 75 dias, no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Entre idas e vindas à capital paulista, cirurgias, novos tratamentos, dona Onivalda aparenta a mesma tranquilidade e um cuidado incomum com o marido.

Bem devagar, com pausas regulares, ela fala de Pedro com ternura, lembrando do começo de um amor que celebrou 50 anos em 2014, com uma grande festa. “Na época em que nos conhecemos, eu tinha até um namorado, mas acabei o namoro para ficar com o Pedro. Em menos de um ano, nós casamos. Ele não era muito conversador... mas meu coração acelerou quando o vi (rindo). Todo dia eu o encontrava na casa da minha irmã e aí deu certo... eu gostei dele”, fala, encabulada.

Durante muitos anos, Onivalda foi o esteio da casa. Cada peça de rou-

Onivalda Freitas
FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



pa para Pedro ir trabalhar – cinto, meia, calça, camisa – era perfeitamente alinhada sobre a cama. Desde que Pedro se aposentou, entretanto, é ele quem se dedica integralmente à esposa, atento às suas necessidades e desejos. Desde 2008, quando a saúde dela ficou mais frágil, Pedro foi se tornando cada vez mais caseiro, até deixar completamente de trabalhar. O casal passa horas na sala de TV, assistindo juntos à programação, especialmente à novela do sobrinho Mario (*I Love Paraisópolis*), ou então lendo. Pedro tem preferência pelos livros de teor espírita, de Zibia Gasparetto, ou de autoconhecimento (*A sublime arte de envelhecer*, *O sucesso é ser feliz*, *Você é o líder de sua vida*, entre outros).

Antes disso, porém, a vida social do casal era intensa. Pedro foi diretor do Clube Líbano, na época em que os bailes de carnaval faziam ferver os clubes da cidade. Era sócio do Náutico, Clube de Regatas Barra do Ceará, sócio proprietário dos Diários e do Ideal. Ele, muito animado, gostava de dançar e de beber seus drinques; ela, sempre discreta, nunca foi de tomar nada alcoólico. Ela adora viajar, ele detesta. “O que eu gosto nele é que ele me trata muito bem, sempre me tratou, graças a Deus. Foi o homem que eu mais gostei na minha vida e até hoje gosto. Nunca me arrependi de ter casado com o Pedro. Quando fiquei grávida do primeiro filho, ele queria uma menina e aí veio a Fernanda. Ele ficou louco de alegria! Deu certo”, resume.

Enumerar as qualidades do marido é algo que Onivalda faz com prazer. “Ele é ótimo, não discute (e eu também sou calma, não gosto de confusão); é alegre, tem bom humor, é o melhor marido do mundo... toda noite a gente fica assim junto, ele só sai pra andar. Eu sempre fui muito organizada, então sou eu que compro tudo para ele. Pedro nunca comprou uma peça de roupa. Mas é doido por perfume. Só o que ele escolhe é perfume – Cartier, Bvlgari ele adora”, revela.

Se a memória olfativa veio à tona, seria possível também que ela lembrasse qual a trilha sonora que embalou tantos anos de união? Não, ela não se recorda. Ao ouvir a canção, entretanto, um olhar vivo e um meio sorriso iluminam seu rosto:

*Tu és, divina e graciosa, estátua majestosa
do amor, por Deus esculpida*

Sim, ela confirma com um discreto gesto de cabeça, é essa a música deles dois. E fica outra vez no silêncio de suas recordações.

Pedro Freitas
e Onivalda, sem data

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA





Festa de 50 anos de casamento, em 2014

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

CAPÍTULO 22

Os anjos

De todos os filhos e filhas de Antônio e Tonha, uma realmente merece a alcunha de anjo. Maria Augusta, que adotou o nome de irmã Stela, ao optar por ser freira. Ela foi praticamente fundadora e diretora do Instituto Frei João Pedro, em Messejana. Além de força espiritual para a família, irmã Stela marcou sua passagem pela terra ajudando pessoas sem recursos a ter uma educação de qualidade. Fazia campanhas, arrecadava doações de todo tipo e acabou batendo recorde de número de matrículas do Instituto que dirigia, na época em que ainda era uma instituição pública, não tinha energia elétrica e as aulas aconteciam debaixo das árvores. Também foi ela quem criou e fez funcionar a biblioteca do instituto, que ficou conhecido como “a escola da irmã Stela”.

Segundo seu irmão Pedro e sobrinhos, a irmã Stela também tinha uma capacidade impressionante de fazer negócio. Conseguia sempre muitas doações e transformava em sucesso tudo o que se dispunha a realizar pelos outros: “Eu digo que a minha tia Stela era a maior comerciante da família. Pegava coisa quebrada, furada, e ajeitava para comprar coisas para as ‘meninas’ dela. Cuidava de mais de mil crianças, só com doações”, conta Pedrinho.

Nessa sua missão, construída habilmente, dia após dia, irmã Stela envolvia a família Freitas e os amigos que podiam auxiliá-la. Ninguém se esquece de suas inúmeras visitinhas à Casa Freitas para “pegar” alguns

Irmã Stela

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



donativos para seus pobres. Em uma dessas visitas, um segurança disse ao seu Pedro que havia uma senhora na loja pegando tudo o que via pela frente. Pedro perguntou como era o jeito dela, e o segurança respondeu, sem graça, que era uma freira. Ele, de pronto, deu ordem para segurar a mulher e trazê-la à sua presença. Gostava de fazer isso e dar risada, quando a irmã chegava com o segurança, liberando sempre o que irmã Stela estava precisando.

Em 1998, após lutar vinte e dois dias contra um câncer de intestino, irmã Stela partiu precocemente, no dia 22 de março, três dias antes do aniversário do irmão Pedro. Amenizando um pouco a perda da família, lutando pelas mesmas causas e tendo o mesmo cuidado com sua família, deixou alguém muito especial: a irmã Maria Célia de Rezende. Mineira, nascida em Araxá, a irmã Célia foi religiosa das Missionárias Capuchinho. Ao ser transferida pela congregação para o Instituto Frei João Pedro, Célia começou a trabalhar com a irmã Stela na formação religiosa das jovens alunas do Instituto.

Uma vez, irmã Stela convidou Célia para tocar violão e cantar na celebração de Natal dos Freitas. Depois disso, Célia e o seu sorriso franco e habitual começaram a fazer parte da família. “Eu fui ficando cada vez mais próxima da Nandinha (como ela chamava carinhosamente Fernanda), quando as crianças ainda eram muito pequenas. Ela foi ajudando nas obras de caridade e eu fui auxiliando com os meninos sempre que ela precisava, principalmente quando ela viajava. A Carol e o Cadinho são os filhos que eu nunca tive”, diz Célia.

Atualmente, esse anjo da terra divide seu tempo entre o cuidado com os hanzenianos, na Colônia Antônio Diogo, onde trabalha e mora, e com dona Onivalda. “Quando dona Onivalda começou a adoecer, em 2001, eu comecei a acompanhá-la em cirurgias, a ficar com ela nas internações, que se tornavam cada vez mais frequentes. Alcancei uma graça muito grande quando ela começou a confiar mais em mim e pudemos nutrir os sentimentos que hoje nos unem. Em finais de semanas alternados, venho ficar com ela, chego na sexta à noite e só volto para casa na terça pela manhã. Mas há períodos em que é preciso ficar direto com ela, já cheguei a passar até dois meses”, conta Célia.

Apesar de concursada há pouco tempo, já trabalha na Colônia Antônio Diogo há 16 anos. Célia deixou a congregação em 1999, mas até hoje todos a chamam de “irmã Célia”. A exemplo de irmã Stela, arrecada e distribui cestas básicas, organiza trabalhos comunitários e tenta revitalizar a Colônia, sempre carente de recursos para seu funcionamento.

Como parte de sua responsabilidade, procura, mesmo de longe, dar assistência aos seus pais, já idosos e fragilizados, que moram em Brasília com seus irmãos. Sobre sua relação com a família Freitas, é taxativa: “Sei que ajudo, mas também sei que muito mais eles fazem por mim e através de mim, principalmente Nandinha e Paulinho, o Pedrinho e a Leinha”. E cita uma frase que Fernanda enviou para ela e que segue à risca: “Eu não posso viver sua vida, você não pode viver a minha, mas nós duas juntas podemos ajudar muita gente”.

Não bastassem estes dois, há ainda outros anjos que se revezam no cotidiano de Pedro e Onivalda: Dina Lúcia, a sobrinha e principal companhia de Onivalda; Ângela, cozinheira da família há 17 anos; Isabel, a copeira; Moacir, motorista e secretário de Pedro; Renata, sua *personal trainer*; além das enfermeiras de plantão (Maria, Linara, Lidiane e Serjane).

Irmã Stela
e as crianças do
Instituto Frei João
Pedro, em Messejana

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



CAPÍTULO 23

O filho postiço (I)

Há aproximadamente 25 anos, Pedro foi apresentado a um rapaz simpático, comerciante como ele. O nome dele era Paulo. Depois de algum tempo, foi à loja dele com a irmã Stela pedir material de limpeza para os pobres, no que foi prontamente atendido. Estreitaram os laços, tornaram-se grandes amigos. Almoçavam juntos, muitas vezes durante a semana, e as afinidades iam ficando mais evidentes com o passar do tempo. Paulo tinha Pedro como confidente, inclusive nas questões afetivas. Pedro era uma espécie de conselheiro matrimonial do amigo. Nesse tempo, Paulo Fernandes Rodrigues Ribeiro era o dono das lojas Paraíso (atualmente, também é proprietário da Zaffiro).

Um dia, não se sabe exatamente como, já separados de seus respectivos cônjuges, Paulo e Fernanda aproximaram-se e começaram a namorar. “Engraçado, um dia a gente se encontrou, meio por acaso, eu e a Fernanda, e acabou dando certo”, lembra. Estão juntos até hoje, tantos anos depois. Se antes Pedro e Paulo já eram amigos, com o novo elo cresceu ali uma relação bem maior que a de um sogro com o genro. “Eu acho que o pai conversa com as coisas dele muito mais com o Paulo do que com a gente, os próprios filhos dele”, admite Fernanda.

Paulo, que só conheceu o pai já adulto, conta uma história significativa: seu pai, quatro ou cinco meses antes de morrer, disse ao seu Pedro que tomasse conta do filho, caso ele lhe faltasse. Pedro não se fez de rogado. To-

dos que os conhecem sabem do carinho de pai que Pedro nutre por Paulo: “Meu bem-querer pelo Paulo é o de um pai pelo filho”, confirma Pedro.

Durante cinco a seis anos, Pedro e Paulo viajavam frequentemente juntos, para São Luís e Teresina, cada qual para visitar suas lojas, e ficavam no mesmo apartamento. Com a estreita convivência, Paulo aprendeu a admirar aquele jeito simples e direto do amigo, encantando a todos, fazendo novas amizades, puxando conversa, tendo afinidade com as pessoas mais humildes. “Ele é muito atencioso com as pessoas, sabe cativar. Minha mãe é doente e sempre que ele me vê pergunta por ela. Esse é o jeito dele”, conta.

Uma vez, Pedro estava na loja de Maracanaú e Paulo apareceu por lá. Uma cena se repetia sempre: Pedro ficava sentado numa cadeira e uma garotinha de uns três anos se aproximava e dava a ele uma banana. Ele agradecia, brincava um pouco com a menina e comia a fruta. Um belo dia, Paulo ficou curioso e perguntou quem era aquela criança. Era a filha de uma vizinha, que gostava de ir vê-lo, brincar com ele e fazer aquele pequeno mimo. Cenas desse tipo, Paulo cansou de presenciar em São Luís, Teresina e Fortaleza.

Pedro, como todo comerciante que se preze, não é de esbanjar dinheiro, é uma pessoa muito controlada e segue uma regra bem clara: gastar sempre menos do que ganha. Paulo conta que, quando ia viajar, às vezes ele pegava 200,00 reais para o fim de semana todo. E ele brincava: “Não é demais não, seu Pedro?” Então ele passou a ter “um dinheirinho, um mocó”, escondido para as emergências.

Essa fama de pouco gastador já foi motivo de boas risadas na família. Em um sábado, há alguns anos, saíram Pedro, Paulo e o sobrinho Zezinho. Foram comprar lagosta. Nesse dia, Pedro esbanjou, saiu com mais de mil reais no bolso. Gastou uns 400 reais em lagosta, camarão e peixe. Compraram ainda limão para preparar o peixe. Ao chegarem em casa, Paulo, muito brincalhão, disse à dona Onivalda: “Está vendo aí? Ele disse que estava tudo muito caro, só quis comprar limão”... Ela se zangou, chamou o marido de “seguro”, perguntou como é que ele sai para comprar o almoço e volta só com o tempero... Depois de revelada a brincadeira, Onivalda perguntou se o marido teve coragem de deixar que os outros pagassem a conta... Foi uma gargalhada geral.

São Luís, no Maranhão, foi palco de histórias hilárias que Paulo conta com detalhes. Uma vez, Pedro e Onivalda hospedaram-se em um hotel de baixa qualidade, onde, em tempos áureos, hospedaram-se Roberto Carlos e Xuxa. Mas o hotel estava meio desativado havia algum tempo, o que

justificava o preço baixo da diária. Paulo, que também estava lá, tentou de todo jeito convencer o amigo a mudar para um hotel melhor e mais caro, sem sucesso. Foi então que se lembrou do seu Moacir, o antigo dono, que ambos conheceram, e havia morrido há mais de dez anos. E jogou sua última cartada, infalível: “Seu Pedro, o senhor não sabe quem foi que eu encontrei por aqui! Com o Moacir!”. Paulo conta, rindo, que “seu Pedro congelou, pois ele morre de medo de alma”. Não deu outra: “Vamos embora daqui! Não fico nesse hotel mais nenhum dia”, ordenou Pedro.

Outra vez, também na capital maranhense, Pedro estava hospedado em um apartamento dele que estava alugado. O imóvel ficava em cima de um ponto comercial. Na noite em que chegou, soube que o comediante Ronald Golias, o Bronco, morrera. Imediatamente, pediu para o filho do inquilino ir dormir lá com ele. Ele justificou: “Rapaz, já pensou se esse Bronco aparecer de noite pra contar piada pra mim? Manda teu filho vir pra cá, porque eu não durmo sozinho hoje nem à custa de reza!”.

Muito além de alguns episódios hilários, o amor pela família, o respeito que seus filhos nutrem por ele e a adoração entre Onivalda e Pedro conquistaram Paulo. “Ele soube como criar os filhos. O resultado está aí: todos trabalhando no comércio e expandindo o que ele começou a construir. É muito raro numa família que tem um negócio todos os filhos estarem envolvidos e ele já ter decidido quem vai ficar com cada parte da herança em vida”, ressalta Paulo. As regras, sempre firmes, são uma marca registrada da educação que Pedro deu aos filhos.

Recentemente, com a liberdade de um amigo, Paulo sentiu-se no dever de dar cinco conselhos ao amigo. O primeiro: que seu Pedro desse mais atenção à D. Onivalda, nesse período que ela necessita de maiores cuidados. O segundo: ele deveria contratar um motorista, porque, além do carro estar muito batido, com a idade os reflexos ficam mais lentos. A terceira coisa era pra deixar esse “negócio de loja”, pois dá trabalho demais. Os dois últimos conselhos: fazer um check-up e caminhar. Pedro seguiu à risca tudo o que o filho postiço propôs.

CAPÍTULO 24

O filho postiço (II)

José Leônidas Alves, o Zezinho, de 63 anos, é o filho do meio da irmã Tonha. Ele, que há muito deixou de ser sobrinho para ser filho postiço de Pedro, mantém com o tio uma convivência quase diária. Suas lembranças do tio, remontam à infância, quando morava com a sua mãe na Rua 1° de Maio, no Carlito Pamplona. Pedro Freitas ainda morava em São Paulo, mas costumava se hospedar na casa da “mãe Tonha”, sempre que vinha a Fortaleza. Das recordações dessa época, Zezinho guarda com nitidez a memória dos namoros do então solteirão com as moças da vizinhança. Mas havia outras: Lembra a raiva que fez a Pedro quando, por volta dos seis, sete anos de idade, jogou na brincadeira uma bola de pano que pegou no “pé do ouvido” do tio. Foi a única vez que Pedro se zangou com ele: correu, pegou o sobrinho na porta da cozinha e deu-lhe uma sova daquelas.

Com 12 anos, Zezinho começou a trabalhar na Casa Freitas, junto com os primos, sempre na época de Natal. Ao contrário dos demais, que reforçavam as vendas na porta da loja, ele ficava fiscalizando e fazendo pagamentos externos. No ano seguinte, levou um susto com a notícia de que seu tio iria casar. Lembra que estavam na rural de Pedro quando ele comunicou oficialmente que estava se despedindo da vida de solteiro. Ele estava indo visitar a namorada, na casa da irmã dela,

Ozete, e do marido, César Pinheiro. Foi nessa ocasião que Zezinho conheceu a querida tia Onivalda.

Quando tinha 16 anos, Zezinho foi com a mãe e o tio para São Paulo e voltaram de Kombi para Fortaleza. Cansado, Pedro entregou a direção a Zezinho. Ele não deu sorte: uma vaca atravessou a estrada passando na frente da Kombi, sem dar chances de Zezinho desviar. O acidente deixou o carro bastante avariado. Formou-se um aglomerado de gente para ver o que aconteceu. Todos opinavam e a maioria queria sacrificar a vaca. Eles acabaram fugindo da confusão, respiraram aliviados e Pedro reassumiu a direção. Porém, seguiram o resto da viagem inteira com um só farol.

Adulto, Zezinho aproximou-se ainda mais do tio e a cada dia ficavam mais amigos. Formou-se em Medicina, casou-se pela primeira vez, e suas principais conquistas eram acompanhadas de perto pelo tio. Quando ele era diretor do Clube Líbano, os dois passaram juntos vários carnavais. “Ele era um folião de mão cheia, mais que a tia Onivalda. Ele era no uísque todo tempo, mas ela não bebe, sempre foi muito controlada.” As saídas noturnas eram relativamente frequentes. Certa noite, foram ao Iate Clube. Aos poucos, vários conhecidos começaram a se aproximar para conversar e sentaram-se à mesa. Ao final, eram umas 20 pessoas. Pediram camarão, garrafa de uísque, vinho, não paravam de consumir o que havia de mais caro. Recém-formado, Zezinho começou a se preocupar com a conta... embora gostasse também de uma cachacinha, Pedro estava bebendo uísque nessa noite. Quando finalmente chegou a hora de pagar a conta, Pedro olha para Zezinho e mostra o valor. Assustado, Zezinho se faz de morto, permanece imóvel. “Não lembro o tamanho da conta, mas lembro que o prejuízo foi grande. Ele puxou o cheque e assinou, mas no outro dia ligou pra mim dizendo que eu pagasse a ele. Para devolver o que ele havia pago, eu o levei pra barraca do Manuel, amigo dele no Caça e Pesca. Fomos tomar uma caninha. Enquanto a conta dele no Iate deu mil reais, a minha deu 10 reais. “Ali, eu dei a dívida como paga, ficou uma conta pela outra. Ninguém sabe quem se achava o mais sabido, se ele, por me cobrar uma conta tão alta, ou eu, por tentar pagar uma conta do Iate com uma cachaça no Manuel”, diverte-se Zezinho.

Casado há 21 anos com Adriana Araújo Alves, sua segunda esposa, com quem teve as filhas Lia, 17 anos, e Lara, 12, Zezinho foi morar na Beira-Mar, em 2005. Nessa época, a família Freitas residia na

casa do bairro Dunas, um tanto afastado e deserto. Pedro, aos finais de tarde, gostava de caminhar na Beira-Mar com Zezinho, e o sobrinho começou a insistir com Pedro para que se mudasse das Dunas para o mesmo prédio em que ele, Zezinho, morava. “Eu dizia que aquela casa era muito longe, que ele já tinha mais idade, deveria ficar mais perto da família”, conta Zezinho. Pedro acabou concordando com o sobrinho e comprou um apartamento no mesmo prédio de Zezinho e Adriana, onde mora há nove anos.

A amizade estreitou-se ainda mais. “Ele veio assistir a uma missa de Natal aqui e gostou muito, perguntou se tinha algum apartamento pra vender. Um senhor do Piauí estava se desfazendo do dele e fecharam negócio. No princípio, a Onivalda nem queria. Estava acostumada à rotina da casa. Mas aos poucos ela se acostumou e gostou muito, porque é mais seguro, estão perto dos filhos, da gente; aqui eles estão muito mais assistidos. Quase todo domingo, nós vamos para o almoço de família na casa deles”, relata.

No novo endereço, Pedro e Onivalda começaram a fazer novas amizades na vizinhança e a participar de festas e comemorações coletivas, especialmente no Natal. “Quando dona Onivalda não tinha problemas de saúde, eles participavam de tudo. Festejavam o aniversário dele em *buffets* e chamava os vizinhos. Foram muitos churrascos. Às festas de família, que ela não vai mais, ou ele vai com o Paulinho e a Fernanda ou vai com a gente. Aí, a tia sempre liga pra perguntar se ele ainda demora, é um amor muito bonito o deles dois.”

Assim como boa parte da família, Zezinho também precisou algumas vezes do tio. Numa delas, Zezinho comprou do tio um terreno para abrir uma loja e ele facilitou a venda. Em outro momento, pediu que Pedro fosse seu avalista numa compra de pneus. “Na hora, ele disse que se fosse para outra pessoa ele não daria aval.” Como não sabia exatamente quais documentos seriam necessários, tio Pedro mandou uma caixa cheia para fechar o negócio, conta. “Depois desse episódio, continuou sendo meu avalista por muito tempo.”

Adriana, sua esposa, complementa que o conceito de união familiar para Pedro é muito forte. Quando o sobrinho Mario Teixeira está escrevendo uma novela, ele liga para toda a família e pede que todos assistam à novela e depois liga para perguntar se gostaram do capítulo. Do mesmo jeito, avisa a todos de uma missa, um aniversário, primeira comunhão ou casamento. “Se ele não pode falar bem de um sobrinho

ou de alguém da família, ele não fala mal, fica calado. É outra característica forte dele e da minha sogra Tonha. Ele sempre tem uma palavra positiva e apaziguadora: minha filha, deixe pra lá, vamos em frente, dê um desconto... é sempre conciliador”, diz Adriana. Assim para qualquer doença, qualquer apherio, data importante para algum parente, Pedro se pendura no telefone convocando todos.

Zezinho é um admirador confesso de Pedro. Uma das qualidades que mais aprecia no tio é a de observar seus negócios em sua totalidade. Por exemplo: ao abrir uma nova loja, saber escolher e comprar o terreno, acompanhar a construção, até os detalhes finais, como ele fez com a loja de Maracanaú. Também lhe chama atenção a sabedoria de Pedro ao fazer a partilha de bens ainda em vida, evitando problemas futuros. “Mesmo depois que ele fez a partilha, continuou trabalhando, até parar de vez, mas até hoje, uma vez por semana, ele ainda visita as lojas. Isso é muito bacana, ele não cansa nunca”, diz Zezinho. “Meu tio soube educar bem os filhos. Fernanda é muito parecida com ele. O Pedro, em termos de negócio, consegui até superá-lo. É uma felicidade ter três filhos como os que ele tem”.

Adriana simpatizou com os tios do marido desde o primeiro contato. Foi numa missa na casa do Pequeno, irmão de Pedro, em Messejana. “Foi um encontro muito afetuoso, os dois gostam muito do Leônidas e me acolheram muito bem. A partir desse primeiro momento, já passamos a ser convidados para tudo, a fazer tudo juntos, a ter uma relação bem próxima, de família mesmo.”

Certa vez, os dois casais, Pedro e Onivalda e Zezinho e Adriana, viajaram para passar o carnaval em Camocim, com direito a esticada até Parnaíba. Nessa viagem, Adriana arriscou comer caranguejo perto de um rio e, alérgica, acabou passando mal. “Isso foi na viagem de volta, da Parnaíba para Camocim. Tive edema de glote. Chegamos a Camocim e fui logo tomar injeção na veia. Onivalda passou a noite inteira cuidando de mim. O tio Pedro e o Zezinho, como estávamos hospedados em um hotel em frente à micareta, ficaram lá olhando as meninas, o movimento, e a Onivalda ficou direto comigo.” Além dessa viagem, passaram o feriado da semana santa lá nas contendadas, na casa do Doca, carnaval na casa de Adriana em Águas Belas, carnaval na casa de Pedro, na Sabiaguaba, e iam sempre juntos aos eventos de família, dividindo a mesma mesa: casamentos, batizados, aniversários.

Todo domingo, por volta das 11h, o casal chega para o tradicional al-

moço da família Freitas, e fica até as 15, 16h. “Os frequentadores mais assíduos somos nós dois e nossas filhas, Paulinho e Fernanda, às vezes a mãe e a irmã do Paulinho, Pedrinho, Leinha e João Paulo, Marcelo, Cynthia e filhos. O tio Pedro é o que come mais. Ele no sorvete *diet*, por causa da diabete, mas gosta de tudo. Sempre muito moleque, superbrincalhão e carinhoso. Eu, ele e a Fernanda, cada qual o mais guloso”, revela.



PARTE 3

PEDRA 90

FOTO: JÁREAS OLIVEIRA

Pedro, Onivalda e funcionários, na loja da General Bezerril
FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



CAPÍTULO 25

O patrão

A trajetória de Pedro Freitas, durante mais de 70 anos de trabalho, pode ser contada através da experiência de cada um dos seus funcionários. Alguns deles, como Vera Maria Rodrigues Ponte, atualmente funcionária do Grupo M. Dias Branco, passaram a fazer parte da família. Vera conheceu, primeiramente, Fernanda, há mais de 27 anos, por intermédio da Paula, amiga de Fernanda desde a adolescência (Paula é casada com o irmão do ex-marido de Vera). Começou ali uma grande amizade e também uma relação profissional importante, especialmente no que diz respeito à mudança de gestão do patriarca dos Freitas para seus filhos.

Vera, na época, trabalhava no Banco do Nordeste, onde começou como estagiária, foi efetivada como funcionária e fez carreira, chegando a analista, assessora da presidência, chefe de gabinete da assessoria da Presidência, gerente de contabilidade gerencial. Como era de praxe na política do banco, Vera foi substituir um gerente de agência, que estava de férias, entre os anos de 1992 e 1993. Nessa função, começou a ter contato direto com empresas, detectando a falta de instrumento dessas empresas para a gestão. Curiosa, teve interesse em conhecer mais a área empresarial e pediu à amiga Fernanda para se aprofundar no assunto na Casa Freitas, de forma voluntária.

Era uma ajuda mútua. Vera iria trocar de lugar – não mais ser representante de quem financia, mas conheceria por dentro a posição do toma-

dor do empréstimo. A Casa Freitas, por sua vez, teria uma profissional focada em encontrar soluções de gestão, numa época em que ainda não eram comuns os avanços tecnológicos e operacionais do século XXI. Fernanda gostou da ideia, porque a empresa ainda era pequena (só existia a loja da Rua General Bezerril e o Centro de Distribuição da Praia de Iracema), quase não havia controle por meio de programas de informática. “Fernanda estava começando a instalar o sistema da Secrel, o primeiro sistema, então não tinha quase controle. Os meninos é que tomavam conta do dinheiro, eles recebiam, pagavam, era uma coisa meio manual. Nesse tempo, era só a Fernanda que trabalhava na Casa Freitas, porque o Pedro já tinha a empresa dele e o Marcelo estava morando nos Estados Unidos. Lembro que a Fernanda se dividia entre a loja do pai e a fábrica (Alumínio Estrela LTDA), com o Pedro, lá em Messejana”, conta Vera.

Pouco tempo depois, Fernanda resolveu assumir a parte financeira e ficar só na Casa Freitas com o pai. Seu Pedro comprava e ela pagava as contas. Começou então um certo desequilíbrio entre o que se podia comprar e o que efetivamente se comprava, geralmente Fernanda era de opinião que estavam gastando mais do que podiam. “O seu Pedro ainda estava totalmente à frente da empresa. Aí, fizemos um trabalho no CD, no controle de estoque, começando a informatizar, investir em tecnologia. Sem contrato ou qualquer compromisso oficial, eu ficava dando esse apoio dia de sábado, no sentido de dar um *upgrade* mesmo, analisando o controle de vendas. Fiquei durante três anos, até eu decidir ir fazer pós-graduação em São Paulo, em Contabilidade.”

Ainda como funcionária do BNB, Vera partiu para o doutorado e houve uma pausa em sua relação de trabalho com a Casa Freitas. Com a família, porém, a amizade cresceu, inclusive entre os filhos dela e os de Fernanda (principalmente o Edinho, seu filho, e o Ricardinho, primogênito da Fernanda). “Continuamos a amizade e a trocar ideias no campo profissional e nossos filhos conviviam muito juntos. Eu me lembro demais da fazenda de Solonópole, seu Pedro com medo das almas... Era muito bacana essa convivência, a dos meninos e a nossa”, relembra. Glorinha e Carol (filhas de Vera e Fernanda, respectivamente) moram hoje em São Paulo e preservam a amizade de infância.

Quando voltou a Fortaleza, Vera passou mais seis meses no banco e resolveu sair, após ser transferida para uma agência, sem reconhecimento de sua pós-graduação. Foi então que encontrou Fernanda e ela falou que estava trocando de sistema e enfrentava alguns problemas por causa disso. Vera perguntou se podia ajudar e acabou retornando à em-

presa, em 2006. “Voltei para organizar a parte dos controles, da tesouraria, controle de caixa. Marcelo, nessa época, já estava na empresa. Não havia uma estrutura organizacional. Aos poucos, fui dedicando mais tempo à empresa, mas não havia uma função específica, eu dava palpite em tudo, era um curinga”, recorda-se.

Como funcionária, Vera ficou na gestão financeira, montou uma equipe (que até hoje permanece na Casa Freitas) e Fernanda foi fazer o que realmente gosta, que é cuidar da parte comercial. “Éramos eu, ela e Marcelo olhando a empresa como um todo. O seu Pedro, neste meu retorno, ainda continuava comprando, mas agora já dividia esta tarefa com o Marcelo e com o Jesus, um antigo funcionário. Ele sempre queria algo novo, abrir novas lojas, expandir.”

Entre o modelo de gestão criado por Pedro Freitas e o jeito de administrar de Fernanda e Marcelo havia a intermediação de Vera. Com a sua maneira sempre irrequieta de trabalhar, Pedro costumava fazer um circuito permanente entre as lojas. “Abria uma loja nova, ele passava um tempo lá naquela loja. Abriu a da Dom Luís, ele passou um tempo lá; passou também por uma outra perto da Bezerra de Menezes, aí foi pra São Luís..., ele é muito visionário, não para nunca. Então não ficava mais muito no Centro, gostava de ficar nas lojas, vendo o movimento e fazendo um pouco de tudo.”

Com um crescimento maior que o previsto, a gestão da empresa precisava mais do que nunca de critérios de contratação, de salário, de demissão. Não dava mais para resolver as questões de trabalho caso a caso. “Isso gerava conflitos, mais entre a Fernanda e seu Pedro, pois a Fernanda tomava a frente das coisas. Ele nunca trabalhou com essa perspectiva de um dia se aposentar, sempre trabalhou na perspectiva de construir e ampliar o negócio dele. Não para ter mais dinheiro, para ser mais importante. Não! É porque a vida dele é uma vida de conquista, foi isso que ele escolheu como objetivo de vida,” analisa a ex-funcionária.

Havia chegado a hora de transferir um pouco mais a responsabilidade de gestão para as mãos de Fernanda e Marcelo e, ao mesmo tempo, de manter a independência gerencial e administrativa de Pedro na imobiliária e na loja de Maracanaú. “Ele também começou a construir conjuntos de casas em Maracanaú (hoje são umas 30 casas). Até que as dificuldades trouxeram muitos aborrecimentos, com estoque, compra, contas e ele mesmo quis sair. Então a gente foi fazer a fusão novamente. Havia as duas lojas, fizemos um aporte de dinheiro, foi feita a divisão, o Pedrinho incorporou uma loja, a Fernanda ficou com a outra, a imobiliária foi dividida

entre todos, e assim foram resolvidas todas as pendências”, explica.

Mesmo na incômoda função de aparar arestas entre duas gerações de empreendedores, Vera sempre manteve uma boa relação com Pedro. “Ele sempre me respeitou como profissional, sempre me admirou e escutou muito. Isso era importante porque foi sendo criada uma grande confiança entre nós. Assim como eu tenho um carinho muito grande por ele, eu sei que ele tem um carinho muito grande por mim. Ele é uma pessoa muito querida, cativante, a gente se apaixona pelo seu Pedro. É admirável por sua competência, simplicidade, transparência, por dizer o que pensa da pessoa. É muito brincalhão: diz sempre para o Armando não ter ciúme dele, porque ele me chama de Verinha. Alguém que tem 90 anos, ainda com a lucidez e disposição que ele tem, é invejável.”

Desprendido com relação ao dinheiro, Pedro deu a chave do caixa aos filhos e jamais perguntou o que estava sendo feito com o dinheiro, se tiraram pouco ou muito, confiando, sobretudo, no objetivo comum da família. “Toda relação, pai-filho, irmãos, toda relação familiar é mais complicada, ainda mais quando envolve gestão de negócio. Mas ele sabe que nas horas mais difíceis eles estão juntos, com um objetivo em comum. Mesmo com as dificuldades, inevitáveis, é muito bom ver o rumo que as coisas tomaram. Assim, ele tem a garantia em vida de que tudo está dando certo. Ele tem uma família muito especial, porque apesar de estilos bem diferentes entre os três filhos e os pais, é uma família que, estando no mesmo negócio, consegue superar os conflitos e estão bem”, finaliza. Um dos segredos para esse trabalho conjunto, ainda que em empresas “concorrentes” (a Casa Freitas, de Fernanda e Marcelo, e a Freitas Varejo, de Pedrinho), para Vera é um traço característico dos Freitas: todos falam o que estão pensando, sem deixar para depois. “Talvez se eles guardassem opiniões, mágoas, fossem mais reservados na maneira de resolver os problemas, não fosse possível resolvê-los”, conclui Vera.

DEPOIMENTO

“O maior patrimônio é o nome Casas Freitas, a marca é que vale, e isso quem construiu foi ele, seu Pedro. Claro que os filhos fizeram o negócio crescer, exploraram a marca, mas a grande criação é dele. Por isso, acho importante abrir a loja de Itapipoca, porque é como se fosse a marca dele na cidade de onde ele saiu e pra onde está voltando”.

Vera Ponte

Antônio Ferreira de Lima Neto tem 77 anos. Foi funcionário do grupo Romcy e se aposentou aos 56 anos de idade, mas até hoje continua trabalhando na Casa Freitas, garantindo uma segunda renda. Sua aproximação com a Casa Freitas foi através do Brás, seu colega no Romcy, em julho de 1999. “Eu tive muita sorte até hoje, porque todos nós, num momento da vida, por um motivo ou por outro, passamos por necessidades. E quando eu cheguei a precisar do seu Pedro, ele nunca me faltou, foi muito atencioso”, atesta.

Seu Lima trabalhou em quase todas as lojas (Dom Luís, Washington Soares, Messejana), com exceção da primeira loja, na General Bezerril.

“Sou aposentado e me sinto ainda com coragem de fazer o que gosto, mas em breve o próprio corpo vai dizer a hora de parar”, diz ele, que hoje trabalha na loja da Edgar Borges. Seu relacionamento com o seu Pedro é ainda muito bom, mesmo depois que o patrão deixou de trabalhar. “Apesar de não estar mais na direção da empresa, mantivemos uma boa amizade, ele tem aquele respeito profissional, respeito e carinho pelos funcionários. O seu Pedro é um homem simples, trabalhador, inteligente, arrojado, corajoso, de grande visão comercial. É um homem que tem um bom relacionamento com seus fornecedores, o que é muito importante, e é uma pessoa que acredita no que faz.”

Por tudo o que viveu na Casa Freitas, seu Lima diz que Pedro merece o sucesso que tem, pois soube passar tudo o que aprendeu para os filhos. “Os três continuam seu trabalho e tiveram o mesmo êxito, tem o mesmo jeito de agir, apesar de uma visão mais contemporânea, mais moderna, na essência parecem muito com o pai”, compara. As melhores lembranças que ele tem do patrão é a intimidade que ele fazia questão de ter com os funcionários, o respeito e também o jeito de brincar, com quem tinha maior intimidade. “Com os clientes mais antigos, ele nunca deixava de fazer piada, tinha uma conversa realmente muito agradável”, conclui.

Maria Socorro Martins Barbosa, 66 anos, começou a trabalhar na Casa Freitas no dia 6 de abril em 1975 e nunca mais saiu. “Quando entrei só tinha essa loja da General Bezerril e a de São Paulo”, recorda-se. Socorrinha, como todos a chamam, veio de Itapipoca para casa da tia Telina (a sogra do Doca) e Pedro Freitas morava em frente à casa dela. Pensava em criar coragem e procurá-lo para pedir emprego, o que só aconteceu um ano depois. “Eu disse a ele que estava precisando trabalhar, ele perguntou se eu já havia trabalhado, eu disse que não, mas que podia aprender. Comecei no dia seguinte e já estou aqui há 40 anos como vendedora.”

Socorrinha começou a aprender devagar, com o sub-gerente, o Barbosa, que logo simpatizou com a moça. “Ele me disse, Socorrinha fique aqui com essa minha cliente, ela compra no atacado. Aí eu fui indo, com paciência, fui aprendendo a vender no atacado e no varejo. Com seis meses eu era a vendedora que mais vendia na loja. Até hoje, ganho minha comissão em cima das vendas”, explica. Com o passar do tempo, ela foi conhecendo melhor o patrão e sua maneira de conduzir os funcionários “Ele tratava todo mundo igual, sem distinção de ninguém, o que eu acho muito bonito. Chamava a atenção dos funcionários de modo construtivo, para ele e os outros aprenderem com aquele erro, quando havia um deslize do trabalho. Até hoje, não o vejo como patrão, mas como um amigo, ou melhor ainda, como um pai-

zão”, escreveu Socorrinha, numa homenagem a Pedro Freitas .

Como prova do que diz, ela conta que, ainda solteira, começou a namorar e a ter problemas no relacionamento. Pedro então a aconselhou, disse que não casasse, porque iria sofrer. “Eu teimei, casei, e depois vi que ele tinha razão. Tive que arcar com as consequências.” Foi com ele que também aprendeu a gastar o dinheiro que ganhava: “Ele dizia: quando você ganhar R\$ 10,00, você sempre guarde 3,00”. Quando engravidou, teve medo da reação do patrão, mas quando soube, Pedro riu e comentou: “Já está feito, vou fazer o quê?” O que mais irritava Pedro, segundo Socorrinha, era ver um grupo de funcionários conversando no meio do expediente, especialmente se havia clientes esperando. Ele aconselhava os vendedores a procurar o cliente, a se aproximarem, o que é bastante comum nos dias atuais.

Das horas mais difíceis, ela guarda a recordação da mão prestimosa de Pedro. Uma vez seu pai, já doente, veio morar em Fortaleza e ela precisava comprar um terreno para fazer uma casinha para ele. Soube que seu Pedro tinha um terreno na Parquelândia, na Rua Crateús, e pediu a ele a preferência de compra. “Ele perguntou logo, quanto é que você tem? Eu disse e eu sei que ele acabou me vendendo o terreno pela metade do preço. Quando eu compreí, já passei direto para o nome dos meus dois filhos”, diz.

Às vezes, Pedro almoçava com os funcionários, no antigo refeitório, onde dava vazão às suas brincadeiras. “Quando ele saiu daqui e foi trabalhar na Dom Luís fez muita falta. Mas ficaram os filhos, dona Fernanda e seu Marcelo, que são muito bons também. Para mim é como se fosse uma família minha mesmo. Na hora de me aposentar, quem já estava aqui era a Fernanda e eu fui falar com ela para saber como é que era, se eu ia mesmo sair... ela disse: não senhora, de jeito nenhum, você vai continuar. Aí eu já fiquei muito mais tranquila, começando tudo novamente. Ela assinou minha carteira de novo, hoje já faz dez anos que fui contratada pela segunda vez.” Com dois filhos adultos, Evandro e Francilene, e três netos, Socorrinha não pensa em deixar de trabalhar tão cedo.

Maria de Lourdes Martins da Silva, irmã gêmea de Socorrinha, tem 66 anos e, assim como a irmã, foi recontratada depois de sua aposentadoria. Tem três filhos, (Stênio, Cintia e Felipe) e um casal de netos. Trabalha na contabilidade da matriz antiga, a primeira loja do grupo, na General Bezerril. “Sou aposentada, desde 2000. Quando eu comecei, trabalhei com o contador daqui, era auxiliar de contabilidade. Eu vim da fábrica de linhas Seridó, só cheguei aqui em 1982”, conta.

Quando veio de Itapipoca para Fortaleza, em 1966, com 17 anos, foi

estudar no Colégio Júlia Jorge e também fez um curso de contabilidade. Ela morava na casa de Doca de Freitas, que casou com sua prima Lourdes. “Quando terminei o segundo grau, eu já comecei a trabalhar na fábrica de linhas. Aí, o contador daqui da Casa Freitas me disse que estava saindo uma pessoa da contabilidade. Eu fui e liguei pro seu Pedro, porque a fábrica Seridó já não era mais dele e estavam sendo feitas muitas mudanças, era mais seguro eu sair de lá, a fábrica podia fechar. Ele concordou e eu estou aqui desde 82.” Depois disso, a empresa cresceu muito, foram contratados assessores, contadores, mas Lourdes continua como contadora do grupo. “Toda parte de imóveis, escritura, essas coisas, ele liga é pra mim. E eu digo sempre que vou procurar e logo dou um retorno, uma solução. São os depósitos no Eusébio, o estacionamento no Centro (na rua 24 de Maio), 16 filiais (a matriz, fica na Pedro Borges), a Imobiliária de Maracanaú, de tudo eu cuido”, garante.

Do ex-patrão, que ela chama de “pai e conselheiro”, ela guarda boas recordações. “Nossa relação é a melhor possível. Quando eu não estava gostando de trabalhar naquela função ou lugar e dizia isso a ele, sempre ouvia dele que eu tivesse paciência, pois estava aprendendo contabilidade. Eu sempre acatei, porque ele é brilhante, nasceu com uma estrela e passou essa estrela para os filhos. Ele está sempre pronto pra lhe ajudar, no momento mais difícil da sua vida.” Foi isso que aconteceu quando Lourdes, certo dia, bateu o carro. Primeiro ligou para o filho, depois ligou para Pedro, assustada e nervosa. “Ele me disse para não me preocupar, que ele ia me ajudar a pagar o prejuízo. Bastou essa palavra, era tudo que eu estava precisando ouvir pra me acalmar. A gente conhece as pessoas é em momentos como esse. E ele não faz isso não é só comigo, ele faz com qualquer funcionário. Se uma pessoa da família do funcionário adoecia, ele pagava o remédio”, diz Lourdes.

Até hoje, Lourdes mantém contato com Pedro. Ele ainda não conhece os seus netos, mas sempre que se encontram não deixam de perguntar pelas respectivas famílias. “Eu pergunto pela esposa dele e ele pergunta pelos meus filhos. É uma pessoa maravilhosa, como pai, como patrão, como avô, mas principalmente como ser humano. Só a educação que ele deu pra esses meninos... Todos os funcionários gostam dele e ele chama cada um pelo nome, não esquece ninguém.”

CAPÍTULO 26

O amigo

Não é raro encontrar, entre os funcionários da Casa Freitas, aqueles que foram além das fronteiras da relação formal entre patrão e trabalhador. Sem dúvida, esse é o caso de Brás Ripardo Cunto, gerente da loja da Rua Liberato Barroso, no centro da cidade. Sua ligação com Pedro começou há 20 anos, quando o Marcelo o convidou para “fazer varejo” na loja da Galeria Pedro Borges (até então, a Casa Freitas era predominantemente atacadista). O ano era o de 1995 e Brás, aos 53 anos, já era aposentado. Antes de vir para as Casas Freitas, trabalhou por 31 anos no grupo Romcy – maior rede de lojas de departamentos que o Ceará teve dos anos 40 até os anos 90.

A trajetória de Brás no comércio nos mostra um perfil de quem tem força de vontade e disposição para o trabalho. Começou no comércio ainda criança. Serviu o Exército e, em seguida, foi contínuo do Romcy. No início, varria calçadas e, aos poucos, foi se destacando até chegar a gerente. “Mas aconteceu que o Romcy faliu e eu nunca recebi meus direitos. Nesse tempo, eu estava na casa da minha mãe. Foi quando recebi um telefonema do Marcelo, que recebeu a indicação do meu nome através de um representante comercial”, relembra.

O resultado de seu trabalho como gerente na primeira loja (Pedro Borges) foi um sucesso. Depois foi aberta a segunda, a terceira, a quarta loja, o grupo Freitas foi crescendo e Brás cada vez ficava mais próximo

de Pedro. Seu desempenho foi ficando evidente e suas ideias eram bem recebidas pelo patrão, Pedro, que o ouvia com frequência. Os laços entre ambos estreitaram-se então, naturalmente. “Já passei por várias e várias lojas, sempre com nossa amizade cada vez crescendo mais. Eu sempre o comparo a uma águia, que chega a uma determinada idade, as penas começam a cair e ela se recolhe para se renovar e ficar ainda mais forte. E também o chamamos de Midas, pois tudo que ele toca vira ouro. Em meus 58 anos de comércio, nunca havia visto um homem com a visão dele”, confessa Brás.

Um exemplo dessa visão aguçada de que fala Brás foi a escolha feita por Pedro do local da loja localizada na CE-O40, no caminho de Messejana. Quando Pedro Freitas abriu essa loja, ninguém dava nada por aquele prédio. Brás apoiou e disse que aquela iria vender igual à da Avenida Dom Luís, um dos locais mais privilegiados comercialmente. “Hoje, a loja da Messejana é uma monstruosidade, enorme, é a segunda com o maior faturamento. Isso demonstra a visão empreendedora que ele tem: quando fez aquela loja não havia quase nada por ali e atualmente é a área de maior desenvolvimento, para onde Fortaleza está crescendo.”

Brás iniciou na Casa Freitas exatamente em um momento mais delicado, o da transição de poderes. Conheceu primeiro o Marcelo, depois a Fernanda. Um fato, em particular, atesta a confiança que Pedro tem no amigo. No dia em que comunicou que iria passar a administração dos negócios para os filhos (nesse tempo Brás administrava a loja do Shopping Iguatemi), Pedro conversou com Brás e dirigiu-se à parte de trás da loja, pois queria falar com ele em particular. O semblante estava um pouco melancólico. Ao se ver a sós com o amigo, Pedro o abraçou e chorou, contando que havia entregado a empresa para os filhos. Brás indagou se ele realmente sabia o que estava fazendo, se estava cem por cento certo daquela decisão. Sim, respondeu Pedro. Lúcido, Brás respondeu: “Então não adianta chorar, fique alegre. O senhor entregou as Casas Freitas para dois filhos altamente responsáveis e o senhor ainda vai trabalhar muito ainda, não está se afastando de vez. Festeje!”. Depois disso, Pedro ainda abriu a loja da Pajuçara. Ali era o dono e administrava do seu jeito. Brás saiu da zona privilegiada onde estava e passou dois anos e meio ajudando na abertura e cuidando do quadro de funcionários da nova loja de Pedro.

Brás admira o jeito irrequieto do amigo, mas sempre ficava apreensivo com sua ânsia por coisas novas. Antes mesmo que um empreendimento se solidificasse, diz Brás, Pedro já estava de olho na próxima

empreitada. Ele acredita ter sido esse seu jeito de não saber parar quieto em um canto só um dos motivos que acabou desestimulando-o a continuar naquela loja.

Na antessala dos 90 anos, Pedro acalanta o sonho de toda uma vida: abrir uma loja em Itapipoca, sua terra natal. “Tenho certeza de que, se isso se tornasse realidade, ele viveria mais feliz e por muito tempo. É o sonho da vida dele. Ele diz que a grande realização dele será quando construir a loja lá, tomar conta dela e finalmente vê-la prosperar. Outro dia, ele contou a novidade: ‘Brás, adivinha quem vai ser vizinho da nossa loja de Itapipoca. As Lojas Americanas! Imagine, ela já vai nascer valorizada, vai ser um estouro!’, disse com os olhos brilhando.”

Mas de tudo que viveu com Pedro, Brás destaca uma virtude sua como se fosse um tesouro: “Se um rico chamar pra ir a uma festa, ele irá, mas não irá tão satisfeito como se um pobre ou um funcionário dele o chamasse pra comer uma panelada, uma buchada ou qualquer comida típica de sua terra. Ele vai com muito mais prazer pra casa de um empregado do que pra casa de um homem rico. A maneira de se vestir, de se portar, é de uma simplicidade que eu admiro. Por essas e outras, eu digo que ele é o cara”.

Além de Brás, Pedro sempre fala em um amigo de infância e vez por outro admite: “Estou louco pra ver o Nonatinho”. Numa de suas viagens a Itapipoca, ele conta que a filha de Nonatinho trabalha com a Fernanda, mas que poucas vezes consegue encontrar o amigo – e daquela vez não foi diferente. Nonato Pinto de Mesquita, Nonatinho, diz que é suspeito para falar do seu companheiro de molecagens. Tímido, de pouca conversa, Nonatinho vai logo dizendo que muita coisa que viveram juntos não dá pra contar. É segredo dos dois. “Pedro é um irmão que eu tenho e que eu gosto muito. Fomos criados juntos. Ele morou aqui no Arapari e nossas famílias são amigas desde a nossa infância. Tem tanta coisa que a gente não pode dizer... mas tomamos muito banho de rio, andamos a cavalo, brincamos de baladeira. Nossas vidas nunca se separaram, pois minha filha trabalha na Casa Freitas há uns cinco anos, já. É gerente”, acrescenta. Sobre o amigo Pedro, é difícil falar. Suspira, se cala, pensa, certamente, em bons momentos vividos nos anos verdes da infância, no interior, onde a natureza, a inocência e a lealdade aos verdadeiros amigos sempre falavam mais alto. “Só tenho a dizer que, apesar da idade dele, o trabalho, a luta dele, continua do mesmo jeito. Pedro está sempre bem disposto, tem muito amor pela família e pelos amigos – isso é o que mais me impressiona e emociona nele.” E já é muito.

CAPÍTULO 27

O tio

Fátima

Fátima Maria de Freitas Montenegro, contadora, filha do Raimundo Gerardo Freitas, o Doca, não esconde que seu tio predileto é e sempre foi o tio Pedro. A segunda filha mais velha de Doca, o irmão mais próximo e o que abriu a primeira loja de Fortaleza em sociedade com ele, no Palácio do Comércio, até hoje mantém uma relação familiar e de negócios com o tio. Quando Pedro vai a Itapipoca, geralmente dorme na casa da sobrinha. E é na empresa dela que está adquirindo os tijolos para a construção da Casa Freitas que será inaugurada em sua terra natal.

Quando era criança, Fátima chamava o tio de “meu namoiado” e não se desgrudava dele quando chegava de São Paulo. Assim como Mario Sérgio Teixeira, sobrinho a quem Pedro estimulava ler e que se tornou escritor, roteirista, dramaturgo, Fátima também recebeu do tio o incentivo para a leitura. Na adolescência, quando tinha o hábito de ler fotonovelas e chegava à loja com elas, Pedro a levava até uma livraria para ela escolher o livro que quisesse, com a condição de que deixasse as revistas com ele. “Aí eu lia tudo: as fotonovelas que ele não queria que eu lesse e os livros que ele me dava. Éramos muito ligados, eu e ele, damos muito certo um com o outro”, diz Fátima.

Ainda criança, assim que terminava a aula, Doca levava a filha para a loja da General Bezerril para trabalhar. Ela fazia parte da turma de primos que reforçavam as vendas de Natal. “A gente ficava com um bolso pendurado pelo pescoço, pra receber os pagamentos e dar os trocos, e outra bolsa cheia de sacolas pra embalar as mercadorias que a gente vendia.

Não tinha papel de presente, não tinha nada. Era só recebendo o dinheiro, dando o troco e entregando o produto na sacola.”

Entre tantas histórias juntos, ela lembra um fim de semana no Anjico, fazenda do seu pai próximo ao município de Irauçuba. Numa noite, o primo Chiquinho, filho da tia Tonha, que sabia que Pedro tinha medo de alma penada, inventou de colocar um menino em seus ombros, cobriu-se com um lençol e foi assustar Pedro. Chiquinho arroudeou a casa e apareceu de repente, à meia-luz das velas e candeieiros, pois nesse tempo ainda não havia luz elétrica na fazenda. Pedro logo notou a farsa e ficou uma fera. Chiquinho, com receio da reação do tio, logo se arrependeu da brincadeira e tirou o lençol, mas não escapou de levar um sermão.

Maria de Lurdes Freitas, 88 anos, mãe de Fátima e viúva do Doca, lembra da relação dos dois irmãos. “Eram muito amigos, os dois. O Doca gostava mais de outras coisas, o Pedro era bem mais focado no trabalho, vivia para trabalhar. Doca tinha a fazenda de Itapipoca, que ele chamava de cidade maravilhosa, seu Rio de Janeiro. E Pedro era mais trabalhador e continua assim, não quer parar nunca. Sempre gostei muito dele.”

De vez em quando, em visita a Fortaleza, Fátima aproveita o fim de semana para levar a mãe para encontrar Pedro e Onivalda. “Ah, é o mesmo amor... quando ele vai pra Itapipoca eu chamo, fico aperreando, cadê quando é que vem pra cá, pra eu fazer um almoço? Ele sempre vai com o secretário dele, o Moacir, e quando tem que dormir ele dorme lá em casa.”

Jale

A mãe de Fátima, sua irmã Augusta, a prima Jale e sua mãe, Maria Assunção, moram no mesmo condomínio – e não é por acaso. O prédio foi construído por Doca e seus filhos, para que a família permanecesse unida. Pedro aderiu, disse que queria um apartamento (embora nunca tenha morado lá), então compraram o terreno e foram construídas 12 unidades.

É nesse apartamento, adquirido pela Casa Freitas, que moram Jale Teixeira de Freitas, 53 anos, filha única de Gerardo Teixeira de Freitas e Assunção. “Tio Pedro pra mim é o patriarca da família. Foi ele quem se responsabilizou pelos sobrinhos órfãos, como se fosse um tutor. Deu toda a assistência para os seis sobrinhos, a mim e aos cinco filhos do Francisco, que morreu em Roraima em 1980. Quem quis estudar, estudou, ele nunca deixou de atender às nossas necessidades”, reconhece.

Em 1972, Pedro e a família foram morar na casa de Gerardo e Assunção, no Jardim Paraíso, em São Paulo, e eles vieram morar na casa de Pedro em Fortaleza. Nesses seis meses, Jales estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e fez a primeira comunhão. De 1973 a 1976, a troca foi desfeita e as duas famílias voltaram às residências habituais – Pedro e família voltaram para Fortaleza, Gerardo e família, para São Paulo. Foi então que Gerardo foi diagnosticado com um câncer na laringe e a família voltou a Fortaleza. Os irmãos moravam na Parquelândia e Jales vivia com a tia Zara, na Rua Dom Rego de Medeiros (Tonha, Doca e Pedro moravam na Rua Érico Mota). “Nós não costumávamos brincar na rua, era mais ali na família, porque os Freitas sempre foram de proteger uns aos outros. Lembro que tinha dia que eu almoçava várias vezes, na casa de cada tio. Eu morava na tia Zara, mas tinha uma porta que dava para a casa do tio Pedro e eu ia brincar com os meninos dele... porque eram três filhas únicas, eu era a única filha do papai, a Fernanda era a única filha do tio Pedro e a Jack era a filha única do tio Francisco, então a gente brincava constantemente. Brincávamos muito na casa do tio Doca, também. Ele tinha quatro filhas, e pedia que a gente ‘seguisse vela’ quando elas iam passear, porque as meninas eram mais velhas e tinham lá seus pretendentes.”

Gerardo Teixeira, o pai de Jale e sócio de Pedro em São Paulo, morreu em 1976, aos 54 anos, de câncer na laringe. “Quando meu pai morreu, todos ainda eram sócios – Raimundo Gerardo, o Doca, e Pedro, sócios em Fortaleza; o Gerardo Teixeira de Freitas e Francisco Plácido Teixeira, sócios de Pedro em São Paulo. Depois que o tio Francisco morreu, a família dele saiu da sociedade, depois foi o tio Doca quem saiu. Eu e o tio Pedro ficamos resolvendo a documentação de umas quitinetes, que ficaram em meu nome”, explica.

Logo que voltou de São Paulo para morar em Fortaleza, após a morte do pai, um fato marcou a vida de Jale. No primeiro dia de aula, um professor passou uma prova em que ela tinha de falar sobre o Ceará e responder perguntas sobre o estado. Evidentemente, todos os alunos sabiam coisas sobre seu estado, além da matéria que tinham estudado com antecedência. Jales morou a vida inteira em São Paulo e havia acabado de chegar à cidade e não soube o que fazer. Alguns colegas ainda lhe ofereceram suas provas, para que copiasse. Ela se recusou. Levantou a mão, disse ao professor o motivo de não se sentir em condições de fazer a prova. Pediu um prazo e material, para que pudesse estudar e fazer o teste posteriormente. Ele disse que não, que ela podia deixar as questões em branco e recuperaria a nota zero depois. Chateada, ela contou a história ao tio. Imediatamente ele foi ao colégio e resolveu a injustiça: o diretor e o professor pediram desculpas e Jale teve a chance de fazer a prova em alguns dias, garantindo seu dez. “Isso nunca me saiu da cabeça e eu sou até hoje muito grata a ele, pois aquele zero poderia me fazer repetir o ano injustamente.”

Durante a vida toda, Jales esteve sempre sob a proteção do tio. Nas férias, costumava fugir do frio paulistano, que insuflava sua alergia, em Fortaleza. Desde a chegada no aeroporto era uma festa. Pedro ia buscar a sobrinha e dizia à Tonha e Zara que ela não havia chegado. As duas, às voltas com terços e promessas para que o avião não caísse, ficavam desesperadas. Aí, ele ria e fazia Jales entrar, antes que sua brincadeira provocasse estrago maior.

No período em que fazia faculdade de Odontologia, em São Paulo, sua mãe teve que ir a Fortaleza, para o enterro de sua avó, e Jales ficou sozinha. “Tinha uma vizinha que era como se fosse uma mãe pra mim e eu pedia para ela vir dormir toda noite comigo. Lembro que o tio Pedro ligava para perguntar se eu estava bem, se estava em segurança. Quando eu estudei no Cearense, mesmo colégio do Pedro e da Fernanda, era tio Pedro quem ia me buscar e me deixar.”

Jale recorda-se com ternura do apoio da família no tempo em que teve problemas de saúde. Ela passou dois anos investigando uma enfermidade que nenhum médico conseguia diagnosticar. “Foi uma coisa que me marcou muito. Quando descobri o que eu tinha, a coisa já estava bem evoluída, tive que fazer uma cirurgia. Era um mioma, benigno, que se moveu em relação ao intestino. Por causa dele, eu estava já com anemia profunda. O Jair Teixeira, meu primo, conseguiu para mim o melhor quarto do hospital. Eu me lembro do tio Doca e do tio Pedro rezando, me confortando. Esse suporte da família do meu pai é muito importante pra mim”, diz Jale.

A sobrinha, que considera Pedro seu segundo pai, ora para que ele viva “mil anos”, pois é o único dos tios paternos ainda vivo. Ela retribui com carinho tudo o que Pedro fez desde que perdeu o pai: “Colégio, alimentação, a melhor universidade de São Paulo, tudo quem pagou para mim foi o tio Pedro. Nunca faltou nada pra mim, até meu consultório odontológico ele montou, comprou todos os equipamentos. Também me deu dinheiro pra comprar a sala em que eu trabalho hoje. Até esse apartamento que eu moro com minha mãe também foi comprado pelas Casas Freitas, é nosso também”.

Jair

Jair Teixeira de Freitas é natural de Boa Vista, Roraima, filho de Manuel Teixeira de Freitas e Tereza de Oliveira Rebouças. É ele quem conta a saga de parte da família Freitas no norte do país. “Foram todos os irmãos para o norte, menos o tio Pedro e o tio Doca. Meu pai foi o primeiro a ir para o Amazonas, para o seringal, na época do soldado da borracha, em 1942. Depois convocaram alguns trabalhadores da borracha para trabalhar numa empresa de Manaus. Naquela época estava começando o garimpo de diamantes em Roraima.”

Manuel Teixeira, seu pai, garimpava na fronteira com a Guiana Inglesa e Venezuela, região de serra, de difícil acesso. Ficou lá por mais de 40 anos. Logo que começou a ganhar algum dinheiro, voltou a Fortaleza, para onde alguns de seus irmãos haviam se mudado, vindos de Itapipoca. Sua intenção era levá-los também para o norte. O mais velho dos irmãos, o Freitas, o Chico (pai do Mario), e o Gerardo (pai da Jale) foram com ele. Doca já estava casado e estabelecido, e Pedro era muito novinho, não tinha condições de ir para o garimpo.

Muitos anos depois, quando tinha 15, 16 anos, Jair foi morar com Pedro. Apesar de ser o caçula, ele o considera o líder da família, por ter acompanhado de perto e ajudado a vida dos sobrinhos e parentes. “Morei com ele quase um ano. Antes, eu fiquei na casa do tio Chico, em São Paulo, até ele falecer, em 1980. Fui, então, morar com o tio Pedro. Eu estudava no antigo São João, hoje Farias Brito, da Avenida Santos Dumont e ele morava numa casa, na Rua Antonio Justa, continuação da Avenida Abolição. Meu tio sempre foi muito pai pra todo mundo, inclusive para mim. Ajudava financeiramente, na mensalidade da escola, alimentação, moradia, tudo.”

Para começar a vida de comerciante, Jair também contou com a ajuda do tio, que dava ao sobrinho o aval para a compra de produtos agropecuários. “Muitas vezes me emprestou dinheiro quando eu precisei, porque ele não é muito de dar o peixe, ele dá a vara pra você aprender a pescar, o que eu agradeço demais”, diz Jair, que hoje trabalha com máquinas de áudio e vídeo, no Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte.

“Meu tio é um exemplo de vida, sem dúvida um grande líder, uma pessoa de coração extraordinário. Se você tem algum tipo de problema, ele considera aquilo como se fosse dele.” A época de maior proximidade entre os dois foi quando Jair morava e trabalhava em Messejana, no depósito da Casa Freitas. Depois que Pedro parou de trabalhar, a distância foi inevitável, mas “o carinho permanece o mesmo”, garante Jair.

Jane

Jane de Freitas Castelo Branco, 55 anos, irmã de Jair, é casada, tem três filhos e três netos e nasceu em Roraima. Assim como seus irmãos Jair, Jóia e José Antônio (dono de uma loja de produtos veterinários), também trabalha no comércio: é dona de *pet shop*. Morou em Roraima até os 14 anos, quando seu tio Doca foi buscá-la. Então, Jane morou dois anos no Maranhão com a irmã Stela, que lá era diretora de um colégio. “Tia Stela é minha outra mãe, que eu sempre amei de paixão. A tia Stela achava que eu ia ser freira, pois sempre me dei muito bem com elas, ainda hoje sou apaixonada pelas irmãs.” Depois, Jane foi para Fortaleza, morar com a tia Zara, na Parquelândia, vizinho ao tio Pedro.

O tio Pedro foi de grande ajuda em sua educação, responsabilizando-se pelas mensalidades escolares, quando Jane passou a morar em Fortaleza. O início de sua vida profissional foi na Casa Freitas, aos 16 anos, onde permaneceu até casar, quatro anos depois. O marido passou em concurso do Banco do Brasil e os dois foram morar em Russas. Jane voltou para a capital, tempos depois. Trabalhou com os irmãos, até que abriu a loja atual, há 16 anos. Logo no começo do negócio, colocou várias mercadorias da Casa Freitas para vender, em consignação.

Pedro e Onivalda foram os escolhidos para padrinhos da primeira filha de Jane, a Jeane. Hoje, Jane sente muita falta do tio, de quando ele ia visitar sua loja e ficava encostado ao balcão, puxando dedos de prosa. “Ficava horas ali, me vendo trabalhar e conversando. Mesmo depois que começou essa onda de violência, ele nunca andou com seguranças. Muito simples, vinha aqui na loja, sentava quase no meio da rua conversando comigo e eu preocupada com a segurança dele. Meu tio é uma pessoa maravilhosa, excepcional.” Quando fala no tio, Jane se emociona. Ela cantarola “como é grande o meu amor por você”, numa alusão ao que sente por seu Pedro.

Zezinho “garupão”

José de Castro Freitas, 65 anos, o Zezinho, é filho de Antônio de Freitas e Maria Castro de Freitas. Seu pai foi mecânico em Fortaleza e depois foi garimpeiro em Rio Branco, seguindo as pegadas dos irmãos Pequeno e Gerardo. Zezinho morou no Acre até os 16 anos, quando mudou para Fortaleza. Trabalhou 12 anos com o tio – primeiro como vendedor, na Casa Freitas, em seguida na fábrica de linhas Seridó, como mecânico de máquinas. Hoje, é empresário do ramo de embalagens para supermercado.

Logo que chegou do Acre, Zezinho morou na Rua Dom Rego de Medeiros com a avó Tonha. Pedro e Onivalda moravam na esquina, bem pertinho. Pedro, que sempre o encontrava pela vizinhança, convidou o sobrinho para trabalhar com ele. Em 1975, ele foi para outra empresa, passou somente seis meses e saiu pra abrir seu próprio negócio.

Foi trabalhando na fábrica de linhas Seridó que ele conheceu o amor de sua vida. Inês Cordeiro de Freitas, sua “princesa” (como ele ainda a chama), era operária da fábrica. Hoje, já são 45 anos de casamento e três filhas (todas trabalham na empresa do pai). Recém-casado, Zezinho resolveu trocar a pequena casa que tinha por uma camionete Toyota, para trazer mercadorias (galinha, farinha, goma etc.) de Itapipoca e vender em Fortaleza. “Comecei assim, depois passei a fazer embalagens e hoje tenho essa empresa, há 20 anos, no Antonio Bezerra, com 50 empregados fixos, fora os avulsos.”

Também natural de Itapipoca, Inês trabalhou na fábrica de linhas Seridó dos 13 aos 24 anos. Saiu de lá para abrir seu negócio. “Eu vim de um distrito de Itapipoca para estudar na casa de um tio, que era bem de vida. Quando eu tinha 12 anos, meu tio faleceu e eu fui morar com uma tia que não tinha a mesma condição financeira, foi preciso trabalhar para ajudar. Eu conhecia um rapaz de Itapipoca que já trabalhava na fábrica, falou com o seu Pedro e o seu Doca e eu consegui o emprego. Aí, com 18 anos, conheci o Zezinho e casei com 19. Hoje eu já tenho neta com 20 anos! Minhas filhas se casaram novas, igual a mim”, conta.

Ambos concordam que, como patrão, Pedro era exigente e firme, mas também brincalhão, não guardava raiva de ninguém. “Na Seridó a gente tinha mais contato com o Doca, que ficava lá direto enquanto seu Pedro estava na Casa Freitas. Quando diziam “lá vem o seu Pedro”, todo mundo, ficava apreensivo, porque ele botava moral. Seu Doca era mais aberto e sempre tirava o corpo de banda, quando o assunto era mais sério. Se havia uma ordem a cumprir, ele dizia logo, “isso foi o Pedro que mandou”, tudo era o Pedro. Aí a gente criou aquele medo”, diz Inês.

No começo do casamento, até equilibrarem o orçamento, Zezinho e Inês moraram com a Zara, irmã do Pedro, que muito os ajudou. Depois, Pedro cedeu uma casa para eles no bairro Presidente Kennedy, onde funcionava uma fábrica de cera de carnaúba. “A gente tinha muito cuidado com a casa e ainda tomava conta dos galpões. Nós vivemos lá muito tempo, já tínhamos uma filha quando saímos para nossa própria casa. A gente sabia que qualquer dia eles iam precisar da casa e a gente ia ter que sair. Eles nos acolheram nos momentos mais difíceis, mas conseguimos, enfim, comprar nossa casa no Conjunto Ceará”, diz Inês.

Quando souberam que Zezinho e Inês iriam casar, Pedro e Onivalda tiveram receio, pois eram muito jovens, não tinham nenhuma estrutura para constituir uma família. “Nunca tive raiva disso, porque eu já entendia que a gente não tinha mesmo nenhuma condição de casar, era uma dificuldade grande aquele começo.” Em seguida, tudo entrou nos eixos e, como sempre, Pedro foi se aproximando e ajudando o casal. “Em 2014, tio Pedro e tia Onivalda foram para o aniversário do Zezinho, em um *buffet*, na Aldeota. Eu fiz para reunir a família dele, porque ele se sentiria muito feliz em fazer 65 anos ao lado de toda a família. Eles fizeram questão de ir, mesmo com a tia Onivalda doente”, relata.

Zezinho conta que Pedro sempre o chama de “garupão”, referindo-se à característica física traseira, que herdou de sua mãe. “Eu conheci o tio Pedro farrista, ainda solteiro, era um cavalo de troia. Como patrão, era bom, mas muito exigente. Agora, quando se zanga, né? A vantagem é que, dali a uns minutinhos, parecia que nada aconteceu. Sempre tive muita afinidade com o tio, gostava muito dos fins de semana que ele levava a gente para a praia. Nossa relação continua boa, mas não temos mais tempo de nos encontrar, porque a gente trabalha demais”, explica Zezinho.



FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

O cunhado

“Eu tinha 12 irmãos e me casei com o Gerardo, irmão do Pedro, em novembro de 1960. Na época em que eu me casei, o Pedro ainda era solteiro e morava em São Paulo. Meu marido morava em Boa Vista (RR), ele foi garimpeiro, assim como o tio Chico. No início dos anos 60, Pedro vendia os bordados de Fortaleza e meu marido era que descarregava o caminhão em São Paulo. Nessa época, a gente não tinha nada ainda, morava em casa alugada. Pedro e meu marido moravam juntos, na mesma casa, no bairro da Aclimação. Morávamos eu e o Gerardo, o Pedro, solteiro, a Bebé (Maria Mercedes) e o Chico (pais do Mário). Eu casei em novembro de 60. Quando o Pedro veio embora para morar em Fortaleza, já não tinham mais loja de bordado, era loja de brinquedo. Na verdade, era um armarinho que também vendia brinquedos. A loja era lotada. A lembrança que tenho mais forte, que sempre me chamou muita atenção, era a alegria dos irmãos quando estavam juntos. Quando eu casei, foi uma segunda família que eu ganhei”.

Maria Assunção Braga de Freitas, 80,
mãe de Jales, é cunhada e prima em segundo grau de Pedro

CAPÍTULO 28

O sogro

Pedrinho e Maria Ozileia Facundo Freitas, a Leinha, sua atual esposa, conheceram-se há 21 anos e tiveram dois filhos, Pedro Neto e João Paulo. Na época, Leinha era noiva do melhor amigo de Pedrinho, Luís Carlos, e Pedrinho namorava Patrícia. A vida os afastou e Pedrinho acabou casando com Adriana e tendo uma filha, Amanda. Seis anos depois, Pedrinho estava se separando de Adriana e Luís Carlos, seu amigo e namorado de Leinha, havia falecido. “A gente se reencontrou, conversamos, namoramos e casamos em três ou quatro meses”, conta ela.

Leinha já trabalhava no comércio, era gerente de uma loja que vende sapatos. Mas estava insatisfeita, porque sabia que ali não havia mais nenhuma oportunidade de crescimento e então começou a vender confecção por conta própria. Viajava para Belo Horizonte e São Paulo, comprava roupas e revendia em Fortaleza. Quando reencontrou Pedro, foi ser gerente da sua loja, depois passou a ser responsável pelo setor financeiro, onde permanece até hoje. Rapidamente absorveu um ritmo pesado de trabalho, organizando com Pedrinho as participações em feiras, por dez anos. “Com isso, abrimos nosso depósito na Avenida Imperador, no centro de Fortaleza. A loja da General Sampaio, no mesmo bairro, passou a ser varejo. A gente trabalhava muito, virava noite, trabalhava sábado, domingo, feriado, eu tirando nota fiscal, o Pedro carregando mercadoria. Tínhamos um apartamento no depósito e quando era preciso nós dormíamos lá, depois de trabalhar até três da manhã. Antigamente, perdíamos

Marcelo, Cynthia,
Pedro (neto), Oziléia
(Leinha), João Paulo
(à frente), Pedro
Freitas, Onivalda,
Ricardo, Fernanda,
Paulo e Carol

FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA



muito tempo com trabalho braçal, que hoje é, em grande parte, feito pela informática. Conferíamos nota por nota, fazíamos a reposição de produtos nós mesmos, então era muito cansativo”, relembra.

As histórias de Leinha se confundem com o crescimento comercial do marido. A luta dos dois, dia a dia, foi temperando o sabor de vitória de quem conseguiu, a partir de uma loja com estoque, abrir tantas outras. Também por conta disso, a relação com o sogro foi sendo construída na base da admiração mútua. “É uma relação boa, de muito respeito. Ele é atencioso, confia muito em mim, me admira, pelo fato de eu e o Pedrinho batalharmos juntos e ter conquistado essa nossa história de vida com muita união. Entre as tempestades e bonanças, vencemos juntos, então ele me vê assim, como uma pessoa guerreira, sempre ao lado do filho dele. Mesmo quando ele estava bravo e ligava pra passar um recado mais forte para o filho, eu só o escutava, nunca me indispus, pois tenho bastante respeito por ele”, conclui.

Quando pensa nos traços de personalidade entre pai e filho, Leinha é objetiva: sem dúvida, o tino comercial é evidente nos dois. Mas há também o jeito de ser, extrovertido, irrequieto, sempre atentos às novas possibilidades, a vontade de trabalhar com afinco, e até o medo de alma (sim, Pedrinho confessa que já chegou a acabar um namoro porque a moça começou a falar em espíritos). De gerações bastante distintas, Pedro e Pedrinho também têm suas diferenças. O pai detesta viajar, o lazer

predileto de Pedrinho, por exemplo. E a educação dos filhos, que hoje em dia, como ressaltam os três, Fernanda, Pedro e Marcelo, já não é mais a mesma. Leinha concorda: “Ele era bem diferente da gente, de como educamos nossos filhos hoje, porque ele era muito educador. Hoje, às vezes a gente dá as coisas a um filho até pra se livrar da pessoa aperreando. Com o seu Pedro não tinha isso não: para ganhar algo, tinha que trabalhar para merecer”, diz ela.

A esposa de Marcelo, Cynthia de Andrade Gomes Freitas, é dona de um salão de beleza há 17 anos, o Donna (ex-Cynthia). Casou com Marcelo em 2006 e com ele teve dois filhos, a Lara, 8, e o Marcelo, 7. Cynthia conheceu a família muito jovem, ainda com 10, 11 anos, e seu Pedro já dizia: “Você vai ser minha nora”. Desde essa época, a família Freitas frequentava a fazenda dos pais de Cynthia, em Itapajé. “Eu lembro muito dele na fazenda e que ele tinha medo de alma. A gente ficava conversando sobre o assunto e ele não gostava, mudava de assunto. Desde o começo, ele sempre me tratou muito bem. É um beijoqueiro, adora um carinho. Até hoje, ele é cliente do salão (assim como dona Onivalda, que era uma cliente fiel, antes mesmo do meu namoro com o Marcelo), gosta de brincar com as manicures, é muito expansivo. Eu sinto que ele me adora, me acha muito batalhadora, dinâmica e ele valoriza muito esse lado”, afirma Cynthia.

À medida que os anos foram passando e seu Pedro foi, aos poucos, deixando de trabalhar, a aproximação das noras e de toda a família ficou maior. “Porque antigamente ele trabalhava muito, acabava se distanciando por causa do trabalho. Hoje estamos bem mais próximos. Por exemplo, no feriado de 7 de setembro a gente foi pra serra e ele foi passar um dia lá, foi muito bom”, diz Leinha.

Quando o assunto é nora, Pedro Freitas enche o peito de orgulho. Se sua marca registrada é o trabalho, vê claramente seu reflexo nas duas filhas que ganhou de presente. Ao tocar no nome de Cynthia ou Leinha, os adjetivos vêm sempre no diminutivo: “Minha norinha”, “danadinha”. Não é raro que as chame de meu amor, derretendo-se em carinhos, cheiros e abraços. “Ele sempre nos apresenta como filhas dele e não como noras”, conta Leinha. Ao que Cynthia acrescenta: “Gosto demais dele, é uma pessoa maravilhosa e eu também o tenho como um pai. É impossível alguém não gostar do seu Pedro”.

CAPÍTULO 29

O avô

São sete os netos de Pedro. Nas férias, todos se reúnem em torno da grande mesa do almoço domingueiro dos avós, recuperando o tempo em que passam longe uns dos outros. Entre risadas, histórias, conselhos, piadas e papos sérios, eles curtem a família e a levam a sério – uma lição que creditam a Pedro. Três deles, Amanda, Carol e Pedro estudam em São Paulo e moram juntos; Ricardo, João Paulo, Lara e Marcelo moram em Fortaleza. Destes, somente João Paulo planeja seguir os passos dos irmãos Pedro e Amanda e cursar faculdade na capital paulista. Em todos, há uma marca inconfundível do avô: o desejo de superação, de trilhar novos caminhos e vencer por seus próprios méritos.

O primogênito de Fernanda, Ricardo de Freitas Gomes, tem 26 anos, é administrador de empresas e supervisor da Casa Freitas (e da imobiliária, onde o avô trabalhava). Começou a vida profissional nos negócios da família aos 18 e tem planos de continuar investindo em sua carreira na Casa Freitas, assumindo a responsabilidade de primeiro neto. Ricardinho, como é chamado em família, é o mimo da avó. De Pedro, lembra dos ensinamentos sobre a vida diária, de sua simplicidade e brincadeiras. “Quem ia me buscar na escola era minha avó, mas no almoço ele sempre brincava. Dizia que minha vó fazia minhas vontades e reclamava, ‘você faz todos os gostos desse menino, por isso é que ele é desse jeito, mimado’. Quando ela saía e comprava coisa pra mim, ele falava: ‘você vai estragar esse menino!’”, diz, rindo.

Para confirmar a fama do avô, de ser uma pessoa segura ao lidar com dinheiro, Ricardinho conta a história da água mineral. Nesse tempo, Pedro trabalhava em Maracanaú e costumava comprar lá tudo que fosse mais barato que em Fortaleza, inclusive água mineral. Onivalda não se conformava com isso: “Como é que tu vais levar esse garrafão lá pra Maracanaú pra economizar só um real? O trabalho de levar, o tempo que vai gastar, nem vale a pena”, dizia Onivalda.

O neto mais velho, que visita semanalmente a casa de Pedro e Onivalda, confirma a falta de preocupação do avô com ostentação: Ricardo nunca o viu com um carro último modelo, uma carteira bacana, um celular mais moderno ou roupas caras. Uma das poucas vaidades do avô é o perfume. “Ele não sai de casa sem passar perfume. É só abrir o armário dele e ver que essa é a única vaidade dele. Se quiser agradar o meu vô, dê um perfume a ele”, garante o neto.

A relação de Pedro com Onivalda sempre chamou sua atenção. “Ele realmente foi dar maior valor à minha vó depois que parou de trabalhar, faz alguns anos. Começou a almoçar em casa, porque antes trabalhava demais, chegava tarde. Quando ele entregou as Casas Freitas para a minha mãe e para o Pedro, ele começou do zero lá em Maracanaú... ninguém dizia que ele ia conseguir e ele conseguiu. Eu sempre falava para ele deixar de trabalhar tanto, que ele devia parar e cuidar da saúde dele e da minha vó. Mas, hoje, ele dá o maior valor a ela, estão sempre juntos.”

Embora tivesse uma intimidade maior com a avó, que ajudou a criá-lo, Ricardinho diz que herdou do avô o jeito de tratar todos igualmente. “Ele é o único avô que eu conheci e eu acho que, como ele, trato todo mundo igual. O que eu mais admiro é que ele nunca deu valor a nada material e sempre quis ajudar o próximo. Teve época que ele ajudava meu pai, dispensando o aluguel de um estacionamento, nunca gostava de ver ninguém passar necessidade. Mas ele sempre cobrou muito da gente. Em uma palavra, meu vô é íntegro, sempre foi muito honesto. Duas coisas dele que vou carregar para o resto da vida: pretendo ter a mesma honestidade que ele tem e só gastar x, quando já tiver 2x”. Ricardinho diz que também aprendeu com Pedro a nunca ter medo e correr atrás do que quer: “Ele foi para o Rio, para São Paulo, sempre foi muito ousado e eu tenho isso como exemplo”.

Ricardo e Pedro foram há pouco tempo a Itaipoca. Foi um momento de franca troca de ideias. Pedro ia parando de casa em casa para prostrar, mostrando a casa onde morou na infância, o terreno onde vai construir a próxima loja. No percurso, parava para falar com todo mundo na rua. Impaciente, Ricardinho alertava: “Vamos, vô, assim a gente vai chegar a

Fortaleza às oito da noite!”. Pedro ria e continuava sua peregrinação pelas ruas de sua cidade.

Caroline Maria de Freitas Gomes, a Carol, 23 anos, irmã caçula de Ricardo, faz Direito na Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo e pretende concluir o curso em 2017. Da infância, guarda nitidamente as imagens dos natais nas Dunas. A casa cheia de gente, aquela família grande, a troca de presentes, as brincadeiras... “Nos natais, ele sempre gostou de brincar... olhava pra minha vó e dizia, ‘Já viu que mulher linda’, e ela ‘ah, deixa de besteira, Pedro’... sempre foi assim, ele era um fofo. Com os netos, principalmente.”

Ao terminar o ginásio, Carol foi estudar um ano na Suíça e na volta sua mãe a levou para trabalhar com o avô, em Maracanaú, “para ter um choque de realidade”. Ao chegar na loja, Pedro disse aos funcionários todos que aquela era uma filha bastarda que ele tinha acabado de descobrir e que ela teria de “aprender na marra”, que eles não dessem moleza e a pusessem para trabalhar duro. “E ele me disse, na frente de todo mundo: ‘está achando que vai ser fácil? Tá muito enganada’. Eu estava na função de vendedora. O pessoal passou o dia todo no meu pé, dizendo que não valia fazer corpo mole... ao fim do dia, depois de muito sofrimento, ele disse a verdade. Aí, quando o pessoal soube que eu era a filha da dona Fernanda, começou a manerar”, recorda-se.

Quando era criança, Carol ia muito à loja, mas ficava um pouco distante, tinha um pouco de receio do avô, quando ele começava a dar ordens, a falar alto, impor respeito. “Naquela época era muito difícil, porque ele fez a família inteira crescer, não cresceu sozinho, nunca pensou só nele. Trabalhou com os irmãos, o que eu acho muito importante, valorizar a família”, opina Carol. Uma frase que ela nunca esquece – e que a faz lembrar-se do avô – é a que virou símbolo da Casa Freitas: “Aqui trabalha a minha família para melhor servir à sua”.

No começo de sua experiências na loja, Carol admite que gostava de contestar o cliente, se ele não tivesse razão. “Aí ele e minha mãe me ensinavam que o cliente sempre tinha razão. Uma vez uma mulher veio trocar um bule de café, com cheiro de café, já usado. Ela claramente estava mentindo e eu disse a ela que estava mentindo. Eu estava com raiva e a mamãe dizendo para eu ter calma, que a cliente tinha razão.” No caixa, também foi difícil. “Eu me enrolava toda, chegava seis horas, fim de expediente, a fila aumentando e eu errando, nervosa. O vovô, calmo, dizia ‘deixa ela aí, é assim mesmo que se aprende. Tinha que passar o produto, e somar, eu errava, começava tudo de novo, um sufoco..., mas foi bom porque eu aprendi

a lidar com a pressão. Eu tinha 17 anos. Lembro dos clientes reclamando da demora e meu avô olhando pra mim, tranquilamente.” Ao narrar seu aprendizado com os dois, mãe e avô, Carol faz questão de ressaltar como os dois se parecem. “A minha mãe é o meu avô todinho, é igual, não tem o que tirar não, até no jeito de comer... e ele, dá pra notar, tem um carinho todo especial pela mamãe. É ela que resolve todos os problemas dele, leva ao hospital, essas coisas”, revela.

Uma cena recorrente em sua infância era a hora da refeição, quando o avô sempre dava comida para o cachorro, o Tiririca, e a avó Onivalda sempre reclamava disso. O que não adiantava, pois na próxima refeição, ele de novo alimentava o cão. “O Tiririca era obeso por causa dele, que acabou engordando demais o cachorro. Era um vira-latas, misturado com pincher, inchado, enorme, bem esquisito. Morreu depois de comer chumbinho, veneno para rato. Eu devia ter uns 15 anos. Nenhum de nós era muito apegado ao cachorro, só a Ângela, que trabalha lá na casa da vó, adorava ele”, conta.

Perseverança, saber olhar pra frente, nunca desistir, ter a certeza de que tudo vai dar certo, ter uma visão de mundo diferente. Essas são as características do avô que Carol busca conseguir. “Ele é iluminado. A maioria das pessoas, diante das primeiras dificuldades, teria desistido. Mas ele é batalhador, queria vencer por si mesmo e para ajudar a família toda, e conseguiu”, admira-se. Mesmo que não tenha total consciência disso, Carol, assim como o avô, também sentiu que estava fora de lugar, que não dava mais para morar em Fortaleza. Tomou essa decisão aos 19, mas o avô ficou temeroso. Ela era muito nova – e mulher, ele sempre teve um cuidado e um carinho diferente com as netas. A solução que ele achou foi contratar uma babá pra tomar conta de Carol. Deu tudo certo. “Agora moro com meus primos, filhos do tio Pedrinho, em Higienópolis, a dez minutos da faculdade. No futuro, penso em voltar a trabalhar na loja e ajudar em algum aspecto jurídico”, planeja.

Das broncas do avô, Carol pouco se recorda, exceto uma ou outra discussão com seu irmão Ricardo, quando ele passava dos limites. “Com mulher ele era mais doce, cobrava mais dos homens.” O fato é que ela aprendeu que, em qualquer ocasião, Pedro “sempre foi um homem de palavra, o que ele prometia ele cumpria, tinha honra, costumes antigos, tradicionais, dos quais ele nunca se despreendeu”. Pedro é do tipo que leva a sério a honra, a palavra empenhada: se uma pessoa chegasse pedindo dinheiro a ele e dava a sua palavra que ia pagar ele confiava e emprestava, sem pestanejar, mesmo que não fosse um amigo dele. “Coisa que hoje em dia não

dá mais pra você fazer”, diz Carol. De férias, em Fortaleza, Carol costuma ir à tarde visitar os avós para conversar com Pedro e Onivalda – e, é claro, comer os quitutes da casa da avó.

Amanda, 24, a primeira filha de Pedrinho (do primeiro casamento), está realizando, por tabela, um antigo sonho do avô: ser médica. Atualmente, Amanda está no quinto semestre e estagia no Hospital Beneficência Portuguesa. Sempre que fala em sua família, Pedro diz, orgulhoso: “Você sabia que tenho uma neta que vai ser médica?”. A filha de Pedrinho retribui a admiração do avô: “O vovô sempre foi muito carinhoso, gentil, só me fala coisa boa, que soma à minha personalidade. “Sempre disse para eu ter disciplina e batalhar por aquilo que eu quero. Os encontros de família são muito alegres com ele.”

Quando era criança, assim como Carol, Amanda também costumava ir sempre à loja de Maracanaú. E gostava: “A maior lembrança que tenho do meu avô era quando eu ia trabalhar com ele na loja de Maracanaú. Eu adorava ficar lá com ele, sempre me ensinava algo novo e me apresentava para todo mundo. Eu ficava um pouco no caixa e um pouco na venda. O vovô sempre falava com todo mundo, sempre gostei de trabalhar com ele pela sua paciência, humildade e disciplina”.

Em tudo que faz, Amanda vê resquícios do que recebeu e aprendeu em casa. “Tudo que eu ganho e toda a oportunidade que tenho hoje é devido ao meu avô e ao meu pai. Se eu estou aqui, fazendo medicina, que é o que eu gosto, é devido à batalha dele. Então eu lembro muito disso. O que me dá força para estudar e a batalhar aqui é a história de vida dele.” E segue perseguindo, pela vida, duas das qualidades de Pedro que considera fundamentais: a simpatia e a humildade.

Pedro Nolasco Teixeira de Freitas Neto, 19 anos, irmão de Amanda, filho de Pedro e Maria Ozileia, faz Administração de Empresas no Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), em São Paulo. Antes, aos 16, foi estudar em um colégio interno, em Cambridge-UK. Quando voltou para Fortaleza, onde passou três meses, decidiu fazer faculdade em São Paulo e morar com a irmã e a prima. Assim como elas, costuma ouvir muito o avô, nos almoços de domingo, aprendendo com os casos que ele conta. “A minha relação com meu avô é bastante carinhosa, mas, principalmente respeitosa. Eu o admiro bastante e procuro escutar o que ele tem para dizer. Como moro longe, eu me distanciei um pouco, mas quando estou em Fortaleza costumo ir à casa dele e a gente conversa bastante, ele sempre procura me incentivar para estudar muito e ser um grande comerciante, no futuro”, relata.

A principal lição que diz ter recebido do avô paterno não difere dos

Pedro e Onivalda
(sentados) com os
netos. Da esquerda
para a direita:
Amanda, Pedro (neto),
João Paulo, Marcelo,
Carol, Ricardo e Lara

FOTO: JARBAS OLIVEIRA





demais. “Com certeza, é que nós temos que acreditar em nós mesmos, até quando ninguém mais acredita e que podemos vencer, não importa o quanto isso for difícil. Tenho isso em comum com ele: eu também gosto de provar que todo mundo está errado em relação a mim.” Quando disse que queria morar em São Paulo para cursar uma das melhores faculdades do Brasil na área que escolheu, diz, seu pai “não deu muita bola”, porque achava que era só uma fase, logo iria passar. Ninguém acreditava, segundo ele, que fosse passar em uma faculdade renomada, devido ao seu histórico escolar no ensino médio. “Mas provei que sim, graças ao meu esforço consegui passar na faculdade que eu desejava”, conclui. O seu sonho? “Um dia eu espero ser um empresário como meu avô é. Eu me sinto honrado por ter herdado o nome dele e espero fazer com que ele se sinta orgulhoso de mim, pois, assim como ele, eu quero vencer na vida e ter sucesso na profissão que escolhi.”

João Paulo Facundo Freitas, Joãozinho, 13 anos, o caçula de Pedro e Ozileia, estuda no Colégio Santa Cecília e já sabe bem o que quer. Como a prima Carol, planeja fazer Direito, em São Paulo, aproveitando a porteira aberta, primeiramente pelo avô, depois pelos primos. “No futuro, eu quero trabalhar na Casa Freitas e também ter um escritório de direito. Quem me influenciou mais foram meus irmãos, meus primos, todos dizem que lá em São Paulo a faculdade é melhor”, acredita. De vez em quando, especialmente nas férias, João vai à loja do pai, Pedro, para acompanhar o negócio de perto. “Eu quero passar por isso também, como meus primos e irmãos passaram. Uma vez eu fui ajudar a minha mãe a organizar cheque, essa coisa mais do financeiro, e fiquei até às sete da noite”, diz.

Da casa dos avós, guarda muitas lembranças, pois houve um período em que passava o dia todo por lá e à noite seu pai ia pegar. Ficava com uma babá, enquanto seus pais trabalhavam. “Eu me lembro que todo dia minha vó arrumava a roupa do meu vô, ele nunca escolhia a roupa dele. No intervalo da última novela, na véspera do trabalho, ela arrumava tudo para ele trabalhar no dia seguinte.” Carol acrescenta que mesmo doente, em São Paulo, Onivalda dizia que tinha de arrumar a roupa do Pedro. Não por exigência dele, mas por cuidado e carinho que ela tem pelo marido”, lembra Carol.

Sem nunca ter conhecido seu avô materno, que morreu antes do seu nascimento, João Paulo sabe valorizar a relação que tem com Pedro. “À noite ele nunca chegava de mau humor. Como eu nunca tive outro avô, então eu sempre gostei do meu. Embora não fosse muito presente, por causa do trabalho, mas acho que ele é uma pessoa muito boa, trabalhador. Já com mais de 70 anos, ele ficava até onze da noite na loja, em dia de balan-

ço, e eu ficava com minha vó esperando ele. A gente nem se preocupava, já estava acostumado com essa rotina”, conta.

Pedro sempre costuma chamar João Paulo de “público eleito”, porque acalanta o sonho de que seu falante neto seja político. “Ele também fazia muita brincadeira comigo, dizendo que ia roubar minha namorada (que eu nem tinha), essas coisas. Eu ficava pensando que quando arrumasse uma, nunca ia falar para ele, né? Não sou doido! (risos) Comigo ele nunca foi rígido, nunca brigou... acho que sou um dos netos que mais vai à casa do meu avô... em casa de vó, a comida é boa, há mais liberdade, tudo é bom. Na mãe, sempre tem coisa pra fazer... (ri). Às vezes a vó pergunta se eu já comi, mas ele raramente pergunta. O que ele mais faz é comer, comer, assistir TV e ler, o dia todo”, diverte-se.

João Paulo, juntamente com Carol, também lembra as peripécias do avô ao dirigir. Das batidas que ele dava no carro, frequentemente, da caixa de multas de trânsito. Certa vez, os vizinhos começaram a reclamar que tinha alguém estacionando o carro no lugar errado. Era ele. Era uma dificuldade para os outros manobram o carro para sair de um espaço pequeno como aquele. “Aí, uma vez, o vovô saiu raspando o carro dele na pilastra, arranhou todo, acho que ele nem notou. Desde então, nunca mais ele botou o carro no lugar errado”, relata Carol. Reza a lenda que Pedro também teria levado o vidro de um prédio, ao dar uma ré e que nunca teve muito cuidado com seus carros, inclusive com sua limpeza e organização.

Das bodas de ouro dos avós, João Paulo revive uma das cenas que melhor retratam a relação de Pedro e Onivalda. Na festa, Pedro tentava sempre dar um beijo na esposa e ela ficava toda encabulada. João garante, porém, que é ela quem tem mais ciúme. Se ele some ou demora, ela fica sempre perguntando “cadê ele?” Um dos poucos pontos divergentes entre o casal é Itapipoca. Pedro sempre diz que, um dia, quer voltar a morar na terra natal, mas, por ela, iriam morar em São Paulo. “Minha vó costuma brincar: pode ir morar em Itapipoca, se não for fazer nada de errado, pode ir”, fala João Paulo. Mas se alguém fala na possibilidade de Onivalda partir antes, diz João Paulo, Pedro não reage bem: “que Deus me leve primeiro, porque eu não consigo viver sem Onivalda, ficar nesse mundo sem ela não dá”...

As qualidades que João Paulo mais admira no avô são as mesmas que todos citadas pelos outros netos: a simplicidade, a palavra, que uma vez empenhada, jamais volta atrás, a batalha pela vida, o senso de justiça. “Quero ficar velho igual a ele. Aos 90 anos, saudável, casado por meio século e sempre otimista, animado. É um exemplo de vó e de pessoa para mim”, resume.

Agora, que Pedro não sai mais para trabalhar e João Paulo passou a frequentar cada vez mais a casa dos avós, tem conversa de sobra, até para escrever sobre o assunto. Na escola, um dia pediram para fazer uma redação sobre alguém da família que admirasse. Ele escolheu o avô. No texto, relatou o quanto Pedro sofreu no Rio de Janeiro, sua vida de camelô até conseguir abrir a primeira loja em São Paulo, sua volta ao Ceará, como fez para sair do zero e chegar ao que é hoje. “Isso foi em 2014. Achei meio besta o meu texto, mas a professora gostou”, fala, rindo.

Larinha, 8 anos, e Marcelo, 7, os filhos de Marcelo, o caçula de Pedro, dividem os mimos dos avós. Onivalda derrete-se por Marcelinho e Pedro, por Lara, confessa Cynthia, a mãe deles. Entre uma brincadeira e outra, numa manhã de sábado, os dois não querem parar para conversar. Na hora do almoço com os amigos, quando ouvem falar do avô, abrem um largo sorriso e voltam a comer. Cynthia e Marcelo comentam que os dois netos caçulas são a alegria e a diversão dos avós.

PRÊMIOS E HOMENAGENS

2 0 1 6

Recebe homenagem como ex-aluno ilustre da Escola Anastácio Alves Braga, onde estudou até o terceiro ano primário, em Itapipoca.

2 0 1 5

É destaque do jornal O Centenário – publicação do Instituto Episteme, em comemoração ao aniversário de 100 anos da cidade. Edição: Ano 1 – Número 6 – Agosto de 2015. Seção – Minha Vida. Matéria: “De menino pobre e camelo a empresário bem sucedido” (páginas 4 e 5).

No dia 15 de outubro, recebe o Prêmio Destaque Empresarial, concedido pela PPE - Promoções e Eventos, no La Maison Dunas.

2 0 0 9

O grupo Casa Freitas comemora 50 anos de varejo. Lança campanha comemorativa através da agência de publicidade Ideianova e é tema de matéria do Caderno Negócios (Diário do Nordeste, 03/08/2009).

2 0 0 7

Recebe a comenda Edson Queiroz (7ª Edição), das mãos de dona Yolanda Queiroz. Edição especial da Revista do Sindicato do Comércio Varejista e Lojista de Fortaleza publica, em outubro do mesmo ano, a matéria “Pedro Freitas – homenageado: Carisma e determinação para os negócios.”

2 0 0 6

No dia 19 de abril, recebe homenagem da Associação dos Representantes Comerciais de Fortaleza.

2 0 0 1

“A família Freitas – uma lição de vida” é o capítulo dedicado à trajetória de vida de seus familiares, começando por seus pais, Antônio Avelino e Antônia, no livro Antes que eu me esqueça, de Mundinha Negreiros de Andrade Fortaleza (Ed. Premium, 2001).

2 0 0 0

Pedro Nolasco de Freitas é eleito o Lojista do Ano em 2000, em votação realizada no dia 15/12/2000, no La Maison Dunas. Recebeu o Troféu Iracema das mãos do prefeito Juraci Magalhães.

Pedro Freitas
recebe o troféu
Iracema das mãos
do então prefeito
Juraci Magalhães



Da esquerda para a
direita, entrevista à
TV Verdes Mares; com
Marcelo Teixeira; com
Deusmar Queiroz e
com Mauro Benevides





Pedro Freitas
(à direita)
e o deputado Tin
Gomes recebem
de Yolanda Queiroz
a Comenda Edson
Queiroz (7ª Edição)



Erildo Pontes entrega
o prêmio Desteque
Empresarial
a Pedro Freitas,
em 15/10/2015

FOTOS: ARQUIVO DE FAMÍLIA

“Na ribeira do Mirim,
nasceu uma morena
que se chamava Crespim
rodopiava a noite inteira
era a maior das morenas
da Ribeira”

(Cantiga de autor desconhecido)

EPÍLOGO

O retorno ao lar

Natal de 2015. Ao redor da mesa da varanda, no apartamento da Fernanda, filhos e netos aguardam o *flash* do fotógrafo para finalizar a participação da família no trabalho de pouco mais de um ano, entre a idealização do livro e a entrega do texto. O avô comemora a presença de todos os netos, alguns vindos de São Paulo, e brinca com eles. Um filho chega mais cedo, outro se atrasa. Dois netos saem pouco antes da foto. Pedro convida para uma cachacinha mineira. Onivalda, toda elegante, pergunta quando o livro vai ficar pronto. Paulo distrai Pedro para arrancar sorrisos nos retratos. Os anjos cuidadores se confraternizam na mesa da sala. Ansiosos, filhos e netos posicionam-se em torno de Onivalda e Pedro, para a foto oficial. O álbum da família Freitas em 2015 está completo.

O álbum pessoal de Pedro, entretanto, ainda há várias páginas em branco. Às vésperas de seus 90 anos, ele resolve revisitar suas memórias e voltar às origens. Realiza o sonho de, finalmente, abrir uma loja em Itapipoca. Comprou o terreno, contratou os 14 funcionários (através do amigo Aderson, supervisor da obra) e acompanha cada passo da construção. Serão 1.500m² de área construída, no coração comercial da cidade. Com o olhar de quem volta para casa, depois de 74 anos afastado de sua terra natal, Pedro faz planos, alguns bem delineados, outros enevoados. Os filhos, inicialmente reticentes, compraram a ideia e apoiam o novo projeto.

As viagens se tornam cada vez mais frequentes. Em cada uma delas, uma série de imagens, antes turvas, vão se clareando em sua mente. O Hotel Municipal, a primeira parada, recebeu o nome do seu pai, que doou o terreno para a construção (placa na recepção: “Prefeitura Municipal de Itapipoca – Hotel Municipal Antonio Avelino de Freitas – Concluído, urbanizado e instalado na Administração Gerardo Barroso. Itapipoca, 13 de julho de 1984”). Depois de perguntar a algumas pessoas, Pedro localiza a casa onde teria nascido, no Coqueiro. Toca a campainha e é recebido por uma senhora que mora ali com o pai há muitos anos. Antes dela, morava o Antônio Belo, que hoje mata porco, pras bandas do supermercado. Não há mais nenhum vestígio ou vizinho que marque a presença dos Freitas no quarteirão. Ninguém dá notícia da dona Guidinha, do Izaías de Castro, do Perilo. Ele lembra os banhos no Riacho das Moças, ao lado da casa – hoje quase seco e cheio de mato –, onde também banhava seu jumento.

Terceira parada: a casa da prima Marilene e do pai dela, o tio Pedro Alves Teixeira. Recordam do tempo em que o tio cantava na radiadora, pois ainda não havia rádio. Cantam juntos a música da morena da ribeira. Falam com saudade da afilhada Ornízia e da amizade de Pedro com Luís Gonzaga (se há um arrependimento nesta vida, diz Pedro, foi não ter tirado uma foto para documentar uma amizade de tantos anos). A conversa segue frouxa, cheia de idas e vindas, lembranças e lacunas da memória, entremeada por gargalhadas e silêncios saudosos.

Última parada: Escola Anastácio Alves Braga, onde Pedro estudou até o terceiro ano primário. André Bezerra, funcionário da coordenação, o recebe gentilmente na sala onde trabalha. Mostra o painel com nomes de filhos ilustres de Itapipoca que passaram pelo colégio. Pedro e o amigo Aderson comparam as instalações atuais com as de seu tempo, mas são poucas as lembranças de mais de sete décadas atrás. “Vivia mais na roça do que no colégio. Só vinha aqui quando sobrava tempo”, explica Pedro. Dois meses depois da visita, Pedro Freitas é homenageado pela escola como ex-aluno ilustre.

Se vivas fossem, as duas mães de Pedro, a Tonha mãe e a irmã Tonha, haveriam de abençoar e ter orgulho da história de Pedro. Tonha mãe morreu aos 85 anos, “de velhice”, e a irmã Tonha, de câncer. Mas viveram o suficiente para testemunhar a trajetória inacreditável daquele menino temporão que queria ser médico, virou camelô e surpreendeu a família com a competência e perseverança de um vencedor. E continua surpreendendo.





Pedro Freitas,
aos 90 anos, em 2016

FOTO: JARBAS OLIVEIRA





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERALDO, Mozart Soriano. *História Abreviada de Fortaleza*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1974.

ALBUQUERQUE, Cláudia. *Waldemar do Ceará e dos Alcântaras*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2012.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza; BARBOSA, Jorge Augusto Gentil. Jorge A. *Gentil Barbosa – O contador de histórias*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2015.

ANDRADE, Mundinha Negreiros de. *Antes que eu me esqueça*. Fortaleza: Premius, 2001.

CASTRO, Aldenora Rodrigues de. *A Fortaleza que vivi e vi crescer*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

CUNHA, Maria Noélia Rodrigues da. *Praças de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1990.

FILHO, Rogaciano Leite. *A história do Ceará passa por esta rua*. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1998.

FONTES, Eduardo. *As Pouco Lembradas Igrejas de Fortaleza*. Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

LOPES, Marciano. *Royal Briar - A Fortaleza dos Anos 40*.
Fortaleza: Gráfica Editora Tipoprogresso, 1988.

MACIEL, Paulo. *Itaipoca, 314 anos de sua história*.
Itaipoca: Editora Assis Almeida, 1997.

MENEZES, Antônio Bezerra de. *Descrição da Cidade de Fortaleza*.
Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1954.

SOUZA, Simone de. *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

_____. GONÇALVES, Adelaide et al. *Uma nova história do Ceará*.
Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2000.

TEIXEIRA, Sílvio. *1862 – Transferência da Vila para Imperatriz* (folheto impresso).

Jornal O Centenário

Edições

Ano 1 Número 1 – Março de 2015

Ano 1 Número 2 – Abril de 2015

Ano 1 Número 3 – Maio de 2015

Ano 1 Número 6 – Agosto de 2015

Jornal O Regional

Edição Comemorativa de 100 anos de Itaipoca - Ano XV – N° 220

Maison Casa Freitas –
Av. Dom Luís, 251

FOTO: JARBAS OLIVEIRA





CASA FREITAS

Fortaleza/Ce

MATRIZ

Rua General Bezerril, 299/307 – Centro
Telefone: (85) 3433-4666

Rua Pedro Pereira, 121 – Centro
Telefone: (85) 3433-4671

Rua Pedro Borges, 135 – Centro
Telefone: (85) 3433-4670

Rua Liberato Barroso, 234/240 – Centro
Telefone: (85) 3433-4678

Av. Dom Luís, 281 – Aldeota
Telefone: (85) 3433-1083

Av. Dom Luís, 251 – Aldeota
Telefone: (85) 3261-5907

Av. Prof. Gomes de Matos, 587 –
Montese
Telefone: (85) 3433-5520

Shopping Via Sul, Lj 118/121
Av. Washington Soares, 4335 –
Água Fria
Telefone: (85) 3278-4480

Av. Washington Soares, 50 – Água Fria
Telefone: (85) 3488-3757

Av. Barão de Aquiraz, 3150 – Messejana
Telefone: (85) 3433-5215

Maracanaú/Ce

Av. Dr. Mendel Steinbruch, 2527 –
Pajuçara
Telefone: (85) 3215-2006

Teresina/Pi

Rua Sen. Teodoro Pacheco, 745 – Centro
Telefone: (86) 3221-6772

Rua Areolino de Abreu, 1157 – Centro
Telefone: (86) 3226-8382

Av. Jóquei Clube, 955 – Jóquei
Telefone: (86) 3233-2802

Av. Jóquei Clube, 955 – Jóquei
Telefone: (86) 3233-2802

São Luís/Ma

Rua Grande, 112 – Centro
Telefone: (98) 3232-2721

Av. Guaxenduba, 26 – Centro
Telefone: (98) 3222-9880

FREITAS VAREJO

Fortaleza/Ce

MATRIZ

Rua General Sampaio, 611 – Centro
Fone: (85) 3488-9959

Rua General Sampaio, 1139/1147 –
Centro
Fone: 3433-3199

Rua Guilherme Rocha, 292 – Centro
Fone: (85) 3433-3188

Rua Castro e Silva, 425 – Centro
Fone: (85) 3212-8812

Av. Senador Virgilio Távora, 1890 –
Aldeota
Fone: (85) 3433-5404

Av. Treze de Maio, 1024 –
Bairro de Fátima
Fone: (85) 3278-4240

Av. Washington Soares, 85 –
Shopping Iguatemi – Édson Queiroz
Fone: (85) 3488-3975

Av. Bezerra de Menezes, 2661 –
Parquelândia
Fone: (85) 3433-3185

Av. Bezerra de Menezes, 1527 –
Parquelândia
Fone: (85) 3433-5360

Maracanaú/Ce

Rua Cônego de Castro s/n – Quadras
164 a 166 – Alto Alegre I
Fone: (85) 3488-9960

Rua Quinze, 408 – Maracanaú
Fone: (85) 3371-7425

Juazeiro do Norte/Ce

Rua São Pedro, 789/795 – Centro
Fone: (88) 3566-4261

Sobral/Ce

Praça General Tibúrcio, 178 – Centro
Fone: (88) 3677-1046

Salvador/Ba

Av. Fernandes da Cunha, 200 – Mares
Fone: (71) 3312-3342

Mossoró/RN

Rua Felipe Camarão, 213 –
Alto da Conceição
Fone: (84) 3316-9846 / 3317-5353

FOTO: JARBAS OLIVEIRA



SOBRE A AUTORA

Ana Karla Dubiela é jornalista, graduada pela Universidade Federal do Ceará. Especialista (UFC), mestre (UFC) e doutora (UFF/RJ) em Literatura.

Trabalhou em diversos meios de comunicação como repórter e editora. Autora dos livros *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos – uma leitura da crítica social em Rubem Braga* e *Um coração postiço – a formação da crônica de Rubem Braga*.

Coautora de *As mães de Chico Xavier*. Ministrou cursos e proferiu palestras sobre literatura no Congresso Nacional, Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), UFSC e Bienal Nacional da Crônica (Cachoeiro de Itapemirim, ES). Trabalha com edição, preparação de texto e revisão de **livros. an_karla@hotmail.com**

TEXTO E ORGANIZAÇÃO

Ana Karla Dubiela

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Dora Freitas

EDIÇÃO DE TEXTO

Dora Freitas e Sílvia Furtado

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Gil Dicelli

FOTO DE CAPA

Jarbas Oliveira

FOTOGRAFIAS

Jarbas Oliveira, Arquivo da família
Freitas, José Rosa Filho
e Chico Albuquerque/Convênio
Museu da Imagem e do Som –
SP/Instituto Moreira Salles

REVISÃO

Orlando Nunes

AGRADECIMENTOS

Fernanda Freitas, Paulo Fernandes
Rodrigues Ribeiro, Jales Freitas,
Maria Célia (Irmã Célia),
Dina Lúcia Pinheiro Landim,
Moacir Rodrigues

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

D878p Dubiela, Ana Karla Correia Teixeira.
 Pedro Freitas : a vitória do trabalho / Ana Karla Correia Teixeira Dubiela. – Fortaleza : Lumiar
Comunicação e Consultoria, 2016.
 170 p. : il. color.

Coordenadora do Projeto: Dora Freitas.

ISBN 978-85-64179-18-9

1. Pedro Freitas – Biografia. 2. Comércio – História – Ceará. 3. Comerciantes – Ceará. I. Título.

CDD 920



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-64179-18-9



9 788564 179189